

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARYANA CUNHA FERRARI**

**VILA PALMIRA:** prostituição e memória na grande Florianópolis nas  
décadas de 1960 a 1980.

**FLORIANÓPOLIS**

**2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**VILA PALMIRA:** prostituição e memória na grande Florianópolis nas  
décadas de 1960 a 1980.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr. <sup>a</sup> Joana Maria Pedro.

Maryana Cunha Ferrari

**FLORIANÓPOLIS**

**2008**

À minha família, especialmente à minha mãe  
Júlia, meu pai Ademir e meu marido Jean.

## AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que estiveram ao meu lado, durante a realização deste trabalho, quero agradecer carinhosamente o apoio que recebi e que foi de fundamental importância para que eu pudesse concluir minha dissertação de mestrado.

À minha mãe Julia, agradeço pelas inúmeras vezes em que entendeu meu cansaço e me ajudou a enfrentar com firmeza os momentos difíceis desta caminhada.

À professora Joana Maria Pedro, minha orientadora, agradeço pela compreensão, pela paciência, pela disponibilidade e por acreditar neste trabalho.

Ao meu marido Jean, agradeço por estar ao meu lado superando tantos desafios. Cada parte deste trabalho é fruto também da sua atenção e de sua confiança. Amo-te.

Obrigada também ao meu pai, que muitas vezes se privou da televisão da sala para que eu pudesse trabalhar ali, também me apoiou muito nos momentos complicados. Pai você é maravilhoso.

À professora e amiga Marlene de Fáveri, agradeço por fazer parte da minha história acadêmica e por me ajudar com tantos conselhos, sugestões e incentivos.

Agradeço ainda as professoras e professores do curso de Pós-Graduação em História, e à Nazaré pela atenção que dedica a todos que precisam da secretaria da pós.

A todos minha gratidão, sem vocês eu não teria conseguido!

## RESUMO

Estudo sobre a prostituição, durante o período de 1960 a 1980, em Florianópolis e São José, com ênfase na análise das construções de diferenças e legitimações de desigualdades, que podem ser percebidas através do estudo de uma vila de prostituição chamada: Vila Palmira. Palco de inúmeros encontros sexuais e construções ligadas a afirmações de masculinidade, a Vila Palmira foi criada com o intuito de esconder a prostituição que se fazia presente em Florianópolis, pois os reformadores sociais pretendiam “limpar” a cidade, promover seu desenvolvimento social e prepará-la para o turismo.

**Palavras-chave:** prostituição – construção de diferenças – desenvolvimento social - turismo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: -----	07
CAPÍTULO I: Corpos e Espaços -----	32
1.1: Um Desejo de Cidade -----	32
1.2: Um Espaço Apropriado -----	42
CAPITULO II: A vila: Memória, Tensões e Prazeres -----	58
CAPITULO III: Imagens que se apagam e marcas que ficam-----	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS: -----	113
FONTES: -----	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	121
ANEXOS -----	126

## INTRODUÇÃO

Em abril de 1999, preparando-me para meu Trabalho de Conclusão de Curso, eu pesquisava sobre posturas, códigos e imagens da juventude de Florianópolis na década de 1960. O objetivo era desenvolver um estudo sobre as rainhas dos clubes de elite da capital catarinense, cujo foco seria a análise do comportamento de várias moças que, durante anos, preparavam-se para demonstrar perante um seleto júri, composto por personalidades influentes da sociedade, atitudes delicadas, habilidades manuais, charme e postura.

Da referida pesquisa constavam algumas entrevistas, além de notícias vinculadas em jornais, como o jornal O Estado e o Diário Catarinense, e outras fontes como fotos e objetos pessoais de algumas moças, como vestidos e faixas de miss. Terminado o trabalho com as fontes e transcritas as entrevistas, em conversa com meu avô, Osni Ferrari, soube que, enquanto minha avó preparava suas filhas para serem rainhas de clubes sociais<sup>1</sup>, ele levava os filhos mais velhos, entre eles meu pai, para se divertirem na Vila Palmira.

Vila Palmira? Curiosa, tomei conhecimento de que a Vila Palmira, entre os anos de 1960 e 1970, foi uma vila de prostituição muito famosa na Grande Florianópolis. Ela estava situada em um bairro, naquela época, pouco habitado no município de São José<sup>2</sup>, na Grande Florianópolis, mais especificamente onde hoje é o bairro Jardim Cidade de Florianópolis. E para aqueles que a conheceram era considerado um reduto masculino de divertimentos diversos, shows musicais, concursos de beleza e encontros sexuais.

Entretanto, tal fato causou-me estranheza, visto que havia pesquisado este período, bem como já tinha realizado entrevistas com muitos homens e mulheres que viveram em Florianópolis durante essas décadas, e nunca tinha ouvido falar sobre esta vila de prostituição.

---

<sup>1</sup> Nas décadas de 1950 e 1960, em Florianópolis, a elite se preocupava muito em mostrar para a sociedade a educação e delicadeza de suas meninas. Para isso, alguns pais se empenhavam para preparar suas filhas para concursos que, além da beleza, priorizavam o requinte e as prendas domésticas das candidatas. Ser rainha de um clube social “bem freqüentado” era sinônimo de *status*.

<sup>2</sup> Para melhor localização da Vila Palmira, ver mapas relacionados, em anexo, nas páginas finais deste estudo.

Assim, num primeiro momento, meu objetivo foi descobrir os motivos pelos quais os moradores de Florianópolis, nas décadas de 1960 e 1970, não falavam sobre tal lugar. Indaguei-me sobre o porquê não ouvi comentários. Acreditei que os homens não se sentiam a vontade para comentar sobre suas visitas noturnas a um prostíbulo local, e nem as mulheres gostavam de rememorar as diversas noites em que ficavam no interior de seus lares esperando seus maridos e filhos voltarem. Por este motivo, tentavam excluir as memórias relacionadas à existência de uma freqüentada vila de prostituição em Florianópolis e o convívio dos habitantes da cidade com as prostitutas.

Analisando esses silêncios da memória, passei a observar que era preciso voltar às fontes. Eu tinha que refazer algumas entrevistas para tentar identificar, na fala dos entrevistados, as lembranças e as sensações que foram deixadas escapar. Assim, percebi, através das memórias, a construção de uma identidade coletiva, pois as mulheres, ao não comentarem sobre as freqüentes visitas noturnas de seus homens ao famoso prostíbulo da cidade, diziam-se superiores ao submundo da prostituição. Deste modo, criavam uma identidade que as diferenciava das intituladas “mulheres da vida”.

Prestar atenção nas lembranças que meus entrevistados tentavam esconder passou então a ser meu alvo. Eu começava as entrevistas de uma forma descontraída, falava de Florianópolis na década de 1960, perguntava sobre os hábitos dos moradores da cidade, indagava sobre a juventude daquela época, onde se divertiam, quando namoravam, o que era permitido e o que faziam escondidos. Todas as perguntas geravam confidências muitas vezes divertidas e que hoje são consideradas, pelos próprios depoentes, inocentes quando comparadas à década sobre a qual falávamos. E eu tentando, com jeitinho, perguntar sobre a prostituição e seus locais específicos.

Sabia que durante uma entrevista teria que incentivar, de uma maneira delicada, as pessoas a trazerem da memória as informações que eu queria. Não foi fácil fazer uma senhora



relembrar as diversas vezes em que se sentiu traída pelo seu marido, que gastava o salário do mês em casas de prostituição, nem foi simples fazer senhores confessarem que eram boêmios e seus divertimentos eram nas mesas de carteados ou nos braços de prostitutas.

Usar as narrativas baseadas na memória como fonte inicial foi fundamental para a elaboração deste estudo. Perceber como homens e mulheres rememoravam acontecimentos passados para criar grupos específicos, colocando-se neles ou, ao contrário, excluindo quem deles participava, foi esclarecedor, “pois a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”<sup>3</sup>.

Percebi que as narrativas baseadas na memória desempenham um papel de destaque em uma pesquisa social, uma vez que, através de fatos e realidades sociais, as pessoas que vivenciaram um período deparam-se com lembranças, muitas das quais não gostariam de ter. Tal fato pode ser explicado tendo em vista que a memória traz para o presente, lembranças que constituem o imaginário social, que, por sua vez, foram fundadas na realidade concreta de uma época e traduzem necessidades e valores inconscientes que marcaram (ou talvez ainda marquem) o inconsciente coletivo de gerações<sup>4</sup>.

Observei, durante minha busca incessante por informações sobre a Vila Palmira, que a memória não é somente o ato de lembrar de fatos passados; ela é, acima de tudo, a construção constante de identidades existentes no presente, moldadas através das práticas sociais do passado<sup>5</sup>. Notei, por exemplo, que era constrangedor para algumas senhoras, hoje casadas, participantes de clube de mães e com netos, relembrares dos tempos em que, na juventude,

---

<sup>3</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, p. 204.

<sup>4</sup> PRODANOV, Cleber C.; SCHEMES, Cláudia **Possibilidade do uso da história oral na pesquisa sobre memória e identidade de Novo Hamburgo**. São Paulo: Universidade São Paulo, s/a. p. 4. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Cleber%20Cristiano%20Prodanov;%20Claudia%20Schemes.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2007.

<sup>5</sup> Idem.

prestavam serviços sexuais e moravam na Vila Palmira, sendo por este motivo estereotipadas pela sociedade como mulheres “ímorais” e “inferiores” às demais.

Foi assim, que, à medida que eu transcrevia e analisava as entrevistas e as fontes que possuía, fui me interessando por estudar mais profundamente o interior da até então, para mim, misteriosa vila de prostituição chamada Vila Palmira. E o esperado aconteceu. Mudei radicalmente meu tema de pesquisa, abandonei o estudo iniciado sobre as rainhas dos clubes da elite de Florianópolis e pesquisei com paixão o cotidiano deste lugar.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado no final do ano de 1999, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e desenvolveu-se através de uma pesquisa sobre códigos e condutas de homens e mulheres, entre os anos de 1960 e 1970, nas cidades de Florianópolis e São José. Tais códigos e condutas foram observados nas relações dentro da Vila Palmira, uma vila montada pelas autoridades policiais e sanitárias para abrigar as mulheres que trabalhavam como prostitutas nas ruas de Florianópolis, o que ocorreu por conta da modernização da cidade e a conseqüente “limpeza” das ruas, preconizada pelo poder público.

Assim, para “sanar tal mal”, essas mulheres foram confinadas num só lugar, onde puderam ser vigiadas, tendo em vista que, no interior da Vila, elas eram subordinadas e controladas pelo médico e pelo policial, que eram enfáticos e claros sobre suas “insignificâncias” frente às mulheres virtuosas, que a sociedade desejava formar e exhibir.

Através de três capítulos, e utilizando as narrativas da memória como uma das minhas principais fontes, percebi os discursos formados sobre a conduta das mulheres, sobre a construção da Vila, os embates com a sociedade local e a masculinidade afirmada dos seus freqüentadores.

Comecei também a entender as narrativas que se baseiam na memória como a representação do passado, representação esta permeada pelos conceitos de vida e pelos

valores morais e éticos de quem a possui e a compartilha no momento de uma entrevista. A memória deve ser considerada não tão somente como uma propriedade humana de conservar informações, mas sim como o “[...] conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passado”<sup>6</sup>.

É a partir desta visão que a memória é considerada seletiva, já que, durante uma entrevista, as pessoas se sentem motivadas a relatar apenas o que lhes convêm lembrar, o que tem significado para elas, o que denota que através da memória é possível perceber experiências vivenciadas por estas pessoas, o seu modo de pensar, seus preconceitos e seus medos.

Investigando a memória, e cada vez mais interessada em descobrir detalhes sobre os códigos, as imagens e as relações sociais e de gênero vividas na cotidianidade da prostituição em Florianópolis, ainda nas décadas que seguiam 1960 e 1970, resolvi aprofundar meus estudos, estendendo meu tema de pesquisa além de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Prolongando meu tema de pesquisa para mais uma década, e centrando minhas análises nas construções das diferenças percebidas não somente entre prostitutas e mulheres da sociedade, mas também desigualdades percebidas e enaltecidas entre iguais, ou seja, as próprias prostitutas moradoras da Vila Palmira, ambicionava também entender o que o tempo fez com esta Vila, criada para tirar de perto dos incomodados a imagem “decadente” da prostituição.

Foi então que surgiu esta proposta de trabalho. Fundando-se na memória dos entrevistados, e em algumas fontes do cotidiano da sociedade de Florianópolis e de São José, nas décadas de 1960 a 1980, por exemplo: artigo de jornais, documentos oficiais das prefeituras e fotografias, foi possível compreender como se formavam os sujeitos diante das diversas experiências vividas e como se estabeleciam as relações de poder, naturalizadas no

---

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 11.

convívio entre aqueles que se julgavam superiores e aqueles que muitas vezes eram definidos como inferiores.

Seguindo este parâmetro, entende-se que os membros de um grupo de tratam e humilham os membros de outro grupo não somente por suas qualidades individuais, mas, sobretudo, pelas diferenças que os distinguem, como, por exemplo, a casa em que moram, as roupas que vestem e com quem se relacionam.

Este cenário foi observado ao analisar tanto os discursos e as relações cotidianas das protagonistas deste estudo - as prostitutas da Vila Palmira - como o discurso e as relações cotidianas das mulheres que, nas décadas estudadas, eram consideradas, pela sociedade florianopolitana, como “honestas”, e se apoiavam na exaltação de suas qualidades de esposas face ao devasso estilo de vida daquelas que prestavam serviços sexuais.

Quanto mais transcrevia minhas entrevistas e analisava seu conteúdo, mais interessada no cotidiano de seus personagens eu ficava. Era como se um filme rodasse em meus pensamentos, onde eu conseguia visualizar o interior da Vila Palmira, os *shows* que lá aconteciam, os quartos, as mulheres que durante o dia lavavam e cuidavam das crianças e, durante as noites, preparavam-se para agradar os fregueses que as procuravam. Também imaginava a vida das mulheres consideradas “honestas” e o embate entre as que não eram assim denominadas.

Segundo Maria Odila L. da Silva Dias, estudar o cotidiano de um grupo implica desbravar o novo, o singular, justamente aquilo que foi igualado aos olhos de uma classe dominante. Cabe ao historiador o minucioso trabalho de perceber as práticas e as relações sociais que foram construídas no cotidiano de um determinado grupo, para poder então interpretar os sujeitos deste grupo com suas particularidades, seus medos e suas lutas. Este

trabalho historiográfico é capaz de estabelecer o diferente, pois os sujeitos são distintos e são específicos em suas particularidades.<sup>7</sup>

E no que diz respeito às relações associadas à Vila Palmira, elas não se apresentavam distintas somente entre as “senhoras” e as “prostitutas”; também se diferenciavam entre as prostitutas das casas mais abastadas, que se sentiam superiores por receberem clientes mais abonados, e as prostitutas das casas mais humildes, que eram sempre marginalizadas.

Tais embates ocorriam no cotidiano destas pessoas, um cotidiano que assume tanto a percepção do natural, como do homem criador de uma realidade vivida. Neste sentido, Agnes Heller acrescenta que:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.<sup>8</sup>

Dentro desta perspectiva, é possível perceber que as pessoas participam na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, contando com a sua forma de percepção do mundo, de posse de todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipuladoras, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. Portanto, elas são atuantes, são ativas e receptivas na determinação do cotidiano, de modo que uma pesquisa que considera este conceito funda-se no fazer e no acontecer do dia-a-dia de determinada comunidade e não nos fatos “presumivelmente” históricos e relevantes que possam ter ocorrido em determinada época.

---

<sup>7</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectivas históricas e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCINI, Cristina (org.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1992.

<sup>8</sup> HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 17.

Este fato fica claro ao constatar as exclusões embutidas nos discursos que se apresentam como de “interesse geral em uma sociedade que almeja progresso”. Nos discursos que ambicionavam transformar Florianópolis numa cidade “saudável” e moderna, as prostitutas eram vistas como um “atraso à ordem” que se pretendia estabelecer.

No interior da Vila Palmira, as relações apresentavam-se conflituosas. Eram normais brigas e entreveros entre prostitutas e agenciadores (as) do sexo, como também eram constantes os desentendimentos entre as mulheres das casas mais luxuosas e as moradoras das casas mais humildes, como já exposto. O mesmo ocorria entre os clientes das duas facções, uma vez que as casas luxuosas, com preços elevados, eram destinadas aos figurões da sociedade, enquanto as casas menores, com prostituição barata, ofereciam seus serviços a quem tivesse pouco para pagar. Desta forma, sujeitos também assumem identidades diferentes, em diferentes momentos, e adotam posturas excludentes quando se sentem, por diversos motivos, superiores aos demais, embora estejam inseridos em um mesmo contexto.

Diante destas explicações, este estudo pretende analisar as construções de diferenças e as legitimações de desigualdades, que podem ser percebidas através das fontes pesquisadas, em uma vila de prostituição, palco de inúmeros encontros, alguns amores, muitos preconceitos e construções de subjetividades ligadas a afirmações de masculinidade. Além disso, objetivo dar visibilidade à evidente preocupação dos “poderosos” em esconder a prostituição na cidade que pretendia ser considerada, num futuro bem próximo, “desenvolvida”.

Ressalta-se que a historiografia de Florianópolis afirma que, desde o início do século XX, intensificando-se no final dos anos 1950, aprofundou-se na cidade um processo de higienização, quando então médicos e autoridades, disfarçadas pela repressão da Igreja e dos moralistas da sociedade, sentiram a necessidade de tirar do espaço público e dos “olhos dos incomodados”, a imagem “decadente” das prostitutas, que eram tidas como “ímorais e sujas”.

Comparando Florianópolis aos principais centros industrializados do país, percebe-se certa inquietação das elites locais perante o estágio “atrasado” em que a capital se encontrava. Desta forma, para compensar o “subdesenvolvimento”, estas elites constituíram uma estratégia discursiva, conforme demonstram Ana Albano Amora e Maria da Graça Agostinho:

Desde a década de 50, um “discurso desenvolvimentista” se formou cujo objetivo era tirar Florianópolis do “atraso”, da “estagnação”. Este discurso expressava a “vontade de crescer”, de tirar Florianópolis da posição de inferioridade em relação às capitais vizinhas, e apontava para a necessidade de transformar a cidade em uma “metrópole”, em uma “grande cidade”. Este discurso tornou-se uma ação concreta, via intervenção do Estado, principalmente através do planejamento urbano, a partir da década de 50<sup>9</sup>.

Cabe lembrar que, na década de 1960, Florianópolis ainda ostentava o título de cidade provinciana e espelhava-se em outras cidades maiores, as quais já se consideravam inseridas no processo de urbanização e higienização. Em outras palavras, como indica Ivonete Pereira, que pesquisou a prostituição na cidade de Florianópolis no início do século XX, a exclusão das prostitutas do espaço geográfico urbano há muito já havia começado, e o objetivo das autoridades, na época por ela analisada, era esconder a prostituição em cortiços ou casas isoladas, já que as prostitutas tornaram-se indesejadas, até mesmo um “perigo urbano”, foco de doenças, rebeldia sem controle e exemplo claro de atraso e indecência. Conforme Ivonete Pereira:

Não era mais tolerável a presença de mendigos, desocupados e prostitutas, nas ruas de Florianópolis, devendo-se reconstruir e moldar o espaço da cidade às novas visões de mundo da classe burguesa. Essa visão da classe burguesa significava eliminar focos de doenças que impregnavam a cidade, e dentre os atores vistos como portadores dos males doentios, estavam as mulheres que prestavam serviços sexuais, ou as “decaídas”, como eram vistas pela imprensa no início do século XX.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> AMORA, Ana Albano; AGOSTINHO, Maria da Graça. Desenvolvimento urbano de Florianópolis: o caso do Campeche. Março de 1993. Apud BOPRÉ, Afrânio Tadeu. **Expansão urbana em Florianópolis** – Conflito entre a cidade real e a cidade legal. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003, p. 45.

<sup>10</sup> PEREIRA, Ivonete. **As decaídas**: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940). 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996, p. 24.

A perseguição às prostitutas, que já havia ocorrido em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, voltou a ocorrer no início da década de 1960 com intensidade, embora com suas especificidades. Era notório que, em 1960, a intenção das autoridades em “limpar” Florianópolis e exigir de seus moradores regras de sociabilidades mais comedidas tinham intenções diferentes daquelas analisadas por Ivonete Pereira. O empenho das autoridades, nas primeiras décadas do século XX, era higienizar e moralizar Florianópolis, tirando do espaço urbano os indivíduos que eram considerados, através de um discurso eugenista, “socialmente inaptos”<sup>11</sup>.

Já no final da década de 1950, a configuração urbana de Florianópolis começou a gerar cobranças por parte de alguns membros da elite e políticos que ambicionavam o progresso e as modernidades que outras capitais estaduais já estavam experimentando. Acreditavam que Florianópolis cresceria, através do turismo, pois conforme Gláucia Dias da Costa:

Sua condição de capital confiava a Florianópolis a função de vitrine de Santa Catarina. Portanto, a cidade teria que ser modernizada para estar à altura de um estado que se dizia moderno, e a falta de indústrias – carro-chefe da política desenvolvimentista – veio a ser contornada mais tarde através do incentivo ao turismo, que crescia como alternativa de lazer em todo o mundo, sendo o grande filão do “mercado do tempo livre” que despontava no Brasil daquela época.<sup>12</sup>

Visando a uma cidade “limpa e organizada”, as autoridades desejavam eliminar sinônimos de atraso e imoralidade. Sendo assim, a prostituição passa a ser vigiada de perto pelos poderes públicos e pelos moralistas que ambicionavam o progresso e a exclusão urbana das mulheres que se dedicassem a esta profissão.

---

<sup>11</sup> Conforme Maria Izilda Santos de Matos, o conceito de “socialmente inapto” foi difundido nas primeiras décadas do século XX para referir-se aos portadores de deficiências físicas e mentais, doenças venéreas, prostitutas, homossexuais, alcoólatras e criminosos. Essas pessoas deveriam ser controladas e retiradas de circulação para que assim não atrapalhassem a evolução moral das pessoas consideradas “normais”. MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da História: a cidade iluminada. In: Anais do XX Simpósio da ANPUH. São Paulo: Humanistas/FFLCH, 1999, p.47.

<sup>12</sup> COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004, p. 115.



No final da década de 1950, o então Secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, instituiu que, a partir daquele momento, não seria mais tolerável a permanência de casas de prostituição nos locais públicos da cidade, de modo que seriam punidas com severidade as mulheres que insistissem em permanecer praticando atos libertinos nas ruas, desrespeitando a ordem social estabelecida<sup>13</sup>. Na verdade o objetivo das autoridades era “limpar” a cidade de Florianópolis, excluindo do convívio urbano todos aqueles que incomodavam de alguma maneira, fosse por sua aparência humilde, como mendigos ou trabalhadores pobres, ou pela sua moral transgressora, como no caso das prostitutas.

O referido pronunciamento não foi encontrado em jornais da época, embora alguns textos jornalísticos se refiram a ele, como a exemplo do jornal O Estado.

... Esta sendo muito comentada na Rua Felipe Schmidt e arredores a eficiente atuação do responsável pela ordem pública, Senhor Jade Magalhães, que mandou botar em cana os baderneiros e as mulheres de vida fácil que insistem em perambular pelas ruas da capital.<sup>14</sup>

Em vista das questões debatidas naquele período, supõe-se que a Vila Palmira apareceu no cenário de Florianópolis para esconder a desordem da capital catarinense. Penso também que, objetivando embelezar a cidade para o turismo, os políticos lutaram contra a prostituição livre que estava presente na cidade. Para a elite que ambiciona progresso, a imoralidade que se apresentava no corpo da prostituta que circulava livre pela cidade precisava desaparecer. Assim sendo, estudar as relações que se estabeleceram em torno da efetivação de um lugar destinado a esconder estas “mulheres imorais” é instigante para que se entenda como as exclusões e as diferenças são construídas.

O tema da prostituição já foi analisado por diversos (as) autores (as) e está presente em várias pesquisas, a partir de enfoques diferentes. Magali Engel, em *Meretrizes e Doutores:*

---

<sup>13</sup> JESUS, Aldirio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999. Na época o senhor Aldirio tinha 57 anos. Antigo morador de Florianópolis, ex-jornalista do jornal AN Capital.

<sup>14</sup> Melo, Osvaldo. Nos arredores da cidade. O Estado, Coluna: Nossa Capital. Florianópolis, 17 de out. 1961, p. 3.

*saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 – 1890)* constata que cabia à medicina social um lugar de destaque na tarefa de organizar a cidade, enquadrando seus habitantes, entre eles as prostitutas, aos padrões burgueses. Esta autora também percebe como ocorreram as transformações sociais na cidade do Rio de Janeiro, no momento em que os discursos médicos procuravam ordenar, classificar e controlar a prostituição com base na moral instituída e almejada<sup>15</sup>. Da mesma maneira, durante a pesquisa sobre a Vila Palmira, foi possível constatar que os discursos médicos tiveram um papel fundamental, uma vez que promoveram a intolerância da sociedade de Florianópolis contra as moradoras da Vila, associando-as a diversas doenças, físicas e morais, todas prejudiciais às pessoas que se intitulavam “de bem”.

Já o trabalho de Margareth Rago, *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)* analisa a atenção dispensada à prostituição pelas autoridades médicas e jurídicas, verificando o imaginário de uma época e apresentando o comércio de mulheres, tidas como "escravas brancas", vindas da Europa e de outros países. Margareth Rago percebe também as transformações socioculturais que afetaram a condição da mulher na cidade de São Paulo e, através do estudo dos discursos de caráter médico e jurídico, informa as práticas de controle social dos corpos, procurando ainda identificar as funções que o mundo da prostituição exerceu como espaço de sociabilidades e desejos<sup>16</sup>.

Ainda sobre o tema da prostituição, existem pesquisas que, mesmo não tratando propriamente desse assunto, dão visibilidade às prostitutas. Um exemplo é a obra de Rachel Soihet, *Condição Feminina e Formas de Violência: Mulheres pobres e ordem urbana 1890 – 1920*, que se preocupa com as questões ligadas aos variados aspectos do cotidiano das

---

<sup>15</sup>ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>16</sup>RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostitutas e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

diferentes classes sociais, descrevendo a história das mulheres populares, viabilizadas muitas vezes através dos processos criminais do período<sup>17</sup>.

Com relação a cidade de Florianópolis, encontramos o trabalho de Joana Maria Pedro, *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*, no qual, através dos jornais, a autora analisa as variadas formas de distinção e ao mesmo tempo de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres, procurando deixar claro estereótipos há muito incorporados no cotidiano social<sup>18</sup>. Também com relação a prostituição, esta obra esclarece que as mulheres que contrariavam a conduta estabelecida pela sociedade eram consideradas não “honestas” e colocadas no mesmo patamar das prostitutas que eram mal vistas e mal faladas.

Sobre a prostituição nos anos de 1950 em diante, na grande Florianópolis, não conheço trabalhos na área de História que façam deste seu tema central. E por acreditar ser de extrema importância sua abordagem para estudos futuros, tanto ligados à sociedade quanto às relações de gênero, é que apresento esta pesquisa, inserida num contexto reformador de transformações recentes, visualizadas através de uma zona de prostituição, que durante aproximadamente duas décadas foi palco de divertimentos e entreveros, tanto em seu ambiente interno como em suas relações com a sociedade. Desta forma, o que diferencia este estudo de outros trabalhos que apresentam como tema central a prostituição são as particularidades encontradas no cotidiano do meretrício, as relações de poder que se constroem entre seus habitantes e os conflitos que emergem nas relações com aqueles que se julgam de “melhor índole”.

---

<sup>17</sup> SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

<sup>18</sup> PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.

Vale destacar que o mundo interno da Vila Palmira também possuiu seus rituais e marcas, e é através da descoberta dessas marcas que analiso o espaço em que as meretrizes foram confinadas ou induzidas a adentrar.

Vários foram os personagens<sup>19</sup> que, através de seus depoimentos e das suas lembranças, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo. Dentre os entrevistados estão: antigos moradores de Florianópolis e de São José; religiosos que não aceitavam proximidade de seus fiéis com o mundo da prostituição; prostitutas que viveram na Vila Palmira; agenciadores (as) do sexo; freqüentadores da vila; e também algumas senhoras que deploravam a existência deste local de prostituição.

Quanto aos freqüentadores da referida Vila, não havia uma idade certa para que os homens passassem a freqüentar o mundo da prostituição. Era comum, em Florianópolis, na década de 1960, o hábito do próprio pai, instigado pela vontade de ver seu filho "fazer-se homem" (numa continuação paterna), conduzir o jovem rapaz a uma casa de prostituição. A sociedade aplaudia o interesse dos pais em garantir o "honrado" poder da prática sexual a seus rapazes, os quais de maneira alguma poderiam desviar-se de sua masculinidade, tampouco poderiam abusar das "donzelas", de quem se esperava a pureza, para o tradicional casamento: "até que a morte os separe".

Sob esta ótica, a prostituição aparece como fenômeno essencialmente necessário, caracterizada por uma sociedade que impõe valores morais, enaltecendo a submissão feminina, destinando um lugar específico para a sexualidade ostensiva e despreocupada, que, neste caso e nesta época, foi a Vila Palmira.

De acordo com Luisa Leonini, em um estudo sobre a prostituição em Milão,

---

<sup>19</sup> Vale lembrar que todos os depoimentos utilizados neste estudo foram prestados por pessoas que tiveram um envolvimento efetivo com a Vila Palmira. Foram pessoas que freqüentaram o local ou conviveram com alguém que conhecia seu interior.

Os clientes de prostitutas não se limitam a serem homens, mas “homens normais”. A “normalidade” dos clientes não possibilita resolver simplesmente o tema da prostituição como um problema de “patologia”, de “privações” ou de “marginalidade”, mas o coloca no contexto mais amplo das relações entre os sexos e da multiplicidade de representações e de significados que, no mundo moderno ocidental, são corporificados pela sexualidade, pela relação com o próprio corpo, pela reprodução, pelo erotismo, pela concepção e pela construção da própria identidade sexual<sup>20</sup>.

Logo, observa-se que na própria relação masculinidade/homem/virilidade está explícita a normalidade do cliente da prostituta, uma vez que ele “precisa e deve” mostrar-se viril para os outros homens, bem como também para as mulheres.

Com relação à Vila Palmira, este local foi palco de vários acontecimentos ligados à auto-afirmação masculina, visto que, durante seu auge, garantem alguns depoentes, nove entre dez homens com idade entre 15 e 70 anos a freqüentaram, fato que não escondem, já que afirmam, ainda hoje, terem saudade daquele tempo, quando a busca do prazer era constante em casas de prostituição<sup>21</sup>, lugar de construção de masculinidades, virilidades e auto-afirmação.

Neste contexto, é interessante observar que ao rever a palavra “masculinidade” encontram-se algumas denominações como: “viril”, “enérgico”, “forte” e “ativo”. Isso denota que para ser masculino é necessário ser viril e para ser viril é necessário satisfazer muitas mulheres, principalmente aquelas que conhecem o sexo, ou melhor, aquelas que têm condição de compará-los a outros homens<sup>22</sup>.

Outro ponto que mereceu a atenção deste trabalho é no modelo de mulher ideal que a sociedade de Florianópolis tentava atingir. Ou melhor, os moldes da burguesia européia, que evidentemente divergiam do comportamento das prostitutas, daí a sua exclusão de determinados espaços da cidade. Neste sentido, os papéis sociais femininos são bem

---

<sup>20</sup> LEONINI, Luisa. Os clientes das Prostitutas. Algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão. In. SCHPUN, Mônica R. (org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, P. 90.

<sup>21</sup> Entrevista realizada pela autora com freqüentadores da Vila Palmira: SIMÕES, Aldírio. 10 de mar. 1999, (jornalista). SANTOS, Mario. 13 de abr. 1999, (taxista). AMANTE, Francisco Hegídio. 20 de abr. 1999, (escritor).

<sup>22</sup> NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p. 64.

definidos: de um lado, as imagens idealizadas das mulheres, as quais, quando casadas, são respeitadas e tidas como exemplo de bom comportamento; de outro lado, a prostituta é renegada, excluída e marginalizada.

Para a investigação das representações e dos discursos sobre a prostituição, bem como para a percepção das tramas e das relações envolvidas, foi preciso primeiramente situar o contexto social, identificando seus costumes e práticas. Ressalta-se que, no período privilegiado neste estudo, final dos anos de 1950 até os anos 1980 Florianópolis vivia um momento impar: almejava a urbanidade, o desenvolvimento, o progresso e o saneamento. Para tanto, foram utilizados alguns estudos sobre Santa Catarina, estudos estes realizados por vários autores, e que dão conta do contexto ora analisado.

Sobre o movimento urbano das cidades e as medidas excludentes para retirar do centro de Florianópolis aqueles (as) que eram considerados (as) fora dos padrões “civilizados” que a cidade queria ostentar, utilizo as questões expostas por João Batista Bitencourt. Referindo-se ao início do século XX, o autor argumenta: “O homem, agora, cidadão, deveria apresentar hábitos polidos, ser educado, estar apto a freqüentar os ambientes criados para esta nova sociedade “civilizada” e a cidade deveria ser limpa, higienizada e dinâmica”<sup>23</sup>.

Conforme Bitencourt, o ideário burguês de sociedade via a modernidade caminhando junto às práticas capitalistas, com idéias de salubridade, perspectiva otimista de futuro e produtividade incessante. A cidade era o palco privilegiado de intervenção dos promotores desta nova percepção de realidade e do saber médico-higienista, que via a cidade como um organismo doente que precisava ser tratado.

Sobre as reformas urbanas ocorridas em Florianópolis, nas décadas de 1960 e 1970, reformas nas quais o saber técnico e social do urbanista tinha um papel fundamental para ordenar a cidade, utilizo as análises de Gláucia Dias da Costa, já citada anteriormente, que,

---

<sup>23</sup> BITENCOURT, João Batista. Cidades em movimento. In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina**, estudos Contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 29.

escrevendo sobre vida noturna e cultura urbana em Florianópolis, nas décadas de 1950 a 1970, demonstra como se desejou a modernidade a partir do desenvolvimento econômico e industrial alcançado pelo governo do então presidente Juscelino Kubitschek. “Enquanto a indústria do lazer crescia em todo mundo, o futuro de Florianópolis passava a ser construído a partir da possibilidade da criação de uma infra-estrutura voltada para o turismo”<sup>24</sup>.

Outros autores foram de extrema importância para pensar a sociedade moderna na qual Florianópolis, nas décadas estudadas, ambicionava se tornar. Reinaldo Lonh, na obra *Relações de poder e cultura urbana em Florianópolis, 1950 a 1970*<sup>25</sup>, escreveu sobre a necessidade de mudanças urbanas para adequar a cidade ao turismo. Maria Izilda S. Matos, com a obra *Nas fronteiras da História: a cidade iluminada*,<sup>26</sup> ajuda a compreender os códigos estabelecidos para a população das cidades e escreve sobre boemia.

Sobre a definição de papéis sociais impostos às mulheres, as atitudes que as mesmas deveriam ter para serem consideradas “ilustres senhoras”, e como deveriam a sociedade e a medicina isolar as prostitutas, Lilia Moritz Schwarcz, em *O espetáculo das raças*, observa o saber médico-científico, entre 1870 e 1930, a serviço da medicina social em prol do embelezamento da raça e esquadrinhando os corpos degenerados, dentre os quais os das prostitutas<sup>27</sup>. Também Maria Bernadete Ramos Flores, no artigo *A medicalização do sexo ou do amor perfeito*, analisa como o saber médico investe no corpo e na sexualidade da mulher para melhor controlá-la e subordiná-la aos padrões estipulados pela sociedade como sendo corretos<sup>28</sup>.

Destaco que, nas entrevistas realizadas para a escrita desta dissertação, percebe-se, por parte dos entrevistados, a importância dos padrões moralistas que excluía as prostitutas da

<sup>24</sup>COSTA, G. D. da. Op. Cit. , p. 115.

<sup>25</sup> LONH, Reinaldo. **Pontes para o futuro**. Relação de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

<sup>26</sup> MATOS, M. I. S. Op. Cit. , p.47.

<sup>27</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>28</sup> FLORES, Maria B. Ramos. *A medicalização do sexo ou do amor perfeito*. In: SILVA, Alcione Leite da. (org.) **Falas de gênero**. Florianópolis: Das mulheres, 1999.

Vila Palmira do convívio com a sociedade durante o dia, pois, durante a noite, ao contrário, elas reinavam. As análises dos detalhes e dos segredos destas noites também fazem parte do trabalho aqui apresentado.

Também, através do discurso que divulgou a imagem “ideal” feminina de boa mãe e esposa, este trabalho procurou discutir a forma como as mulheres intituladas de “vida fácil” eram imaginadas e rotuladas e a forma como se davam as relações com o mundo fora e dentro dos prostíbulos. De acordo com Roger Chartier a História Cultural<sup>29</sup> tem como principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída. Para Chartier, a história cultural deve pensar as representações do mundo social como construções determinadas pelos interesses dos grupos que as constroem; analisar os discursos como algo que não é neutro, mais sim como produtores de estratégias e práticas, legitimando ou justificando condutas e escolhas, além de também tentar relacionar os discursos com a posição de quem os utiliza<sup>30</sup>. Nesse sentido, as falas e as representações contidas nos discursos têm um olhar que parte do estudo de cada personagem, o que permite analisar a autoridade de quem fala e a legitimidade da ação dos agentes<sup>31</sup>: o delegado, o juiz, o médico, o promotor, o padre etc.

Outro pano de fundo deste trabalho são as relações de gênero, que podem ser entendidas, segundo Joan Scott, como relações de poder que se estabelecem social e culturalmente a partir das diferenças percebidas entre os sexos<sup>32</sup>. “Para esta autora, o gênero é uma categoria de análise que permite reconstruir algumas “construções sociais” calcadas não

---

<sup>29</sup> Este estudo está inserido na linha de pesquisa “Relações de Poder e Subjetividades”, que tem como ponto de análises, entre outros, as relações de poder na construção de subjetividades e os discursos que permeiam as relações sociais na história. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~pghst/princi.html>. Acesso em: 30 jul. 2008.

<sup>30</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, USP, vol. 5, n.11, jan/abr., 1991, p. 173-191. Apud: CARVALHO, Maristela Moreira de. **Da “rebelião nas fronteiras” à conquista do campo**: a Teologia Feminista na Concilium, Revista Internacional da Teologia (1985 – 1996). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008, p. 15.

<sup>31</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edeesp, 1996.

<sup>32</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, V. 16, n° 2, jul/dez. 1990, p. 5-22.



em explicações biológicas, mas dentro de todo um sistema de relações sociais nos quais se inserem homens e mulheres <sup>33</sup>. Isso demonstra como os papéis, historicamente atribuídos a homens e mulheres, têm favorecido relações baseadas em discriminações, geradoras de violência. E, no caso da prostituta, isso é observável nos estigmas que cercam esta categoria, uma vez que esta representa a desorganização dos padrões de conduta sexual admitido para uma mulher-assexuada, que segundo o modelo ideal deveria ser casta, resguardando-se ao marido.

As questões de gênero são fundamentais para este trabalho, pois proporcionam inúmeros questionamentos sobre conceitos e papéis atribuídos a homens e mulheres em diferentes sociedades e ao longo do tempo. Além disso, conforme Joana Maria Pedro, “‘gênero’ dá ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; da precisão a idéia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando as dimensões das relações de poder <sup>34</sup>.

Também Adriana Piscitelli, num estudo sobre grupos empresariais brasileiros, analisa esta “discussão cerrada” sobre gênero, enfatizando que o homem, para não sucumbir à “fraqueza” do amor e da paixão (próprios da mulher ou do “feminino”), assume a virilidade como seu padrão de comportamento sexual. Isto é, para o macho, o importante é a quantidade de mulheres “abatidas”, pois isto demonstra a sua força (leia-se seu poder) e a sua masculinidade<sup>35</sup>.

É interessante observar que em relatos, como os encontrados neste estudo que desenvolvi, ficam evidentes as diferenças de gênero e os papéis assumidos por homens e mulheres. Em particular nas décadas aqui estudadas, anos de 1960 a 1980, a sociedade de

---

<sup>33</sup> CARVALHO, M.M. de. Op. Cit., p. 30 – 31.

<sup>34</sup> PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 54, jul./dez., 2007. p. 288.

<sup>35</sup> PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidade em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. In: SCHPUN, M. R. Op. Cit., p. 181.

Florianópolis ainda era radical ao estereotipar as mulheres que acabavam assumindo papéis como o da “donzela”, o da “esposa imaculada” ou o da “prostituta suja e imoral”. O homem, por sua vez, é o forte, o macho.

Nesta pesquisa, a categoria gênero está sendo entendida no seu aspecto relacional, perpassada de construções culturais. Como diz Margareth Rago: As "moças de família" e as "mulheres da vida" estão se construindo umas em relação às outras. Ou seja, enquanto uma reforça o ideal de mãe pura e esposa casta, a outra significa a desagregação, redefinindo papéis e valores <sup>36</sup>. Assim, compreende-se que a identidade social da mulher profissional do sexo foi construída a partir da sua condição de desviante das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. Ademais, na constituição desta identidade atuam mecanismos de discriminação e preconceitos em relação ao exercício da prostituição, e decorre de sucessivos fatos históricos, nos quais a prostituta foi responsabilizada, fundamentalmente, pela disseminação de doenças.

A história oral dará os caminhos para buscar a memória das pessoas, homens e mulheres, que tiveram algum envolvimento, direto ou indireto, com a Vila Palmira. Conforme Marina Maluf, “O passado, herança sem testamento, pode ser sempre reaberto e narrado nas suas variadas possibilidades” <sup>37</sup>.

A riqueza da história oral está relacionada ao fato dela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais, o que possibilita ao pesquisador o acesso a uma multiplicidade de “histórias dentro da história”, que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a “hierarquia de significações historiográficas” <sup>38</sup>.

No início, grande parte das críticas dirigidas ao método fundamentado em informações obtidas através de histórias orais dizia respeito às “distorções” da memória, ao fato de não se

---

<sup>36</sup> RAGO, Margareth. Op. Cit.

<sup>37</sup> MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 18.

<sup>38</sup> ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 166.

poder confiar no relato do entrevistado, uma vez que era carregado de subjetividade. Hoje, considera-se que a análise dessas “distorções” pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo, ou de uma época<sup>39</sup>.

A partir desta visão, a importância dos dados obtidos através da história oral muitas vezes é renegada a uma “segunda categoria”, visto que ela traz os valores e concepções de vida do entrevistado/narrador. No entanto, ela é rica em detalhes, que, em alguns casos, passariam despercebidos quando a pesquisa funda-se na literatura ou em documentos.

Verena Alberti ressalta que a oralidade é útil quando se trata da história do cotidiano, sendo que a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas, já que:

[...] estuda diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; estuda os padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões etc.; histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc., podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e história da memória<sup>40</sup>.

Desta maneira, mesmo com as possíveis distorções, a história oral traz a diversidade e a complexidade própria do ser humano, de maneira que o pesquisador deve estar atento para que a narração não se distancie do foco principal do relato. Contudo, a riqueza dos detalhes narrados só produz o enriquecimento da informação.

Nas primeiras entrevistas foi possível perceber que a necessidade de preservar principalmente a integridade moral impede as pessoas de falarem sobre certos acontecimentos e até mesmo inventar outros que nunca aconteceram. Por isso, é necessário compreender as representações e as várias formas de interpretações. Segundo Chartier, estas são as formas

---

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Id.

como as pessoas interpretam seu mundo, como o representam de acordo com a classe social na qual estão inseridas, bem como no gênero<sup>41</sup>.

Alguns entrevistados, quando indagados sobre como era a Vila Palmira e se era bom lá viver ou freqüentar, diziam-se satisfeitos com o ambiente que lhes proporcionava tanto divertimento. Já as mulheres que em casa ficavam ou até mesmo as que na Vila trabalhavam representaram de maneira diferente a mesma indagação. Por isso, é necessário, durante uma entrevista, estar atenta a certos detalhes que justificam uma resposta ou a contradiz imediatamente.

As lembranças da Vila Palmira, a interpretação dos fatos banais ou importantes, assim como suas explicações, foram indispensáveis para perceber os papéis estipulados por uma sociedade centrada no “masculino”, cabendo a esse tipo de história destruir parâmetros que ainda insistem em prevalecer.

Ressalta-se que o uso dos jornais como fonte na pesquisa histórica é fundamental para compreender um período e, por conseguinte, facilitar a análise de uma determinada época, pois os leitores dos jornais estabelecem o que acreditam ser verdade, falsidade ou mentira no discurso, sempre a partir dos valores de sua visão de mundo. Para este trabalho, os discursos e as relações de poder que se estabeleceram em torno da zona de prostituição Vila Palmira foram também interpretados a partir de textos jornalísticos. Tais textos quase sempre estavam ligados à criminalidade.

Reforçando normas de conduta, os jornais são um grande meio pelo qual se vinculam preconceitos e forjam-se mentes. Sua função ideológica<sup>42</sup>, a serviço da elite, paradoxalmente foi o que mais rapidamente projetou a Vila Palmira, na medida em que deixava os homens curiosos e tentados a freqüentá-la. No entanto, eles foram também um canal importantíssimo para a sua extinção, quando denunciavam seus malefícios à sociedade e apoiavam os

---

<sup>41</sup> CHARTIER, R. Op. Cit.

<sup>42</sup> CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

movimentos liderados pela Igreja Católica. Discursos da Igreja contra a referida vila e as prostitutas são encontrados com frequência nos jornais da época, principalmente quando a urbanização começou a tomar conta dos arredores de São José iniciando, assim, a decadência da zona de meretrício. Por isso, os discursos presentes nos periódicos devem ser interpretados conforme o contexto no qual eram expressos. A análise dos jornais mostrou detalhes que eu precisava para a interpretação dos desejos e das insatisfações provenientes de uma determinada época.

Os documentos que possibilitaram esclarecer dúvidas quanto aos moradores da Vila Palmira e suas profissões foram pesquisados no Arquivo Público de São José. São eles: licenças da Prefeitura de São José para abertura de estabelecimentos comerciais na Vila Palmira; processos de intimação; e fichas cadastrais com o nome e endereço de pessoas que ilegalmente mantinham bares e dormitórios clandestinos para a prostituição<sup>43</sup>.

Os processos crime analisados estão disponíveis no Fórum e no Arquivo Público de São José. Na Secretaria de Segurança Pública de Florianópolis foi possível o acesso a arquivos que trazem alguns documentos oficiais, onde estão algumas normas estipuladas pelo antigo Secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, instituindo que desocupados e prostitutas não poderiam perambular pelo centro e arredores de Florianópolis.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, denominado **Corpos e espaços**, está dividido em dois subtítulos. No primeiro, **Um desejo de cidade**, é analisada a cidade de Florianópolis, na década de 1960, e os desejos da elite em transformar a capital em uma cidade limpa, organizada e preparada para o turismo. O crescimento urbano do município de São José também é estudado, pois este está relacionado diretamente à explosão urbana de Florianópolis, juntamente com a construção da Br-101 e de outros entroncamentos com o planalto, Norte, Sul, Oeste de Santa Catarina, bem como a criação da

---

<sup>43</sup> Estes documentos estão relacionados, em anexo, nas páginas finais deste estudo.

Universidade Federal de Santa Catarina e as campanhas de divulgação de Florianópolis como destino turístico, fazendo com que houvesse uma grande procura por imóveis na capital.

No segundo subtítulo, **Um espaço apropriado**, a idéia é mostrar como o ideário burguês de sociedade trouxe consigo idéias de salubridade, perspectiva otimista de futuro e produtividade incessante. Isso fez com que a cidade se tornasse alvo de intervenções dos promotores desta nova percepção da realidade. Neste capítulo percebem-se as estratégias do poder público para transformar Florianópolis numa cidade limpa e saudável, escondendo principalmente a prostituição, que, naquele contexto, incomodava os reformadores sociais e por este motivo precisava ser ordenada e controlada.

No segundo capítulo, **A Vila: memória, tensões e prazeres**, é analisado o discurso de pessoas que viveram o momento, os códigos e imagens elaboradas no interior da Vila Palmira, bem como as representações dos freqüentadores do meretrício. É importante salientar que, no decorrer de mais de duas décadas de funcionamento, a Vila Palmira recebeu em suas casas inúmeros visitantes, dentre eles vários poderosos da sociedade, que exigiam discrição. Para eles eram preparados os salões especiais da casa de Maria Barbosa, uma das boates mais reverenciadas pelos abastados freqüentadores, local onde aquelas consideradas as “melhores meretrizes” se apresentavam e as mais caras bebidas eram servidas. Entre esses ilustres visitantes, muitos sustentavam amantes, que, em troca de certa quantia mensal, requeriam a exclusividade para carinhos e delícias nas noites em que podiam "escapar" de suas esposas e compromissos sociais.

Entre a cruz e as delícias viviam realmente quase todas as mulheres que na Vila Palmira residiam ou apenas trabalhavam. Era fato o divertimento proporcionado pela propaganda de um mundo de prazer e encantos, ambicionado pelos freqüentadores, e as noites em que de tão desejadas as prostitutas obtinham uma boa quantia em dinheiro. Mas, este

mundo de encanto tinha seu fracasso nas humilhações e agressões que essas mulheres foram vítimas nas relações internas, com agenciadores e clientes da referida zona.

Enfim no terceiro capítulo, **Imagens que se apagam e marcas que ficam**, são identificadas as representações elaboradas sobre a Vila Palmira pela comunidade, os mecanismos utilizados para sua remoção do bairro, já na década de 1970, e como é lembrada, hoje, aquela Vila de tantas histórias, as quais a sociedade tenta esquecer, por considerar imprópria e mal vista para as "famílias de bem". Os motivos da extinção da Vila Palmira e por onde andam, atualmente, as mulheres que ali viviam são vistos também neste capítulo, que utiliza a memória como sua principal fonte.

## CAPÍTULO I

### 1. Corpos e Espaços.

#### 1.1 Um desejo de cidade.

Florianópolis, metade da década de 1960. Aproximava-se a noite de sexta-feira e alguns amigos se encontravam na Praça XV, centro da cidade. Juntos fretavam o táxi do senhor Fernando, motorista e amigo de todos, que de costume já se preparava para naquela hora, e sempre no mesmo dia da semana, levar os rapazes eufóricos ao seu destino de final de semana: à zona de meretrício chamada Vila Palmira, localizada em Barreiros/ São José, e que, desde sua ativação, arrancava suspiros da população masculina local. Já dentro do carro, os rapazes eram só alegria. Contavam piadas, histórias, riam e apostavam quem deles seria na volta, naquele mesmo táxi, reverenciado como o "garanhão" da semana.<sup>44</sup> Senhor Fernando deixava os rapazes no costumeiro lugar e marcava a hora ou o dia, dependendo de como estavam financeiramente, para buscá-los e trazê-los de volta à cidade, que, mesmo sabendo das noitadas de seus passageiros, fechava os olhos para esses "deslizes", os quais acabava aceitando.

A prostituição era entendida como um "mal necessário", embora sofresse toda uma ação que visava a sua extinção em prol de uma cidade saudável e higienizada. Era assim que ela aparecia nas entrelinhas, objetivando também a proteção das meninas contra abusos sexuais e das mulheres contra possíveis incentivos ao adultério.

Concordando com a teoria que acreditava ser a prostituição um "mal necessário", a senhora Maria de Lourdes Pereira, 72 anos, dona-de-casa, viúva, mãe de quatro filhas e moradora do centro de Florianópolis desde a década de 1970, relata que, durante todo seu

---

<sup>44</sup>JESUS, Aldirio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999. Na época o senhor Aldirio tinha 57 anos. Antigo morador de Florianópolis, ex-jornalista do jornal AN Capital.



casamento, 45 anos de união, serviu fielmente a seu marido, suportando, por respeito a sua família, suas escapadas noturnas, bem como seu jeito rude de tratá-la. Em depoimento, dona Maria de Lourdes diz que a educação de suas “meninas” era responsabilidade dela e por este motivo era extremamente autoritária, na medida em que impunha limites e atitudes aos quais as filhas deveriam se submeter. Conforme relatou:

Nunca permiti que minhas filhas namorassem no portão. Isto era coisa de rapariga sem pudores e sem família. Quando uma de minhas filhas, a Carmem, completou 18 anos meu marido autorizou que ela ficasse noiva do Pedro, homem trabalhador e sem vícios. Quando faltavam poucos dias para o casamento de nossa menina, meu marido descobriu que o Pedro freqüentava a Vila Palmira – uma zona de prostituição que tinha na época. Ficamos todos chateados, mais entendemos, eu e meu marido, que naquela época era assim mesmo, era normal que os garotos se deitassem com raparigas. Eles faziam isso porque respeitavam demais suas namoradas ou noivas. Pelo menos posso garantir, tenho certeza que minha filha casou virgem<sup>45</sup>.

As palavras de dona Maria de Lourdes são elucidativas, na medida em que demonstram a preocupação das famílias, ainda durante a década de 1970, de preservarem a honra de suas filhas e aceitarem de forma pacífica os deslizes dos rapazes que traíam por “respeito” às suas namoradas e noivas. Isso provavelmente se dava devido às relações de gênero que se constroem na cultura onde se idealiza certo tipo de mulher para o cumprimento de determinados papéis, fazendo com que todas as contradições, tudo que distorça esta imagem seja tido como algo errado digno de exclusão social. As imagens diferenciadas do masculino e do feminino, constituídas na cultura, fazem com que se instituem normas a serem seguidas, normas estas que interferem na vida e no comportamento de toda uma sociedade.

Estas imposições e regras construídas na cultura, e ligadas ao imaginário e às relações de gênero, durante muito tempo foram vivenciadas em Florianópolis e se apresentavam de forma marcante em períodos distintos. Ivonete Pereira, ao estudar a sociedade de Florianópolis, no início do século XX, constatou que:

---

<sup>45</sup> PEREIRA, Maria de Lourdes. Entrevista concedida a Maryana C. Ferrari, em 13 de abr. de 2007. Na época a senhora Maria de Lourdes tinha 70 anos, moradora de Florianópolis, e dona-de-casa.

Todo o setor público da cidade era comandado pelo sexo masculino, onde as leis, normas e regras eram elaboradas e executadas por homens. Existiam relações desiguais, determinadas pelas definições dos papéis sexuais, dentro de uma sociedade em que existia um projeto moral, amparado por relações de gênero, no qual se valorizava a virgindade e o casamento<sup>46</sup>.

No final da década de 1950, Florianópolis ainda se encontrava sob o estigma de uma cidade atrasada, se comparada as outras capitais brasileiras, e como tal apresentava, além de relações desiguais de gênero, poucas opções de lazer e divertimento aos seus moradores. Na realidade, além do cinema e do futebol, as casas de prostituição, que até então se encontravam espalhadas por todos os lados da cidade, eram os grandes locais de divertimento masculino e o meio mais fácil encontrado pelos homens para conseguirem manter relações sexuais sem compromisso. Vários eram os locais onde existiam casas de prostituição (boates) e dormitórios destinados a encontros sexuais. As principais boates em Florianópolis eram: a OKEI, no Saco dos Limões; o Portão de Ferro, na Avenida Mauro Ramos; a boate da Ana Galega, em Capoeiras; e a casa da Maria Barbosa, no Estreito. A prostituição livre nas ruas da cidade também era fácil de ser encontrada nas imediações do Mercado Público e por toda extensão da rua Conselheiro Mafra<sup>47</sup>. Sobre a rua Conselheiro Mafra e sua associação com a prostituição, ainda na década de 1950, temos os estudos realizados pela historiadora Marilange Nonnenmacher, que argumenta:

A imagem desta rua e de seus arredores (região portuária) era disseminada nos jornais como degradante, não apenas por ser uma zona de prostituição, mas também por abrigar parcelas pobres da população. Assim, algumas pessoas “receosas de se colocarem em “vias de difamação” ao percorrerem esses espaços, buscavam alternativas para contorná-los, promovendo uma segregação espacial e uma estigmatização do lugar dentro da dimensão urbana<sup>48</sup>”

<sup>46</sup> PEREIRA, Ivonete. **As decaídas**: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940). 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996, p. 137.

<sup>47</sup> Estes dados foram confirmados por quase todos os depoentes que moravam em Florianópolis nas décadas pesquisadas, entre eles: JESUS, Aldirio Simões de. 10 de mar de 1999, (jornalista), SILVA, Hamilton. 30 de abr. de 1999, (taxista), COELHO, Olaria. 01 de jun. de 1999, (dona-de-casa), e COELHO, Ana Maria 25 de maio de 2008, (aposentada).

<sup>48</sup> NONNENMACHER, Marilange. **Um lugar sem memória**: Rua Conselheiro Mafra no século XX. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p. 98.

Os locais de prostituição facilitavam as “aventuras sexuais”, que eram representadas também como uma oportunidade para os meninos se afirmarem como másculos e viris, o que era de suma importância num período no qual a repressão e a discriminação da sexualidade eram evidentes e levados ao extremo, principalmente quando se referiam aos estereótipos ligados aos papéis femininos.

Como mostra Joana Maria Pedro, em sua obra *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*, na sociedade, os papéis femininos que passaram a ser valorizados desde a formação das elites em Desterro, no século XIX, são resumidos em seis palavras: "mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe e avó. Essas palavras apareciam com frequência nos jornais e constituíram-se em vitrine de classe, formas de distinção e, ao mesmo tempo, legitimação da desigualdade"<sup>49</sup>. Ainda não se destacavam, no final dos anos 50, nesta sociedade, as lavadeiras, a proprietária, a mulher que plantava ou colhia. Enfim, não interessavam as inúmeras atividades que eram exercidas pelas mulheres, mas somente seus papéis familiares na relação com os homens. Portanto, quanto mais recatadas e imunes a comentários que abalasse suas reputações, mais respeitadas e idealizadas como pessoas honestas e dignas elas seriam.

Ser mãe, esposa e dona-de-casa era considerado o destino natural das mulheres e fazia parte da "essência" feminina, sem possibilidade de contestação a estes estereótipos construídos. As garotas que se recusassem a seguir esses caminhos estariam se colocando contra sua “natureza”, não podendo ser realmente felizes ou fazer com que outras pessoas o fossem.<sup>50</sup> Por isso, nas décadas de 1960 e 1970, as mulheres ainda eram aconselhadas a se comportarem de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens

---

<sup>49</sup> PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994, p. 17.

<sup>50</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 23-24.

até o casamento, enquanto aos rapazes era permitido ter experiências sexuais com prostitutas ou com garotas consideradas "levianas", as que permitiam ter intimidades físicas.

Formadora de opinião, a imprensa da cidade de Florianópolis, ao mesmo tempo em que normatizava papéis familiares e sociais nas relações entre homens e mulheres, também excluía e desqualificava aquelas mulheres que transgredissem seus valores por qualquer motivo ou, que de várias maneiras, agrediam a moral e os bons costumes de uma sociedade enquadrada em padrões conservadores, sociedade esta que ostentava conceitos preestabelecidos, que implicavam um certo “verniz social”<sup>51</sup>, onde se acentuavam diferenças entre "mulheres sérias" e as ditas "perdidas".

A este respeito, Aldírio Simões de Jesus, jornalista do jornal AN Capital, comenta:

Todas as meninas ou senhoras que dessem um mau passo ou perdessem o rumo em suas vidas eram consideradas indignas de respeito e também eram repudiadas pela sociedade em geral, que normalmente ditava regras a serem seguidas e não admitia deslizes femininos que manchassem o nome das famílias, não importando a classe social que pertenciam, as regras valiam para todas<sup>52</sup>.

Sobre os discursos que estigmatizavam as mulheres conforme suas atitudes, podemos analisá-los sob a ótica de Michel Foucault<sup>53</sup>. Para ele, todos os discursos sobre o sexo e a sexualidade emergiram no momento em que se precisava controlar os corpos na ascensão da classe burguesa e em nome de seu sangue. Pode-se dizer que o discurso vai sendo alterado conforme as práticas sociais, mudando de acordo com a época ou período da história, dependendo das relações de poder aí vigentes. Em Florianópolis, ainda durante a década de 1950, as mulheres eram incentivadas a se restringirem aos espaços privados, e mesmo as que trabalhavam fora viviam sob os olhos vigilantes do pai ou do marido.

---

<sup>51</sup> PEDRO, J. M. Op. Cit, p. 35.

<sup>52</sup> JESUS, Aldírio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999.

<sup>53</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

Essa separação entre o mundo público e o privado, em Florianópolis, foi perdendo forças quando a cidade, no final da década de 1950, viveu um novo surto modernizante, com transformações urbanas mais significativas nos anos de 1960 e 1970. Tudo isso estava relacionado ao contexto brasileiro mais amplo. Com o governo de Juscelino Kubitschek, segunda metade da década de 1950, o país passou por uma fase de desenvolvimento econômico e industrial sem igual. Com a proposta de crescer “50 anos em 5”, o presidente privilegiou o desenvolvimento do país através de investimentos maciços no setor elétrico, na abertura de rodovias e no incentivo à indústria. Paralelo a isso, construiu a nova capital federal, Brasília, que se tornou sinônimo de modernidade.

Florianópolis, naquela época, ainda continuava uma cidade provinciana diante de todas as mudanças que estavam acontecendo, mas a elite local desejava mudanças. Diferente das grandes cidades brasileiras, a cidade não possuía indústrias de grande porte, nem um comércio significativo, e a função portuária que se desenvolvera no início do século estava em plena decadência. Contudo, o desejo de modernização e progresso não deixava de estar presente na capital catarinense.

De acordo com o historiador Reinaldo Lohn, o final da década de 1950 foi para a cidade o momento de sua afirmação como capital. Acompanhando a política nacional desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, “a época parecia inspirar certas exaltações ao processo e ao desenvolvimento e indicava para Florianópolis que, mais do que qualquer outro momento a fórmula para o futuro seria o turismo”<sup>54</sup>. Para atingir este objetivo, mudanças drásticas deveriam ser tomadas e a população deveria adequar-se a elas.

Para tanto, reforçando ainda mais a idéia de progresso e conseqüentemente limpeza e ordem social, Florianópolis, a partir da década de 1960<sup>55</sup>, firmou-se como cidade de serviços,

---

<sup>54</sup> LONH, Reinaldo. **Pontes para o futuro**. Relação de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002, p.256.

<sup>55</sup> De acordo com senso demográfico de 1960, a população de Florianópolis era formada por 98 mil pessoas. Dados Populacionais do IBGE da década de 1960: VII Recenseamento geral do Brasil, série regional, volume I.

e o número de pessoas dedicadas à prestação dos mesmos saltou de 3.435, em 1960, para 7.590, em 1970 <sup>56</sup>. Conseqüentemente, o número de pessoas que habitavam a cidade aumentou e a intenção do governo em transformar a capital em cidade turística também se fez mais presente. De acordo com Reinaldo Lohn, nesse momento as ações políticas voltavam-se para a implementação de toda uma infra-estrutura que visava a transformar Florianópolis em uma cidade turística. Simultaneamente a essas ações, percebe-se a construção de um discurso a respeito da “vocação turística da cidade” <sup>57</sup>.

Em 1960, foi eleito governador do Estado de Santa Catarina Celso Ramos, do Partido Social Democrático (PSD), que via na capital um pólo turístico em desenvolvimento e se tornou um grande incentivador do turismo em Florianópolis. Também 1960, a cria o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) representou grande avanço no setor educacional. Florianópolis, então, com incentivo do governo, tornou-se centro de atra o para estudantes também de outros Estados. Posteriormente, com a inaugura o da BR 101, nos anos de 1970, Florianópolis se estabiliza como grande pólo turístico estadual, com atrativos diversos como praias, lagoas, riquezas naturais e bons restaurantes.

Segundo o historiador Sérgio Luiz Ferreira, Celso Ramos inaugurou em Santa Catarina o modo de governar através de planos de governo. Sua primeira fala oficial abordou o turismo em Santa Catarina. De acordo com Celso Ramos:

Temos verificado ultimamente neste país grande desejo de nele criar condi es que atraiam visitantes estrangeiros e promovam internamente deslocamentos turísticos. Possuímos em Santa Catarina, além da costa atlântica, recantos aprazíveis e diferentes no interior, afora as fontes de água termal que poderão entusiasmar o nacional e o alienígena, que buscam momentos de lazer ou a oportunidade de recuperar a saúde ameaçada <sup>58</sup>.

---

Em termos de porcentagem, os dados de 1960 são os mesmos da década anterior. Ver CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis**: rela es sociais e econ micas. Florianópolis: Insular, 2000. P. 136.

<sup>56</sup> Origem e destino de uma cidade   beira mar, Diário Catarinense, Suplemento, DC Documento. Florianópolis, n. 29. 29 de mar./1996, p. 4.

<sup>57</sup> LOHN, Reinaldo. Op.Cit, p. 202

<sup>58</sup> RAMOS, Celso. Mensagem Anual do Governador   Assembléia Legislativa. 15/04/1961. Apud: FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Das  guas, 1998, p. 108.

Ainda conforme Sergio Luiz Ferreira,

A abertura e asfaltamento de BR 101 foi o grande fator que impulsionou o turismo na ilha de Santa Catarina, aliado a instalação das Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul) e da Universidade Federal de Santa Catarina, que fizeram com que um contingente grande de pessoas de classe média, sobretudo do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, viesse aqui se estabelecer. Estava definitivamente mudado o rumo da história da Capital de todos os catarinenses<sup>59</sup>.

Com o crescimento populacional de Florianópolis e com um discurso governamental voltado para o incentivo ao turismo, as autoridades responsáveis pelo município não mais toleraram a presença de desocupados (as) e prostitutas nas ruas, andando e "fazendo ponto" nas mesmas avenidas em que transitavam pessoas que se diziam de respeito. Desta forma, medidas profiláticas contra a prostituição apresentavam-se como uma preocupação comum, atualizando discussões iniciadas já no século XIX, com o surgimento dos saberes médicos que justificavam o combate à libertinagem, em prol da obtenção de uma disciplina da população e da exibição, no espaço público, de condutas polidas, visando à remodelação da cidade, juntamente com uma prática de exclusão social. Assim, as mulheres que se prostituíam nas ruas de Florianópolis, nos anos que seguiram à década de 1960, foram perseguidas pelos médicos e pela polícia local, que ambicionavam isolar a prostituição, para com mais facilidade poder controlar seus agentes e com isso livrar a cidade da presença indesejada das mulheres que, prostituindo-se livremente nas ruas e praças da capital, distorciam a imagem de limpeza e de progresso a que se ambicionava.

Oswaldo Melo, autor da coluna "Nossa Capital", presente no jornal O Estado, um dos principais jornais que circulavam em Florianópolis no ano de 1961, tinha um posicionamento claramente a favor dos governos estaduais e municipais. Os textos que escrevia em sua coluna eram enfáticos em fazer campanha para a conscientização sobre a limpeza da cidade, pois ele chamava a atenção para vários problemas, como o lixo que era encontrado facilmente pelas ruas da cidade, o mato crescido e os "desordeiros" que insistiam em não colaborar com a

---

<sup>59</sup> Idem, p. 111.

ordem pública ambicionada pelas autoridades e pelos interessados em embelezar a cidade para o turismo. Em 04 de outubro de 1961, Osvaldo Melo escreveu em sua coluna diária:

Perigo a vista: A velha e mal alinhada Rua Conselheiro Mafra não tem mais jeito. Além de torta e sem cuidados, por ali existem os mais velhos pardieiros da cidade e as mais perigosas fontes de doenças: as prostitutas. E não se tomam providências... Não acreditam? Cheguem até lá e verão coisas de espantar. Cuidado crianças, cuidado garotas e senhoras. A morte ronda por perto do pardieiro número 148 que está prestes a cair.

Por que é que não se dá mais atenção ao eterno problema da mendicância e da exploração sexual de crianças que em pouco tempo se acostumam com a safadeza e nada mais querem com o trabalho? <sup>60</sup>

Apesar de defensor e incentivador das ações governamentais, em sua coluna o jornalista também fazia críticas à falta de iluminação no Centro da cidade, que, segundo ele, assim como a da praça XV, “era péssima e completamente desatualizada” e por isso precisava urgentemente “ser renovada, melhorada, digna de ser de uma capital”. <sup>61</sup>

Na verdade, uma das formas de melhorar o controle sobre a cidade era através do aperfeiçoamento da iluminação pública, pois a precária iluminação, juntamente com a falta de policiamento nas ruas, começou a ser associada à criminalidade e à facilidade de encontrar mulheres se prostituindo na escuridão da noite.

Ainda sobre a falta de iluminação na cidade de Florianópolis, a historiadora Gláucia Dias da Costa escreve:

O aperfeiçoamento da iluminação pública foi promessa de campanha do governador Celso Ramos que tinha como prioridade de seu governo a modernização e a ampliação do setor elétrico, principalmente no que dizia respeito às cidades do interior as quais sofriam com a precariedade do sistema. <sup>62</sup>

Em 18 de abril de 1962. Osvaldo Melo continuou escrevendo sobre os problemas que preocupavam aqueles interessados em embelezar a capital.

<sup>60</sup> MELO, Osvaldo. Perigo a vista. O Estado, Coluna Nossa Capital, Florianópolis, 04 de out. de 1961, p. 3.

<sup>61</sup> MELO, Osvaldo. A cidade. O Estado, Coluna Nossa Capital, Florianópolis, 28 de jun. de 1960, p. 2.

<sup>62</sup> COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004, p. 104.



Precisamos reprimir e acabar com a lastimável andança por bares e ruas do centro da cidade de pobres criancinhas esmoleiras. Sujas, miúdas, com traços de anjo, mas já com olhares de safadas, misturando-se com o cheiro de fumo e com palavrões nascidos na “intimidade pública” dos bares. Estas crianças estão armazenando hábitos para um futuro, cuja responsabilidade ainda não lhes cabe<sup>63</sup>.

Os jornais mostravam o que os poderosos empresários interessados na cidade “limpa” para o turismo e o governo moralizador de Florianópolis ambicionavam: não era mais tolerável a presença, nas ruas da capital, de mendigos, desocupados e prostitutas, principalmente meninas, quase crianças, que aos bandos transitavam pelas ruas esmolando, fumando e se oferecendo para aqueles que lhes pagassem algum dinheiro<sup>64</sup>. Esperava-se reconstruir e moldar o espaço da cidade às novas visões de mundo que ambicionava o desenvolvimento através do turismo.

Rachel Soihet, em relação à prostituição no Rio de Janeiro, afirma que, diante da necessidade de um local onde pudesse ser extravasado o desejo sexual masculino, os reformadores sociais propuseram a criação de um local higiênico, ao invés da eliminação ou da regeneração da prostituta<sup>65</sup>. Com um projeto de limpeza urbana instituído também em Florianópolis, no final da década de 1950 (aos moldes do que há muito já se via em outras cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo), aprofundou-se a defesa e a regulamentação de leis que começavam a adquirir maior consistência e sofisticação, conquistando um espaço mais expressivo, estabelecendo, assim, normas de conduta a serem seguidas pelas prostitutas, que eram responsabilizadas pela contaminação em massa de vários males, entre eles a sífilis, doença infecciosa e contagiosa, transmitida pela relação sexual.

O processo de limpeza urbana se estendeu por toda a década de 1960, quando, manifestando certa discordância no que tangia às formas que deveriam ser empregadas no

---

<sup>63</sup> MELO, Osvaldo. O perigo ronda o centro da capital. O Estado. Coluna Nossa Capital, Florianópolis, 18 de abr. de 1962, p. 5.

<sup>64</sup> Comentário feito pelo depoente Aldirio Simões. JESUS, Aldirio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999.

<sup>65</sup> SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

tratamento da “doença”, parte da população queria a eliminação de uma vez por todas das prostitutas, livrando a cidade dos males a elas atribuídos. Outros achavam a prostituição um “mal necessário” e apenas desejavam tirá-la do alcance dos olhos urbanos. A intenção principal de alguns agentes da sociedade era isolar as prostitutas, a fim de que pudessem impor limites no que dizia respeito à questão do espaço público, impedindo a contaminação da sociedade pelas doenças associadas à libertinagem. Objetivava-se também evitar o contato entre os que desejavam progresso e modernização e aqueles que eram a imagem da decadência e do atraso. Controlar as prostitutas seria limitar e isolar seu espaço, mantendo, através de medidas higiênicas e policiais, a ordem social, o que faria com que as normas instituídas fossem respeitadas.

## **1.2 Um espaço apropriado**

Em Florianópolis, a imagem decadente das prostitutas que faziam ponto nas praças, ruas e becos da capital era realmente comum, como também a presença de agenciadores do sexo que agrediam e humilhavam aquelas que trabalhavam sob seus cuidados. Sendo assim, a insatisfação dos poderes públicos, além da insistência daqueles que acreditavam serem moralmente superiores aos personagens ligados ao cotidiano da prostituição, exigiram o controle das prostitutas e seu isolamento imediato.

Defendendo a necessidade de regulamentar a prostituição em Florianópolis, no final do ano de 1961, período em que Celso Ramos governava o Estado, o então Secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, anunciou<sup>66</sup> que a partir daquele momento não seria mais tolerável a permanência de casas de prostituição nos locais públicos da cidade, bem como

---

<sup>66</sup> Este anúncio não foi encontrado na íntegra, embora algumas reportagens jornalísticas se refiram a ele. Ex. “Está de parabéns o senhor secretário Jade Magalhães por sua atuação na cidade de Florianópolis. As famílias agradecem por poderem andar nas ruas, longe da incômoda presença de marginais e prostitutas que são desordeiros, sujos e imorais”. Espaço do leitor. O Estado. Florianópolis, 01 de maio de 1962, p. 5.

seriam punidos com severidade as “senhoras” e os proprietários de casas de prostituição que insistissem em permanecer praticando atos libertinos nas ruas ou nos seus lugares de costume, desrespeitando a ordem social estabelecida <sup>67</sup>.

Os jornais de 1962 sempre apoiavam Jade Magalhães e se mostravam favoráveis às reformas sociais e aos projetos que contemplavam a moralização e higienização da cidade, publicando notas que enalteciam as ações e os decretos do Secretário de Segurança Pública da capital.

Fala-se que o titular da Secretaria de Segurança Pública, Dr. Jade Magalhães, por todos os lugares que tem passado vem sentindo os efeitos benéficos da sua atuação à frente da importante pasta que em boa hora lhe foi confiada pelo eminente governador Celso Ramos <sup>68</sup>.

Está sendo muito comentada na rua Felipe Schmidt e arredores a eficiente atuação do titular da pasta responsável pela ordem pública, Senhor Jade Magalhães. Ele esta realmente levando a sério as decisões do governo e o desejo da sociedade de livrar Florianópolis da chaga social da jogatina, da bebedeira e da prostituição. <sup>69</sup>

Nesse período, ficou estabelecido que seria preciso encontrar um terreno afastado do meio urbano para serem confinadas as prostitutas, que ficariam alojadas num lugar único, onde pudessem ser normatizadas, vigiadas e onde fosse possível impor-lhes limites.

É importante ressaltar também que este estudo abarca as décadas nas quais a ditadura militar se fez presente no Brasil, embora podemos observar que o governo dos militares não interferiu em nada nas decisões sociais relacionadas ao destino da prostituição em Florianópolis. Quando, no Brasil, em 1964, o golpe militar aconteceu, a prostituição na capital de Santa Catarina já estava subordinada a um espaço determinado, a Vila Palmira, em São

---

<sup>67</sup> JESUS, Aldirio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999. Também sobre a atuação do Secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, temos o depoimento de Ana Maria Coelho, mais conhecida como Ana Galega, que era proprietária de uma boate em Capoeiras e disse ter sido obrigada, pelas autoridades policiais, nos anos de 1960, a abandonar seu estabelecimento noturno e levar para um local isolado e previamente determinado suas “pensionistas”. COELHO, Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 25 de maio de 2008. Na data a senhora Ana Maria tinha 79 anos.

<sup>68</sup> MELO, Osvaldo. Parabéns senhor Jade Magalhães. *O Estado*. Florianópolis, 17 de abr. de 1962, p. 5.

<sup>69</sup> MELO, Osvaldo. Ronda pela cidade. *O Estado*. Florianópolis, 28 de abr. de 1962, p. 4.

José, e os reformadores sociais da cidade já haviam concordado que esta Vila seria um lugar apropriado para esconder e controlar a prostituição, que interferia nos projetos sociais de embelezamento da cidade e futuro pólo turístico.

Em 1963, as casas de prostituição que se encontravam no centro da cidade, nos arredores do Estreito e em vários outros pontos de Florianópolis, foram todas induzidas e incentivadas pelos poderes públicos, muitas vezes por meio da imposição de força física, a se instalarem num local de pouco acesso e que, na época, não era habitado por “casas de famílias”. É o que se percebe ao analisar as notícias jornalísticas deste ano, como a que foi vinculada no jornal, O Estado, de maio de 1963:

[...] No sentido de melhor atender a população florianopolitana, o Dr. Jade Magalhães baixou portaria criando a Delegacia de Plantão. O plantão policial noturno se inicia as 19h00min horas e termina as 07h00min horas do dia seguinte. A Delegacia de Plantão atende pelos telefones [...] Estando a seu cargo verificar todas as ocorrências policiais noturnas da capital, bem como enquadrar como transgressores aqueles que insistem em utilizar as ruas de Florianópolis para atividades ilícitas e imorais. É necessário que a população fique atenta e denuncie<sup>70</sup>.

É neste período de grande tensão e constantes entreveros entre as prostitutas e os poderes públicos vigentes (estes ambicionando o total afastamento social daquelas), que o senhor Célio Oliveira da Veiga entra neste estudo. Proprietário de terrenos desocupados e afastados do centro da capital, ele planejou transformar a grande propriedade que possuía nos arredores de São José em um moderno loteamento. Um portão largo dava entrada para a área, que a cerca de quarenta e cinco anos havia sido mato. Célio imaginou que a cidade de Florianópolis crescería e necessitaria se expandir, o que tornaria sua cidade vizinha, São José, um local densamente ocupado. Mas seu sonho desmoronou, pois nem bem havia vendido os primeiros lotes e a zona de meretrício chamada Vila Palmira, se viu invadida por prostitutas e

---

<sup>70</sup> Delegacia de Plantão. O Estado, Florianópolis, 18 de maio de 1963, p. 7. Nota-se que esta notícia teve a intenção de mostrar para a população que o Estado estava empenhado em livrar a sociedade do convívio com qualquer pessoa que utilizasse as ruas da capital para atividades consideradas pela elite e pelos conservadores como imorais, entre elas estavam as prostitutas.

marginais. Cabe ressaltar que o nome Vila Palmira, conforme relata senhor Francisco Amante, deu-se em decorrência do nome da senhora Palmira Veiga, uma mulher extremamente religiosa, cujo marido, o senhor Célio Oliveira da Veiga, com a melhor das intenções, quis homenagear, após sua morte. Por isso colocou seu nome, Palmira, no loteamento que, como herança de família, desejava vender e ali construir casas populares. Sua idéia teria sido nobre se o então Secretário de Segurança Pública, Jade Magalhães, não tivesse ali no loteamento resolvido instalar um prostíbulo. Ele comprou alguns lotes e os revendeu para aqueles que, interessados em continuar na vida da prostituição, poderiam neste espaço exercê-la de maneira controlada, com autorização judicial.

Conforme lembra o senhor Amante, “Coitadinha da Dona Palmira, uma senhora tão distinta, tão católica, tão recatada. Deve até hoje se revirar no túmulo de revolta por ter seu nome vinculado a uma zona de prostituição. Se ela um dia iria sequer sonhar com isso”<sup>71</sup>.

Oswaldo Melo em sua coluna no jornal O Estado também escreve sobre a transferência das casas de prostituição de Florianópolis para a Vila Palmira. Em artigo, escrito no dia 25/06/1962, ele afirma que os poderes públicos da capital já haviam iniciado o processo de limpeza social, começando por isolar e controlar uma das maiores e mais conhecidas casas de prostituição da cidade, a casa de Maria Barbosa, que antes localizava-se nos arredores do bairro Estreito, parte continental da capital catarinense<sup>72</sup>.

Também sobre a venda dos primeiros terrenos da Vila Palmira, a senhora Ana Maria Coelho, ex-proprietária de 3 boates no local, lembra que o primeiro lote que adquiriu na Vila foi obrigada a comprar. Conforme a depoente, ela e suas meninas foram praticamente

---

<sup>71</sup> AMANTE, Francisco Hegídio. Entrevista concedida a Maryana C. Ferrari, Florianópolis, 20 de abr. de 1999. Na data da entrevista o senhor Francisco tinha 66 anos e era escritor.

<sup>72</sup> MELO, Oswaldo. Cidade organizada. O Estado, Coluna Nossa Capital, Florianópolis, 25 de jun. de 1962, p. 3.

expulsas da antiga boate que possuía, em Capoeiras. O próprio delegado da cidade, Trojílio Melo, levou-a para conhecer a Vila Palmira, lugar onde então deveriam morar e trabalhar<sup>73</sup>.

O ato de Jade Magalhães, excluindo as prostitutas do centro da capital e de seus arredores, obrigando essas mulheres a trabalharem e morarem na Vila Palmira, prejudicou muito a venda dos outros lotes que restaram na Vila. Em consequência, seu proprietário não teve alternativa se não diminuir o valor dos terrenos e vendê-los para aqueles que não se importavam em conviver com uma vizinhança que tinha como objetivo a vida noturna e a prática da prostituição.

Em entrevista, o colunista Aldírio Simões afirmou que a casa de Maria Barbosa era a mais luxuosa casa de prostituição da cidade de Florianópolis, e que a atitude de instala-la na Vila Palmira foi uma estratégia dos poderosos, dentre eles alguns políticos importantes, que desejavam continuar visitando discretamente este local sem serem descobertos nem denunciados. Inclusive Simões relatou que Maria Barbosa ganhou de presente o seu lote na Vila Palmira. Além disso, a construção de sua casa, a maior e mais bonita que lá se instalou, foi financiada por seus freqüentadores ilustres.

Simões afirmou também que os outros lotes que estavam à venda na Vila Palmira não conseguiam compradores, pois rapidamente se espalhou a notícia da transferência da casa de Maria Barbosa e de outras casas de prostituição para o local. Desta forma, o proprietário interessado em vender os demais lotes diminuiu seu valor e acabou por vendê-los para aqueles que, pressionados pelos poderes públicos, deveriam o mais rápido possível transferir-se do centro de Florianópolis e de seus arredores.

No início do ano de 1962, os 40 lotes da Vila Palmira começaram a ser anunciados nos jornais para venda. Nos anúncios, os lotes eram caracterizados como de excelente localização, com infra-estrutura adequada para moradia e uma perfeita opção para aqueles que desejavam

---

<sup>73</sup> COELHO, Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, São José, 25de maio de 2008. Na data da entrevista a senhora Ana Maria tinha 79 anos.

investir no bairro de Barreiros, pois este estava em incontestável progresso, devido ao crescimento acelerado de Florianópolis. Os jornais até arriscavam uma previsão, quando afirmavam que num futuro bem próximo o continente seria um lugar privilegiado para o comércio e para residências daqueles que ambicionavam maiores terrenos com um preço menor, se comparados aos da capital catarinense<sup>74</sup>.

No jornal O Estado, de 17 de outubro de 1962, lia-se o anúncio: “Invista em São José! Estão à venda excelentes lotes residenciais e comerciais na Vila Palmira. Com infra-estrutura adequada, as áreas são extensas e prontas para sua construção. Não perca a oportunidade”<sup>75</sup>.

Simultaneamente, na coluna “Nossa Capital” do jornal O Estado, Osvaldo Melo continuava, com a ajuda de leitores que escreviam para sua redação reclamando e pedindo providências para resolver problemas detectados no centro de Florianópolis, a criticar e reclamar por providências. Ele diariamente escrevia sobre o crescimento acelerado da capital, pedia providências das autoridades para livrar a população da desordem que continuava a amedrontar a “população de bem” e sobre a provável expansão imobiliária e comercial do município de São José. Segundo Osvaldo Melo a população que vivia em condições precárias em Florianópolis deveria investir, com auxílio do governo, em São José. Dessa forma os “ilustres” moradores do centro da capital estariam livres de preocupações com indesejáveis encontros, pois na rua Conselheiro Mafra ainda se encontravam casas noturnas, com clientela diária, que burlavam a lei e continuavam a exercer a prostituição nos arredores do centro, ao mesmo tempo em que eram freqüentes acontecimentos trágicos como brigas e assaltos. Em uma de suas colunas ele escreveu:

[...] Ainda não perceberam o perigo? Pois está ali bem perto. Ali onde dia e noite formam-se extensas filas de passageiros que aguardam a saída dos ônibus que vão ao Continente (Circular Centro). Naquele local, fundo de casas comerciais, de estabelecimentos localizados na rua Conselheiro Mafra mora o perigo.

---

<sup>74</sup> Ver: jornal O Estado. Florianópolis. (1961 a 1970)

<sup>75</sup> Invista em São José. O Estado, classificados, Florianópolis, 17 de out. de 1962, p. 9.

Os fundos daquelas casas apontam futuros desastres, quando os vidros partidos e os telhados seculares caírem sobre as cabeças dos passageiros que aguardam a saída dos ônibus. Vai ser uma saraivada de estilhaços de vidros e cacos de telhas que têm endereço certo, os hospitais. Quem vai evitar o perigo à vista? Ficam a pergunta e o aviso... Vamos evitar um desastre que só forneceram notícias más?

E a solução? Talvez não fosse hora de possibilitar e incentivar a transferência daqueles com poucas condições financeiras a adquirirem terrenos e lotes em outras localidades, fora do atordoado e turístico centro de Florianópolis? O continente está crescendo muito e em breve a especulação imobiliária acontecera também por lá.<sup>76</sup>

A tática de tirar os excluídos, principalmente as prostitutas, do centro da capital, fez com que São José abrigasse em seu território, a partir daquele momento, as meretrizes expulsas de Florianópolis, além de parte da população que optava por localizar-se no continente, em áreas pouco valorizadas do ponto de vista imobiliário, tanto por terem pequeno poder aquisitivo quanto por desejarem adquirir propriedades de maior extensão<sup>77</sup>.

A transferência da população de baixa renda de Florianópolis para São José, entre 1960 e 1970, através da compra de lotes e terrenos, continuou a crescer nas décadas posteriores, sendo fruto dos investimentos públicos carreados para a capital catarinense, como, por exemplo, a Universidade Federal de Santa Catarina, os Institutos de Assistência Social, as Secretarias de Estado, e com o surgimento de uma série de empresas de economia mista, que atraíram a classe média, dando origem ao processo de expulsão de pessoas com menos recursos para moradias mais distantes<sup>78</sup>.

Após a construção da ponte Hercílio Luz, a economia se encontrava extremamente vinculada a Florianópolis, pois São José não havia acumulado capital suficiente para promover a industrialização de maneira independente e a perda de parte importante de seu território, com as sucessivas emancipações e mudanças nos rumos da economia catarinense e nacional, deram a esta cidade a configuração de “cidade-dormitório”, aquela para a qual as pessoas, após trabalharem o dia inteiro em outra localidade, retornam apenas para descansar.

---

<sup>76</sup> MELO, Osvaldo. Perigo no centro da capital. O Estado. Coluna Nossa Capital. Florianópolis, 12 de maio de 1963, p. 5.

<sup>77</sup> FARIAS, Vilson Francisco de. **São José**: 250 anos, natureza, história e cultura. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999, p. 129.

<sup>78</sup> PELUSO JR, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3º fase, n. 3, p. 16.



Algumas pesquisas, a exemplo da realizada por Djanira Martins de Andrade, dão conta da influência da construção da ponte Hercílio Luz no processo de estagnação econômica de São José. Segundo esta autora:

A ponte foi a responsável direta pelo desaparecimento da baldeação de produtos coloniais em Palhoça e São José, cidades que estagnaram desde então, pois se antes os transportes dos produtos das colônias ali eram obrigados a parar, com a construção da ponte e até hoje passaram a ir diretamente a Florianópolis sem intermediários<sup>79</sup>.

Por estes motivos, durante o período de 1930 até 1950, a cidade de São José teve sua vida econômica afetada, passando a viver basicamente da sua proximidade com Florianópolis, que progredia em função de sua condição de capital e de suas implicações: comércio relativamente dinâmico, investimentos na infra-estrutura, atração de mão-de-obra qualificada para serviços públicos. E, não menos importante, Florianópolis também atraiu a indústria da construção civil e, junto com ela, numerosos moradores da zona rural, que aumentaram os bairros de população de baixa renda, principalmente em São José<sup>80</sup>.

Com a instalação da zona de prostituição, Vila Palmira, iniciou-se um período no qual, de local quase desabitado e deserto, Barreiros, bairro de São José, começou a ser o ponto de encontro obrigatório de boa parte da população masculina de Florianópolis e de seus arredores. Nesta vila, os homens encontravam divertimentos variados, como mesas de carteados, bares, redutos masculinos de sociabilidades, além de serviços sexuais e uma maneira rápida e eficaz de afirmação da masculinidade.

A primeira casa a ser instalada na Vila foi a de Maria Barbosa, dona do maior prostíbulo da região. Para Vila Palmira, ela levou consigo cerca de 30 garotas, que seguiriam

---

<sup>79</sup> ANDRADE, Djanira M. Martins de. **Hercílio Luz: uma ponte integrando Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1981, p. 126.

<sup>80</sup> FARIAS, V. F. Op. Cit, p. 130.

praticando suas funções como “trabalhadoras do sexo”, vigiadas e controladas por todo um discurso médico e jurídico<sup>81</sup>.

Segundo a depoente Paula Alves Padilha, antiga moradora da Vila Palmira e gerente da casa de Maria Barbosa:

Foram tempos de glória a década de 1960. A famosa boate de Maria Barbosa se transferia do Balneário do Estreito, para se estabelecer na Rua Célio Veiga, no casarão onde, hoje, fica uma Loja Maçônica. Outras casas foram chegando. Mas, a casa da Vó, como era chamada Maria Barbosa, é que tinha o requinte para abrigar os grandes da Capital<sup>82</sup>.

Com a transferência da prostituição de Florianópolis para São José, como já apontado, os lotes da Vila Palmira perderam seu valor. Só alguns compradores conseguiram vender muito bem para aqueles que, interessados na prostituição, pagavam alto. Assim, Célio da Veiga não conseguiu impedir que surgissem novas casas de prostitutas. Por total incentivo dos poderes públicos, a prostituição de Florianópolis e São José, na década de 1960, ficou concentrada quase que inteiramente na Vila, que se tornou lugar conhecido na busca de serviços sexuais e amores clandestinos.

Ainda sobre o surgimento de um local destinado à prostituição, em Florianópolis, Hamilton Silva, taxista e freqüentador da Vila Palmira, comenta que:

Foi rápido demais! Quando a gente percebeu o único lugar da cidade em que se encontravam casas de raparigas alegres era na Vila Palmira. Foram todos para lá: os dormitórios que alugavam quartos para a gente namorar, os bares de carteados, as casas de luxo para os figurões e as casas simples de prostituição barata. Naquele ano fizeram mesmo uma limpeza social na capital<sup>83</sup>.

Quando pensaram num lugar único e vigiado, para a instalação de casas de prostituição, os moralistas da sociedade buscavam o equilíbrio que seria assegurado na

---

<sup>81</sup> Um sonho que virou pesadelo. Jornal de Barreiros. Especial. Ano 01, número 04, setembro de 1991, p. 07.

<sup>82</sup> PADILHA, Paula Alves. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador do Jornal de Barreiros. Abril de 1991. Na época da entrevista Paula tinha 69 anos. A depoente foi gerente de uma das mais famosas boates, localizadas na Vila Palmira.

<sup>83</sup> SILVA, Hamilton. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 30 de abr. de 1999.

medida em que os desejos masculinos não fossem completamente reprimidos e nem completamente livres. As realizações dos desejos sexuais masculinos deveriam ser praticadas conforme limites impostos por aqueles que se julgavam devidamente competentes para impor regras e punir aqueles que não aceitavam e descumpriam estas mesmas regras. A liberdade desenfreada de qualquer homem, diziam os moralistas, traria doenças e um mal muito grande para a população. Era normal, na capital catarinense, que o dever de zelar para que as normas estabelecidas fossem garantidas e cumpridas ficasse como dever da própria comunidade<sup>84</sup>.

Vista como um "mal necessário", que não poderia ser extinta, mas sim tratada, a prostituição em Florianópolis começou a ser vigiada pelas autoridades que eram rigorosas no cumprimento das leis. Todas as casas de "mulheres de vida fácil" tiveram determinados prazos para mudar-se para a Vila Palmira, destacando que o seu funcionamento se daria sob ordens também já impostas<sup>85</sup>. Submetidas à severa conduta, todas as mulheres do lugar eram obrigadas a obedecer às leis que estipulavam sobretudo horários de funcionamento dos estabelecimentos, quando e como poderiam sair da Vila, a quantidade de exames médicos que deveriam realizar e até que tipo de cliente cada casa deveria receber.

Sobre os exames médicos que as prostitutas da Vila Palmira eram obrigadas a realizar, a depoente Ana Maria Coelho relata que eles eram freqüentes e controlados por médicos acompanhados de policiais. As prostitutas que estivessem doentes ou que apresentassem sintomas de alguma doença sexualmente transmissível eram isoladas e proibidas de freqüentar os salões das boates. Ainda segundo a depoente, as garotas que não seguissem as normas estabelecidas pelas autoridades médicas eram presas e humilhadas<sup>86</sup>.

Na fala do taxista Hamilton Silva, freqüentador da Vila, percebe-se uma certa preocupação quando, mesmo afirmando conhecer e gostar de casas de prostituição, deixou

---

<sup>84</sup> JESUS, Aldírio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999.

<sup>85</sup> Secretaria de Segurança Pública promete acabar com a prostituição no centro da Capital. *O Estado*, policial. Florianópolis, 12 de maio de 1965, p. 07.

<sup>86</sup> COELHO, Ana Maria. Entrevista realizada por Maryana C Ferrari. São José, 25 de maio de 2008.

claro que dentro do ambiente familiar e social em que convivia com sua mulher e filhos sua postura e comportamento eram “intocáveis”. Não admitia que “damas da noite”, como ele denominava as prostitutas, falassem com ele ou o cumprimentassem quando estas estavam fora do seu confinamento.

Não pode haver liberdade absoluta. Em tudo é necessário o equilíbrio, a ordem e a harmonia. A vida social exige que cada um sacrifique parte de sua liberdade em benefício de muitos ou de todos. Cada um deve se por em seu lugar! Eu quando estava com uma “menina da vida” era até carinhoso, deixava gorjeta e até dava presentes! O que não podia admitir é que essas mulheres confundissem as coisas. Prostituta é prostituta, estas são para diversão e não para encontros nas pracinhas onde passeávamos com nossas famílias e os jovens levavam as namoradinhas, aquelas que eram “meninas de família”, para namorar. Cada um tem que saber seu lugar, e lugar de prostituta é dentro do meretrício, sendo principalmente incentivadas, pelas autoridades, a freqüentar médicos para não passar doenças para a gente <sup>87</sup>.

Nota-se, através de sua fala, que, mesmo freqüentando casas de prostituição e mantendo relacionamentos sexuais com garotas de programa, este homem é extremamente preconceituoso. Compartilhando das mesmas idéias que tinham vários moradores de Florianópolis, nas décadas de 1960 e 1970, ele acreditava que a prostituição deveria estar a sua disposição, embora isolada do convívio social de sua família – mulher e filhos. Estando a prostituição isolada e controlada pelas autoridades médicas e policiais, mulheres e homens da sociedade sentiam-se mais tranquilos quanto a transmissão de doenças sexuais e os indesejáveis encontros nas ruas de Florianópolis, ruas estas que desejavam manter-se limpas e livres da marginalização e promiscuidade.

As medidas de fiscalização eram justificadas como necessárias para a proteção da saúde e da moral do “consumidor”, o homem, que faz do corpo da prostituta um lugar concebido para seu prazer. Neste sentido, o discurso médico impõe a aplicação de normas higiênicas e policiais para pôr, de uma vez por todas, fim à prostituição pública e livre, que,

---

<sup>87</sup> SILVA, Hamilton. Entrevista realizada por Maryana C Ferrari. Florianópolis, 30 de abr. de 1999.

decerto, seria uma transmissora de infecções, doenças e constrangimentos para toda a sociedade<sup>88</sup>.

Margareth Rago mostra que o conceito da prostituição é repleto de conotações bastante moralistas e ligadas à imagem da sujeira, caracterizando aquilo que estabelece uma dimensão não aceita pela sociedade. Por isso, o conceito não deve ser lançado sobre relações passadas para nomear práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, não sem antes realizar um estudo profundo da singularidade dos acontecimentos.<sup>89</sup>

A instalação da Vila Palmira ocorreu no contexto de uma "imposição" da sociedade de Florianópolis, baseada no discurso médico e higienista para o controle dos vários males que eram atribuídos às prostitutas, responsáveis, conforme esse discurso pelo aumento das maiores doenças como a sífilis e a gonorréia, que, progressivamente, aumentavam, preocupando e alarmando a sociedade.

Em Florianópolis, através do serviço de higienização, de 1946 a 1968, foram construídos cinco reservatórios de água, elevando a capacidade para 7 milhões e 700 mil litros, além da construção de redes de esgoto em Palhoça e São José.<sup>90</sup> Isso confirma uma maior preocupação em limpar a cidade e higienizar seus espaços através de medidas instituídas, que iam desde construir sistemas de esgoto e saneamento público, até perseguir as prostitutas.

Com relação à Vila Palmira, ela marcou época em Florianópolis, proporcionando aos seus freqüentadores vários atrativos, como *shows*, bares, jogos e o serviço de profissionais do sexo. A Vila era também um ponto de encontros masculinos na busca do prazer, onde eram

---

<sup>88</sup> FERRARI, Maryana Cunha. **Entre a cruz e as delícias** (Prostituição e imaginário masculino em Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970). 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em História). Florianópolis: UDESC, 1999, p. 15.

<sup>89</sup> RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

<sup>90</sup> Florianópolis: origens e destinos de uma cidade a beira mar. Diário Catarinense. DC Documento – Florianópolis, nº 29, 29 de mar. de 1996.

construídos códigos de honra ligados à masculinidade, criando imagens públicas de homens bravos e viris. Sendo assim, conforme Enélio Alcides da Silva, a masculinidade é atribuída, socialmente, ao padrão encontrado em um indivíduo com uma identidade de gênero masculina, uma prática sexual exclusivamente heterossexual e um desejo constante por pessoas do sexo oposto<sup>91</sup>. A construção dessa masculinidade se dá através de normas sociais que impõem aos meninos uma identidade vinculada à virilidade e à masculinidade desde a adolescência.

A referida Vila era um lugar de sociabilidades masculinas, onde, nas conversas, os homens formavam uma esfera também de debates acalorados. Assim, a preservação da zona de prostituição como lugar sadio era obrigatório, pois, sendo vigiada pelos médicos e regulamentada pela ordem pública, ela possuía sua utilidade, pois as relações sexuais dos homens com várias mulheres não só eram permitidas, como freqüentemente incentivadas. Os rapazes normalmente procuravam prostitutas para suas aventuras, ou seja, mulheres com quem não pensavam firmar compromisso. A virilidade dos homens era medida em grande parte por essas experiências, sendo comum serem estimulados a começar cedo sua vida sexual. No depoimento de dona Olária Coelho, percebe-se como era normal para a sociedade da década de 1960 a freqüente visita dos rapazes e homens às casas da Vila Palmira:

Depois de casada eu sofri muito por saber que meu marido continuava freqüentando a Vila Palmira. Quando eu era menina e sonhava em casar de branco e ser feliz para sempre eu nem ligava. Era normal que ele como homem fosse para lá, afinal ele queria me preservar. Ele não podia fazer comigo, então fazia com as mulheres da vida<sup>92</sup>.

Observa-se, neste depoimento, a construção cultural de gênero, onde a mulher era educada para aceitar o comportamento sexual do homem como algo normal, como resultante

---

<sup>91</sup> SILVA, Enélio Alcides da. Violência sexual na cadeia: honra e masculinidade. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: UFSC, 1997, p. 7

<sup>92</sup> COELHO, Olária. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. São José, 01 de jun. de 1999. Neste ano a depoente tinha 58 anos.

de sua natureza. Por isso, ainda nas décadas de 1960 e 1970, acreditava-se ser proteção e carinho o fato de namorados ou noivos procurarem prostitutas para relacionamentos sexuais e aventuras, preservando, assim, a honra das suas futuras esposas.

Como já exposto anteriormente, os médicos, por sua vez, reforçaram sua posição quanto à necessidade de regulamentar a prostituição como uma solução eficaz não só no combate à propagação de doenças venéreas, mas também como forma de eliminar a imoralidade pública, contendo a desordem social e, por conseguinte, “converter” a sociedade. Quando a Vila Palmira se tornou local único de prostituição em Florianópolis e São José, década de 1960, todas as prostitutas foram obrigadas a regularmente comparecer ao médico, que as examinava e dizia se poderiam então exercer livremente a profissão <sup>93</sup>.

Então, sob um rigoroso controle de normatização da prostituição, a medicina empreendeu uma série de medidas de caráter policial e higiênico. Visitas médicas obrigatórias se tornaram regulares, e o tratamento da prostituição e de mulheres portadoras de alguma doença transmissível eram tidas como necessárias para o bem da sociedade em geral.

A lembrança de Aldirio Simões é elucidativa:

Eu lembro de um dia em que cheguei à casa da Maria Barbosa, uma casa das melhores que tinha na Vila Palmira, e lá encontrei uma rapariga com o cabelo raspado e um lenço vermelho na cabeça. Era comum isso, as autoridades estavam de olho. Era uma maneira que nós, frequentadores, tínhamos de saber se aquela mulher podia ou não ser levada para os quartos. Se tava doente podia passar doença ruim para nós e nossa família e isso não podiam admitir <sup>94</sup>.

Nota-se que as mulheres que adoeciam eram marcadas, sendo, portanto, excluídas do convívio masculino. Pode-se inferir que elas sentiam-se envergonhadas, rotuladas e discriminadas quando portadoras de alguma doença. Quando seus cabelos eram raspados, mexiam com sua vaidade, pois o cabelo na mulher representa um símbolo da feminilidade.

---

<sup>93</sup> Inspeção médica na Vila Palmira. *O Estado*, Florianópolis, 20 de jul. de 1965, p. 16.

<sup>94</sup> JESUS, Aldirio Simões. Entrevista realizada por Maryana C Ferrari, Florianópolis, 10 de mar. de 1999.

Assim, o valor simbólico deste ato deve ter sido forte, pois, além da vergonha, as prostitutas sentiam-se inseguras e perdiam clientela.

Transformar a cidade em espaço saudável era uma expectativa comum dos moralistas, médicos, religiosos e até freqüentadores assíduos faziam uma imposição no sentido de estabelecer limites às prostitutas com base no discurso que gerava uma maior segurança social. Magali Engel, falando sobre a prostituição no Rio de Janeiro, afirma que:

Definida como doença, a prostituição mantém um significado amplo através do qual é diagnosticada como uma ameaça que vai além da extensão física do corpo, atinge a família, o casamento o trabalho e também a propriedade.<sup>95</sup>

Desta forma, o diagnóstico que serviu para fundamentar o caráter perigoso da prostituição serve também para justificar e salientar a necessidade de controle médico e de imposição de normas. Conforme Maria Bernadete Ramos Flores, o saber médico investia seus conhecimentos no corpo das mulheres, visando a controlar e definir papéis, masculinos e femininos, no que se refere ao sexo, procriação e a higiene das famílias<sup>96</sup>.

Deste modo, a Vila Palmira foi criada para controlar a libertinagem nos centros urbanos de Florianópolis, num período em que a cidade caminhava para um desenvolvimento muito almejado pelo poder público e pelas elites locais. Entender os discursos pronunciados pelas autoridades e pelos médicos, a fim de excluir do convívio social os que eram julgados "impróprios" é fundamental, uma vez que estes discursos perpassavam toda a sociedade, traduzindo atos, submissões ou resistências. Numa sociedade controlada, os discursos se tornavam "verdade" e, através deles são observadas determinadas relações de poder<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 102.

<sup>96</sup> FLORES, Maria B. Ramos. A medicalização do sexo ou do amor perfeito. In: SILVA, Alcione Leite da. (org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Das Mulheres, 1999.

<sup>97</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 19-20.



Para Michel Foucault, o poder não somente reprime, mais também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Dessa forma, aquele que possui o saber também se torna o dono de poder, pois o conhecimento é uma fonte direta de dominação. Quando, em 1960, os médicos diagnosticaram as prostitutas de Florianópolis como portadoras de males que prejudicariam a saúde física e moral de toda a sociedade, as autoridades políticas e policiais, que já ambicionavam o progresso e a limpeza urbana da cidade, se utilizaram do saber dos médicos para impor suas verdades e conseqüentemente seu poder e sua dominação.

A Vila Palmira teve seu tempo de glória, e é lembrada por alguns saudosos freqüentadores como Vila dos "prazeres" e das "delícias", embora também se saiba que era um dos lugares mais perigosos da Grande Florianópolis. Segundo o Secretário de Segurança Pública do Estado, em 1991, Sidney Pacheco<sup>98</sup>, muitas mulheres foram ali exploradas e escravizadas. Muitas mortes e brigas entre mulheres, clientes, cafetões e cafetinas ocorreram, com o testemunho de homens e mulheres, que hoje relembram os anos em que conheceram e freqüentaram a Vila. Baseada nestas informações, no próximo capítulo discutirei as relações existentes no interior da Vila Palmira, seus códigos e suas imagens.

---

<sup>98</sup> PACHECO, Sidney. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador e diretor do Jornal de Barreiros, em 1991. Na época o senhor Orestes fazia, uma reportagem sobre o "submundo" da Vila Palmira.

## CAPITULO II

### 2. A Vila: Memória, Tensões e Prazeres.

Segundo Gérard Vicent, a palavra prostituta vem do latim *prostituere* e significa “exibir em público”, mostrando, portanto, a mulher que deixa de ser um bem privado e é oferecida a quem paga, não esquecendo que a atividade do meretrício requer se não o sigilo, pelo menos a discrição,<sup>99</sup> já que os homens, muitas vezes, utilizam a prostituta para seus prazeres e também, dizem, para preservarem as moças de família com quem pretendem se casar.

Alem da definição de Gerard Vicent, cumpre destacar que existem inúmeras definições para este termo. Por exemplo, Ana G. e Ana L. traduzem o termo como sendo a prática de atividades sexuais com caráter comercial. Estas autoras ainda acrescentam que, apesar de existirem homens que exercem a prostituição, as mulheres são em maior número neste ramo de atividade<sup>100</sup>.

O termo prostituição abrange uma pluralidade de práticas, que vão desde os serviços de acompanhantes até as relações sexuais. Além disso, esta atividade pode ocorrer em múltiplos cenários. Todavia, a prostituição de rua é a que possui mais visibilidade. Conseqüentemente é a mais combatida pela sociedade moralista, embora estudos demonstrem que este tipo de prostituição ocupe apenas de 10 a 20% do total das mulheres que se prostituem.<sup>101</sup>

Como já exposto no capítulo anterior, as prostitutas têm sido alvo de preconceitos e perseguições moralistas, embora Ana G. e Ana L. alertem para o fato das teorias feministas,

---

<sup>99</sup> VICENT, Gérard. A prostituição. In: ARIÉS, P; DUBY, G. (orgs). **História da vida privada**. V.5. São Paulo. Cia. das Letras, 1995, p. 381.

<sup>100</sup> MACEDO, Ana G.; AMARAL, Ana L. (orgs). **Dicionário da crítica feminista**. Afrontamento, 2005, p. 154. (Coleção Dicionários)

<sup>101</sup> Idem, p. 155.

que começaram a circular a partir da década de 1980, vêem a prostituta como uma mulher dona da sua esfera sexual, que está liberta de preconceitos, visto que a sua “sexualidade não pertence a nenhum homem”. Ou seja, a prostituta é livre, como cidadã, para praticar o que quiser com seu corpo, inclusive usá-lo como ferramenta de trabalho <sup>102</sup>.

Ainda com relação à discriminação de que são vítimas, cumpre enfatizar que na década de 1940, em Florianópolis, as prostitutas, quando envolvidas em inquéritos policiais (fato comum, já que eram proibidas de trabalhar), eram identificadas como “sem profissão”. Além disso, recebiam denominação baixo nível (vagabundas, decaídas, etc.), o que denota o grau de inferiorização a que eram submetidas. <sup>103</sup>.

Entretanto, como já apontado, elas eram consideradas um “mal necessário”, tendo em vista que:

Numa sociedade que queria preservar o sexo das donzelas para o casamento legítimo e a virgindade era passaporte para a profissão de esposa, as “decaídas” tinham, entre outras funções, fazer a iniciação sexual dos filhos das “famílias distintas”. Portanto, não se tinha a intenção de que elas desaparecessem, apenas deveriam ficar “nos seus lugares”, ou seja, num espaço físico confinado, onde pudessem ser vigiadas <sup>104</sup>.

Assim, percebe-se a clara posição da “prostituição” como atividade comercial necessária para o desenvolvimento de uma sociedade pautada nos principais e mais imaculados preceitos morais e religiosos.

Deve-se lembrar que, em Florianópolis, no final dos anos 1950, as casas de prostituição se encontravam por toda a cidade. As meretrizes utilizavam as ruas como pontos de encontros noturnos, quando então foram todas coagidas, pelo poder público, a se instalarem num lugar de pouco acesso, na época, quase desabitado. Foi neste cenário de “parcial” proibição às prostitutas que nasceu, como vimos no capítulo anterior, a Vila

---

<sup>102</sup> Idem, p. 156.

<sup>103</sup> PEREIRA, Ivonete. **As decaídas**: prostituição em Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 2004, p. 9.

<sup>104</sup> Idem, p. 11.

Palmira: um loteamento, ainda em 1960, isolado e de pouco acesso. A Vila, segundo os reformadores sociais, era um local higiênico, onde “damas” e “vagabundas” não se misturavam, sendo que, assim, a sociedade estaria segura dos males atribuídos a elas.<sup>105</sup>

Dentre os atores principais desta pesquisa, destaco uma antiga moradora da casa de Maria Barbosa, que se instalara na Vila Palmira. Paula Alves Padilha é seu nome. Em depoimento, ela afirma: “Aquela Vila foi certamente minha cruz, mas também a delícia daqueles homens”. Com essa frase, lembra dos tempos de glória e pesar ali vividos. A “casa da vó”, como era chamada Maria Barbosa, dona da primeira casa de prostituição instalada na Vila, era lugar de requinte para abrigar os grandes “figurões” da capital, comenta Paula, lembrando dos que, não querendo aparecer, entravam pela porta secreta para participar das noitadas<sup>106</sup>.

Paula deixa claro também alguns dos códigos de postura, cobrados das “meninas” da casa onde trabalhava, códigos estes que buscavam manter um espírito familiar e harmonioso. Segundo ela: “As meninas deviam se vestir de maneira provocante, mas não vulgar, ter bons modos e se apresentarem sempre limpas e perfumada para seus clientes”. Ainda em seu depoimento Paula lamenta que, no interior da Vila Palmira, também apareceram inúmeros marginais<sup>107</sup>.

Três mortes eu me lembro que aconteceram. E espancamento, tanto de clientes como de gigolô para com as garotas, era normal. [...] Eu gostava da felicidade noturna que a Vila Palmira possuía, gostava de fazer sucesso com os homens que me queriam. Só queria esquecer das vezes que tive de me esconder para não apanhar da polícia ou de algum cliente insatisfeito<sup>108</sup>.

---

<sup>105</sup>FERRARI, Maryana Cunha. **Entre a cruz e as delícias** (Prostituição e imaginário masculino em Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970). 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em História). Florianópolis: UDESC, 1999, p. 35.

<sup>106</sup> PADILHA, Paula Alves. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, diretor e organizador do Jornal de Barreiros. Ano 01 n° 4. São José, 04 de abr. de 1991, p. 5. Na época a depoente tinha 69 anos e foi gerente de uma das mais famosas boates, localizada na Vila Palmira..

<sup>107</sup> PADILHA, Paula Alves. Idem, p.5

<sup>108</sup> PADILHA, Paula Alves. Idem, p.6

Conta que a casa da “vó” tinha o requinte para abrigar os freqüentadores “importantes” da capital:

Lembro dos "figurões" que entravam pela porta secreta para participar das noitadas da casa. Eram magistrados, advogados, engenheiros e empresários. "Gente finíssima". E a vó exigia das meninas que lá moravam muito respeito. No salão não havia beijos nem agarramento. Quando as meninas chegavam para pedir vaga para trabalhar, ela exigia certos requisitos: a pintura tinha que ser suave, quase natural. Os gestos, os palavreados tinham que ser comidos. Menina, você hoje faz parte de uma família, endireite-se, comporte-se, advertia ela <sup>109</sup>.

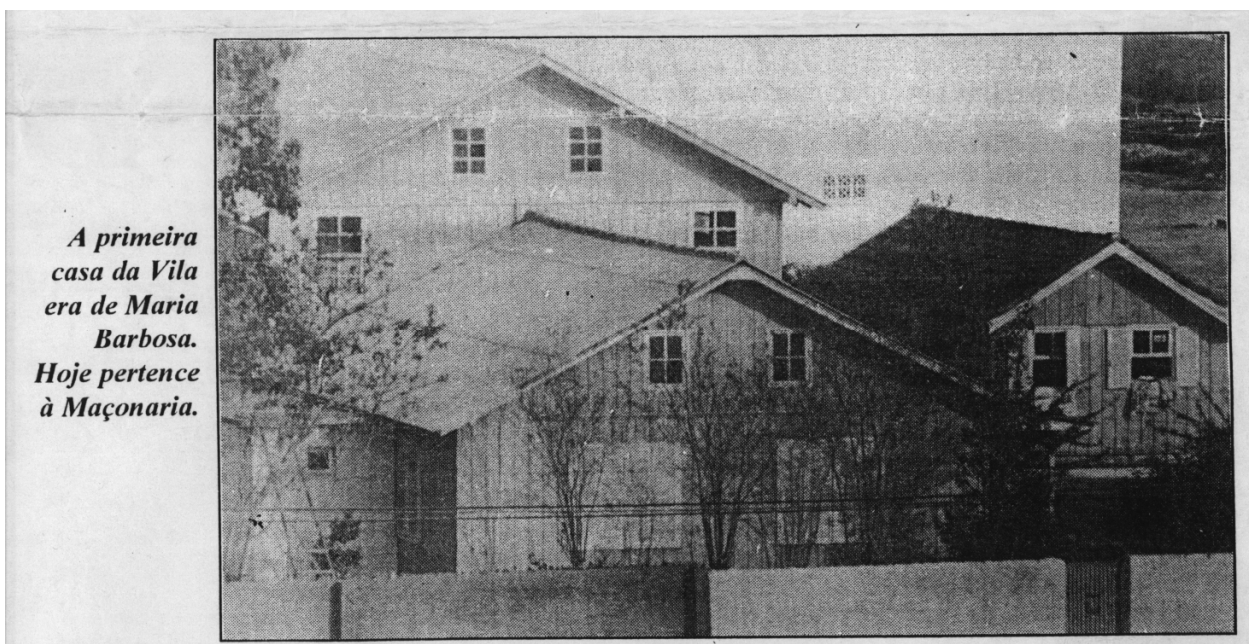


Foto 1 - A casa da frente era o salão de bailes de Maria Barbosa e seu dormitório. A casa aos fundos era composta de quartos destinados à prostituição e dormitórios para suas “pensionistas”, que ali também realizavam a prostituição.

Acervo: Jornal de Barreiros.

Outras casas foram chegando e, com isso, a Vila foi rapidamente tornando-se um local de encontros noturnos e divertimentos masculinos. A boate do Orlando, do Gromicholi, a Okei, a Bananinha, a Sabatine, a boate da Ana Galega e o restaurante do Idalino, com uma miniatura da Ponte Hercílio Luz iluminada na frente, são algumas das casas mais comentadas por todos aqueles antigos freqüentadores, que, durante as entrevistas ou durante conversas

<sup>109</sup>Idem, p.5.

informais, demonstraram nutrir ainda uma certa saudade dos tempos de glória da Vila Palmira.

Os depoimentos são unânimes em afirmar que, durante todos os anos de sua existência, as casas da Vila acolheram em seus leitos e salões vários homens, de diferentes classes sociais e diversificada faixa etária. Um exemplo destas memórias verifica-se no depoimento do senhor Mário Santos:

Aquilo sim é que era festa. A gente saía de casa na sexta-feira e só voltava no domingo. Tinha carteado, bailes, bares e todas aquelas mulheres! Os fins de semana, em Florianópolis já não são tão alegres como há alguns anos atrás. Já não nos divertimos tanto, quanto no tempo da Vila Palmira<sup>110</sup>.

Esses homens possuíam em comum a busca pelo prazer e pelo divertimento, tudo isso acompanhado do gosto de fazer aquilo que a sociedade conservadora acreditava ser proibido. Nas casas da Vila Palmira, os homens sentiam-se “homens de verdade”, viris, másculos. Lá, longe dos olhos repressores dos moralistas, liberavam suas fantasias, tanto pessoal quanto sexual, num lugar que tinha a função de agradar sua clientela regular, quase que exclusivamente masculina.

Em sua entrevista, o senhor Mário Santos<sup>111</sup>, casado há quase 40 anos e “católico praticante”, como faz questão de enfatizar, declarou que, quando era desejado, mesmo que por dinheiro, ele era tomado pela ilusão de virilidade e de comprovação de sua masculinidade perante amigos do mesmo sexo. Como era normal não encontrar em casa, no convívio com a esposa, a mesma emoção que se encontrava no prostíbulo, ele analisava como monótono seu relacionamento conjugal, além do incontrolável prazer na busca da prostituta. Compara, assim, a obrigação de um casamento com a tranqüilidade de um relacionamento sem qualquer vínculo afetivo.

---

<sup>110</sup> SANTOS, Mario. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 13 de maio de 1999. Na data da entrevista o depoente tinha 78 anos, (aposentado).

<sup>111</sup> SANTOS, Mario. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 13 de maio de 1999.

Conforme depoimento do senhor Mario Santos, para alguns freqüentadores da Vila Palmira, a explicação para as freqüentes visitas de homens casados aos leitos da zona era principalmente a suposição da falta de emoção dentro de seus próprios casamentos, além de uma necessidade masculina de afirmação sexual, reprimida - quando se tratava de garantir a virgindade das moças e fidelidade das senhoras - pela sociedade conservadora de Florianópolis, nas décadas de 1960 a 1980<sup>112</sup>.

Para satisfazerem o desejo de seus maridos ou noivos e continuarem mantendo um respeitável relacionamento conjugal - que trazia *status* moral às mulheres e as diferenciava das “mulheres da vida”- muitas senhoras entendiam e até fingiam não saber das muitas noites em que seus maridos passavam no interior da Vila Palmira. Numa sociedade cristã, onde várias são as mulheres que eliminam o prazer da sexualidade conjugal, acreditando nos discursos médico-científico e religioso, para os quais o corpo feminino seria destinado à procriação e não ao sexo, é compreensível identificar, na fala de várias depoentes, o conformismo referente às escapadas sexuais dos maridos, que recorriam à sexualidade ostensiva e despreocupada da zona. Conforme relata a senhora Norma Maria Andrade:

Aquela Vila Palmira era um lugar amaldiçoado. Eu sempre fui honesta, católica praticante e mesmo morando a algumas quadras daquele prostíbulo me orgulho de dizer que nunca passei nem por perto daquela bagunça durante a noite. Já meu marido e filhos eu não tinha como impedir! Era normal, eram homens buscando saciar seus instintos perversos<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> SANTOS, Mario. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 10 de maio de 1999. Palavras do depoente que hoje tem esta opinião quando questionado sobre os motivos que levavam os homens a procurarem relacionamentos sexuais fora de seus casamentos. Ele também diz que, nos dias atuais, já é bem diferente. A maioria das mulheres hoje falam mais sobre seus medos, são mais abertas a diálogos, expõem mais seus receios e desejos e não se sentem incapazes de satisfazer sexualmente seus parceiros, embora o contrário também ainda exista.

<sup>113</sup> ANDRADE, Norma Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 02 de jun. de 2000. Na época da entrevista a depoente tinha 75 anos. Durante vários anos morou num bairro próximo as instalações da Vila Palmira, e mesmo não gostando muito de falar da vida "daquelas perdidas", termo que ela utiliza para se referir as prostitutas, conhece muitas peculiaridades do local, de suas moradoras.

Mesmo dizendo achar normal que o marido e filhos freqüentassem o local em busca de realização sexual, a senhora Norma diz ter apresentado certa resistência às escapadas de seus homens – marido e filhos. Ainda conforme ela:

Eu sempre inventava uma doença diferente para meus filhos, minhas costas sempre doíam e eu vivia sentindo náuseas. Final de semana mesmo eu fazia chantagem. Dizia ao Manoel, meu marido, que se ele me deixasse sozinha em casa quando voltasse eu estaria morta e se mesmo assim ele fosse eu me vingava do meu marido. Não lavava a roupa dele nem cozinhava no domingo para ninguém<sup>114</sup>.

Nota-se que, mesmo aderindo ao conformismo, quando se acreditava ainda ser “normal” os homens procurarem sexo pago fora do casamento, as mulheres também apresentavam certa resistência ao fato e utilizavam as armas que possuíam, como, por exemplo, não fazer os serviços domésticos com o objetivo de impedir seus maridos de irem para a zona de prostituição.

Embora as mulheres tentassem impedir seus homens de freqüentar as casas de prostituição, a Vila Palmira recebeu, em suas casas, inúmeros visitantes no decorrer de mais de duas décadas de funcionamento. Espertos negociantes, vendo que a prostituição na Vila crescia a cada noite e dava mais lucro, entravam em acordos financeiros com as cafetinas ou com os donos das boates destinadas a serviços sexuais, e começavam a investir também neste ramo.

Em entrevista concedida no ano de 1991, para o Jornal de Barreiros, o então Secretário de Segurança Pública, Sidney Pacheco, conta que:

Pessoas importantes da capital de Florianópolis viviam à custa de mulheres que eram escravizadas. Eram compradas e vendidas como mercadorias e delas era exigido um lucro diário acima de determinado limite ao passo que, se prejuízo dessem a esses "protetores" que as mantinham, eram espancadas ou levadas de volta para o submundo de onde tinham sido tiradas<sup>115</sup>.

---

<sup>114</sup> ANDRADE, Norma Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 02 de jun. de 2000.

<sup>115</sup> PACHECO, Sidney. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador e diretor do Jornal de Barreiros em 1991.



Percebe-se, desta forma, que vários homens “poderosos” da capital de Florianópolis agenciavam a prostituição com finalidade de lucrar, explorando mulheres que, muitas vezes, viam na prostituição a forma mais rápida e eficaz de sobrevivência. Por outro lado, não é possível encarar apenas como vítimas as mulheres que se deixavam agenciar e prestavam serviços sexuais nas ruas ou salões das casas da Vila Palmira. Muitas mulheres se envaideciam com suas profissões e gostavam do que faziam para pagar as contas e garantir o sustento dos filhos que porventura tivessem. É o que demonstra a senhora Mônica Pereira, 65 anos, hoje dona de um salão de beleza em Florianópolis, que diz ter feito sua vida, financeiramente falando, nos tempos de glória da Vila Palmira, quando os salões da casa em que trabalhava ficavam repletos de homens a sua procura. Segundo ela:

Eu trabalhei e morei bastante tempo na Vila Palmira. Fui para lá com mais ou menos 25 anos e sai de lá para trabalhar com minha prima numa loja da capital, alguns anos mais tarde. Eu posso dizer que foi bom o tempo em que passei lá. Morava bem, comia bem, trabalhava numa das casas mais bem frequentadas da vila e era bem procurada pelos homens, tanto que consegui dinheiro, com um namorado que vinha toda semana me visitar, para comprar uma casinha. Eu era bem bonita, tinha cabelos longos, pretos, um corpo esbelto, adorava me mostrar e sempre era convidada para julgar desfiles de fantasias que aconteciam no carnaval da vila. Os mais legais eram os dos homossexuais.

Nunca apanhei de homem nenhum e nunca aceitei me envolver com cafetão, embora tenha conhecimento de companheiras que foram agredidas sim e exploradas por agenciadores da prostituição ou pelos próprios namorados, que ficavam com todo seu dinheiro e ainda as espancavam. Sentia pena delas, mas era uma questão de escolha. Se fosse preciso passar fome eu passava, mas apanhar de cafetão eu não admitia<sup>116</sup>.

No depoimento de Mônica Pereira observa-se que no interior da Vila Palmira existiam mulheres que realmente se submetiam às exigências dos cafetões ou cafetinas e eram humilhadas e exploradas em seu ambiente de trabalho; em contrapartida, muitas prostitutas agenciavam sua própria vida e escolhiam permanecer na prostituição ou sair quando desejassem exercer alguma outra atividade.

---

<sup>116</sup> PEREIRA, Mônica. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 01 de maio de 2007. Na data da entrevista a depoente tinha 65 anos e era proprietária de um salão de beleza em São José.

As casas mais luxuosas também tinham o poder de mexer com o imaginário dos menos endinheirados, que não possuíam meios suficientes para nelas se divertirem, nutrindo a cada noite sua curiosidade e suas intenções de um dia, quem sabe, freqüentarem aquelas casas. Nas boates mais luxuosas, onde diversas apresentações eróticas eram destaque, como também variados entretenimentos para distração dos importantes visitantes, a entrada de pessoas pobres ou homens que não estivessem vestidos com fino porte era barrada por seguranças instruídos a se "fazerem entender", mesmo que para isso precisassem usar a força.

Na entrevista com o senhor Francisco Hegídio Amante, observou-se essa referida distinção entre os clientes, com mais ou menos dinheiro, que freqüentavam a Vila Palmira:

Eu morria de vontade de entrar numa daquelas casas grandes, cheias de mulheres bonitas e arrumadas que a gente só conseguia ver de longe. Uma vez até tentei, mas não me deixaram entrar! Tinha uma abertura na porta que denunciava os pobretões. Quando bati, me disseram que meu lugar era nas barracas e não no luxo<sup>117</sup>.

Neste sentido, nota-se que a Vila também era um lugar de exclusão de classes, onde quem podia pagar usufruía o melhor conforto e era com maior deferência atendido. Era também, por conta disso, um lugar de construções e afirmação de distinção, onde homens mais abastados mostravam sua riqueza.

Não somente os visitantes da Vila Palmira eram julgados por sua condição financeira ou pelas roupas alinhadas que usavam. No interior da zona, as próprias moradoras (prostitutas da vila) eram julgadas e muitas vezes excluídas pelas demais, por não se enquadrarem em alguns grupos que se julgavam superiores.

As casas mais requintadas e que abrigavam em seus leitos os mais endinheirados freqüentadores da noite, eram também as casas que contratavam as mais belas mulheres e

---

<sup>117</sup> AMANTE, Francisco Hegídio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 20 de abr. de 1999. Na época da entrevista o depoente tinha 66 anos, (escritor).

davam condições para que suas “funcionárias” fossem as mais perfumadas e alinhadas “damas da noite”. Desta forma, as mulheres que trabalhavam nas casas mais sofisticadas da Vila acabavam se sentindo superiores às mulheres que se prostituíam em casas menores e que recebiam em seus salões freqüentadores com menor poder aquisitivo.

Através da percepção de que existiam, dentro de uma mesma zona de prostituição, grupos sociais diferenciados, podemos dar visibilidade ao cotidiano destes grupos, cotidiano este atravessado por diversas relações de tensão e poder. Também é possível entender como membros de determinados grupos ofendem, denigrem e excluem membros de outros grupos não somente por suas qualidades individuais, mas, sobretudo, devido à sua vinculação a um grupo que julgam coletivamente inferior ao seu<sup>118</sup>. Sobre estes processos de exclusões sociais e relações de poder entre as prostitutas da Vila Palmira, Ana Maria Coelho declara que:

Eu trabalhei, durante vários anos de minha vida, como proprietária de boates na Vila Palmira. Hoje ainda moro aqui na Célio Veiga e acredito que vou morrer neste lugar que já me trouxe muitas alegrias, mas também muitos problemas. Vários homens freqüentaram meus estabelecimentos e se divertiram com minhas “pensionistas”, mas sem dúvida os que possuíam mais condições financeiras procuravam a casa da Maria Barbosa ou a boate do Orlandim. Elas eram mais requintadas, serviam bebidas mais caras e sempre tinham garotinhas novinhas para receber os visitantes. O que me incomodava muito era que as garotas da Maria Barbosa eram muito bobas. Não cumprimentavam a gente e viviam fazendo intrigas que provocavam cada briga feia por aqui... Elas se achavam melhores do que nós e eu nem sei porquê. Dentro dos dormitórios das boates, tínhamos todas as mesmas funções.<sup>119</sup>

Voltando a analisar o interior da Vila Palmira, mais para o centro, num lugar não menos freqüentado que as sofisticadas casas como a de Maria Barbosa, encontravam-se as boates mais populares, dormitórios para festas noturnas, que todas as noites permaneciam cheias de rapazes contentes e homens que ansiavam pagar pelas atenções de uma meretriz. Nessas casas, as mulheres não gozavam de muitas regalias e também, como nas casas luxuosas da Vila, nem todos os freqüentadores eram necessariamente gentis. Enfim, é

---

<sup>118</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>119</sup> COELHO, Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. São José, 25 de maio de 2008. A depoente é mais conhecida como Ana Galega desde a época em que vivia e trabalhava na Vila Palmira.

importante compreender que nem só de prazeres se constituía a zona de prostituição Vila Palmira. Nela também se concentrava um submundo de pobreza, crimes e constantes humilhações, tanto na relação prostituta e cliente como entre cafetão e meretriz ou ainda gigolô e amantes.

Nas casas de madeira, que se distinguiam pelo seu tamanho, esclarecendo para os visitantes as mais caras e as nem tanto, viviam mulheres de vida não tão fácil, que só brilhavam na escuridão da noite, onde eram protagonistas, e, com seus olhares insinuantes, atiçavam e atraíam os desejos dos homens que procuravam companhia e divertimento. No interior das casas da Vila Palmira, atrativos diversos eram encontrados. Agradar o cliente para que este voltasse cada vez com mais dinheiro e vontade de gastar era a intenção de cafetões, gigolôs e prostitutas.



Foto 2: Boate da Ana Galega na Vila Palmira. A proprietária e suas “meninas” fazendo pose para foto na janela da boate.  
Acervo particular da senhora Ana Maria Veiga (Ana Galega)

Os quartos, onde terminavam quase todas as noitadas, no final de cada acerto entre clientes e prostitutas, eram pequenos, basicamente com uma cama em frente à porta, uns roupeiros na direita e, obrigatoriamente, uma penteadeira à esquerda. Na penteadeira, objeto citado por todos os homens entrevistados, permanecia alguns objetos pessoais das mulheres, como maquiagens, pentes, espelhos, bibelôs. Para as que já possuíam filhos era obrigatório ter a foto da criança em posição bem centralizada. Segundo a depoente Mônica Pereira, antiga moradora da Vila:

Podia sim ser considerada uma norma interna no interior da Vila Palmira que as mães expusessem fotos de seus filhos e filhas nos quartos. Era uma questão de respeito e carinho para com eles, que já eram rejeitados demais, tendo que permanecer longe da vila durante todas as noites<sup>120</sup>.

Estudos sobre a prostituição em Itajaí, nas décadas de 1940 a 1970<sup>121</sup>, realizados por Onice Sansonawicz, constatou que as casas de prostituição são referidas por seus clientes como "casa das penteadeiras", fazendo perceber que o móvel penteadeira é significativo na memória dos freqüentadores dessas casas noturnas, tanto quanto a bacia e o retrato das crianças. Tal fato denota a representação, a imagem capaz de transportar o signo para o significado, ou seja, o signo "penteadeira" remete ao significado simbólico de "prostituição", o quarto.

As prostitutas que eram mães separavam parte de seus lucros noturnos pagar uma senhora, normalmente uma moradora de um bairro vizinho, que, durante as noites, cuidava das crianças, as alimentava e as devolviam pela manhã. Conforme depoimento de um antigo morador da Vila, Emílio Morga:

---

<sup>120</sup> PEREIRA, Mônica. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 01 de maio de 2007. Ex - moradora da Vila Palmira na década de 1970, (65 anos)

<sup>121</sup> SANSONAWICZ, Onice. **De penteadeiras e outras histórias**: prostituição em Itajaí nas décadas de 40 a 70. Projeto de pesquisa DAPE/FAED, 1999.

Todos cuidavam muito das crianças. Não as deixavam permanecer na Vila durante as noites, e obrigavam as mães a sustentá-las. Nem nós, os gigolôs, éramos doidos de tirar todo dinheiro das mães. Para pagar a creche e alimentar os filhos tinha que ter. Esse dinheiro era sagrado<sup>122</sup>.

Nota-se que ser prostituta não excluía, para a grande maioria das moradoras da Vila Palmira, a responsabilidade de também ser mãe. Todas eram obrigadas a sustentar e atender às necessidades básicas de seus filhos, que eram afastados da Vila durante as noites, criando-se assim uma prescrição de respeito à infância e à integridade dos menores.

Mesmo as mães que não tinham a maternidade como algo importante em suas vidas e tentavam mandar seus filhos para longe de seu convívio, eram obrigadas a garantir-lhes uma vida agradável e saudável. Para as prostitutas da Vila Palmira, a maternidade era praticamente uma escolha<sup>123</sup> e ter uma criança significava cuidar, respeitar e garantir sua educação.

Vários foram os casos, relatados em entrevistas, que contavam histórias de mulheres que engravidaram e, não querendo a gestação, acabaram conseguindo abortar. Pelo que pude perceber durante algumas entrevistas, no ambiente da zona de meretrício o ato do aborto não era condenado como um crime contra a vida; ao contrario, muitas prostitutas acreditavam que interromper uma gestação não desejada era preferível a ter uma criança e negar-se a criá-la e protegê-la.

De acordo com o que já foi destacado, percebe-se na Vila Palmira a existência de poderes e legitimação de desigualdades entre as mulheres. Dentro daquele espaço formaram-se hierarquias entre superiores e inferiores, em que a desigualdade não era imposta por relações de violência, mas por um poder que se justificava por diferenças de valores

---

<sup>122</sup> MORGA, Antonio Emílio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 22 de ago. de 2001. (Antigo morador da Vila Palmira e hoje professor).

<sup>123</sup> Ana Galega, ex-moradora da Vila Palmira e proprietária de 3 boates no local, comentou, em depoimento, que os métodos para impedir uma gestação, contraceptivos e abortivos eram variados e conhecidos por todas as mulheres de lá. Portanto, aquelas que engravidavam faziam porque queriam. Sendo assim, nada seria mais justo que cuidar da sua cria e sustentá-la. Entrevista concedida em 25 de maio de 2008.

individuais<sup>124</sup>. A questão da maternidade também fazia parte destas relações de exclusão e hierarquias, pois aquelas mulheres que, mesmo exercendo a prostituição, conseguiam sustentar e criar seus filhos sentiam-se superiores e denegriam a imagem daquelas que abandonavam sua cria a própria sorte.

Retomando o interior das casas na Vila Palmira, Francisco Amante lembra também de outra particularidade do quarto das mulheres e rememora:

Ao final de cada programa, a dama cansada se recompunha para começar outra vez seu ritual de atração, lavando-se em uma bacia que ficava em baixo da cama, para então fazer com que outro necessitado e eufórico rapaz, caísse em seus braços e terminasse assim, a noite satisfeito.<sup>125</sup>

As representações e imagens criadas pelos antigos freqüentadores da Vila apresentam características variadas. Nas décadas de 1960 e 1970, os rapazes que iam com freqüência em casas de prostituição procuravam, além de aventuras e divertimento, também histórias que pudessem distingui-los dos amigos. A zona era, desta maneira, um lugar para aventuras sexuais constantes e também um núcleo de sociabilidade masculina. Muitos homens e garotos faziam da referida zona ponto de encontros para jogos diversos, papos noturnos e relacionamentos sexuais. Era comum que os garotos se reunissem para conversar, comentando com os demais suas proezas sexuais, exaltando sua masculinidade e virilidade como um troféu e distinção, instigando os garotos que ainda não tinham se relacionado sexualmente a freqüentarem o prostíbulo de São José e “extravasar seus desejos sexuais”.

A rigor, a masculinidade padrão seria a encontrada em um indivíduo com uma identidade de gênero masculina, uma prática sexual exclusivamente heterossexual e um desejo constante por pessoas do sexo oposto. Neste caso, ao me referir “a extravasar o desejo sexual masculino” tenho em foco uma sociedade onde os homens ainda eram apresentados forçosamente no papel de “ativos” nas relações sociais. As relações sexuais dos homens eram

---

<sup>124</sup> Elias, Norbert. **Os estabelecimentos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>125</sup> AMANTE, Francisco Hegídio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 20 de abr. de 1999.

enaltecidas, pois isso significava que eram viris, penetradores, poderosos e másculos, enquanto as mulheres deveriam ser reservadas e virtuosas, para assim se preservarem para o tão esperado casamento.

Em entrevista com o senhor Francisco Amante, antigo freqüentador e conhecedor de zonas de prostituição, principalmente a Vila Palmira, ele afirmou que “Homem que é homem não pode dizer que não freqüentou um dia a zona. Falar que se tinha gonorréia ou sífilis e que se pegou em um prostíbulo era dizer e provar que era macho de verdade”<sup>126</sup>.

Coerente com esta visão, Pierre Bourdieu explica que:

[...] ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do “é evidente por si mesma” sem discussão. Semelhante à nobreza, a honra — que se inscreveu no corpo sob forma de um conjunto de disposições aparentemente naturais, muitas vezes visíveis na maneira peculiar de se manter de pé, de apurar o corpo, de erguer a cabeça, de uma atitude, uma postura, às quais corresponde uma maneira de pensar e de agir, um *éthos*, uma crença etc. — governa o homem de honra, independentemente de qualquer pressão externa. Ela dirige (no duplo sentido do termo) seus pensamentos e suas práticas, tal como uma força (“é mais forte que ele”)<sup>127</sup>.

Desta forma, a masculinidade, entendida e traduzida pela sociedade como virilidade, impulsiona o homem a ser “macho” e, conseqüentemente, a fazer, no tocante à sexualidade, tudo o que lhe convir. Ele guia sua ação tal qual uma necessidade lógica, ou uma questão de honra, no sentido do conjunto de aptidões consideradas nobres. Isto posto, é possível enfatizar que esta “masculinidade” é produto de um trabalho social de dominação do mais forte<sup>128</sup>.

Um antigo morador da Vila Palmira, também gigolô e amante de algumas mulheres por lá, declara que foi incentivado por amigos a dormir com uma prostituta moradora da referida zona e, quando percebeu, já era habitante e agenciador do sexo. Conforme suas palavras:

<sup>126</sup> AMANTE, Francisco Hegídio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 20 de abr. de 1999.

<sup>127</sup> BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 63.

<sup>128</sup> Idem.



Uma noite saí de casa com dois amigos para beber cerveja e descansar um pouco, quando na frente do bar fomos abordados por três mulheres que, de dentro de um táxi, nos convidaram para passear. Eu nem estava com vontade de nada, mas, como todos foram, fui também. Paramos o carro na praia, ali no Balneário do Estreito e ficamos na farra bebendo e nos divertindo até bem tarde. Quando as garotas estavam indo embora uma delas olhou para mim e perguntou se eu queria ir com ela para a Vila Palmira, pois lá morava. Fui e de lá não sai tão cedo. Tornei-me amante e gigolô de várias mulheres e conheci de verdade o interior e submundo de uma zona de prostituição <sup>129</sup>.

Este depoente também contou que a Vila era um local de moradia normal durante o dia: mulheres lavando roupas com lenços nos cabelos, senhoras lavando calçadas com mangueiras, crianças empinando pipas na rua e até vendedores ambulantes tentavam suas vendas por lá. Já durante as noites a Vila se transformava: as crianças sumiam, as casas ficavam a meia luz, e a música, muito alta, convidava os visitantes à diversão.

Outra particularidade da Vila Palmira era a exigência das autoridades policiais na construção de muros altos (mais ou menos 4 metros de altura) na frente de todas as casas destinadas à prostituição. Esta exigência era para evitar que “famílias de respeito”, que porventura passassem por lá, não se sentissem agredidas com as atitudes “pouco polidas” e as vestimentas “pouco descentes” das prostitutas. É fato que, no decorrer da década de 1960, algumas famílias começam a povoar os arredores da Vila Palmira, pois, em São José, várias casas populares passaram a ser construídas. Assim sendo, as autoridades policiais tentavam, através de medidas como a construção dos referidos muros, manter o convívio de senhoras e prostitutas de uma maneira pacífica. Segundo Ana Galega:

Todas as casas da vila tinham muros muito altos. Eram muros feitos em madeira para evitar que as mulheres e as crianças, vizinhas da vila, vissem a gente. As minhas meninas (pensionistas e também prostitutas) não podiam de jeito algum sair do quintal com roupas indecentes. Não era só a polícia que exigia isso não, era também uma postura e uma determinação minha. Eu sempre disse a elas que ser mulher da vida, tudo bem. Eu também era. Mas não gostava de desrespeito em minha casa. Nunca tive problemas com os polícias, eu fazia tudo o que eles queriam e eles eram legais comigo também <sup>130</sup>.

<sup>129</sup> Entrevista realizada por Maryana C Ferrari, em Agosto de 2001. O entrevistado é um antigo morador da Vila Palmira, que não deseja divulgar o nome.

<sup>130</sup> COELHO, Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. São José, 25 de maio de 2008.



Foto 3: Ana Galega no quintal de uma de suas boates.  
Nesta foto é interessante visualizar o tamanho do muro que era exigido para todas as casas destinadas à prostituição na Vila Palmira.  
Acervo particular da senhora Ana Maria Coelho (Ana Galega)

A Vila Palmira teve seu tempo de glória, embora seja possível acrescentar que era uma glória entre aspas. Considerada pelas autoridades - tanto atuais como remanescentes dos anos em que a Vila Palmira esteve no auge (1960 a 1980) - como um dos locais mais perigosos da Grande Florianópolis, lá foram observados assassinatos e espancamentos de mulheres por amantes ou desafetos.

O Secretário de Segurança Pública, Sidney Pacheco, como delegado de polícia de São José e, acumulativamente, da Delegacia de Furtos, Roubos e Defraudações de Florianópolis, afirmou que "ali era o submundo literalmente". Grandes crimes foram tramados dentro da Vila e muitas mulheres eram exploradas e escravizadas. Segundo ele, cada vez que procuravam um marginal famoso as investigações começavam pela Vila Palmira.<sup>131</sup> Pacheco relata também que:

Todo marginal que se prezava tinha que passar por lá. Lembro que dava entreveros enormes, e lá íamos nós, prendíamos e revistávamos todo mundo, trazíamos carros e carros com meretrizes, marginais e malandros, todos presos. Fazíamos operações com a Polícia Militar e cercávamos aquilo tudo quando havia suspeitas de marginais perigosos.<sup>132</sup>

É interessante perceber que os discursos sobre a Vila Palmira se diferem entre as pessoas. Enquanto algumas moradoras da vila, prostitutas locais, como Ana Galega ou Mônica Pereira, diziam gostar do tempo em que ali moraram, chegando a ter saudades do tempo de festas e alegrias nas noites de lá, outros se referem ao local como um lugar "amaldiçoado"<sup>133</sup> ou um "antro de marginais e pessoas perigosas"<sup>134</sup>. Estas definições diferenciadas que as pessoas conferem à da Vila Palmira são retratos da vivência que cada uma delas teve com o lugar. Seria impossível assimilar que uma mulher que tenha vivenciado

---

<sup>131</sup> PACHECO, Sidney. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador e diretor do Jornal de Barreiros. São José, 1991. Na época o senhor Orestes fazia uma reportagem sobre o "submundo" da Vila Palmira.

<sup>132</sup> A Vila Não é mais a mesma. Jornal de Barreiros, Especial. Ano 01 número 04. São José, setembro/1991, p. 07.

<sup>133</sup> Expressão utilizada pela senhora Norma Maria Andrade para identificar, na sua versão, a Vila Palmira. Entrevista concedida em 02/06/2000.

<sup>134</sup> Expressão utilizada pelo Secretário de Segurança Pública, em 1991, Sidney Pacheco, para identificar, na sua versão, os frequentadores da Vila Palmira e seus moradores. Entrevista realizada por Orestes de Araújo, organizador do Jornal de Barreiros em 1991.

a situação de ver seu marido freqüentar uma zona de prostituição aceitasse que lá era um lugar de diversão e sociabilidades. Já um delegado de polícia não podia achar agradável um lugar onde várias ocorrências policiais aconteciam e para onde inúmeros procurados pela polícia buscavam esconderijo.

Na reconstituição dos fatos da história da Vila Palmira, a Vila que deixou tantas saudades, embora também tantos desgostos e temores, encontra-se um mundo ambíguo, onde prazeres e conflitos são verificados nos vestígios deixados pelo tempo, tanto nas memórias quanto nos documentos provenientes de jornais, relatos policiais ou até mesmo processos-crime da época. Conforme reportagem do jornal Diário Catarinense de 1977:

**Na Vila Palmira foi preso o assassino da bailarina Santana.**

Após três dias de intensas investigações policiais da Delegacia de Segurança Pessoal, ajudados por várias rádios patrulhas, conseguiram prender Otoclides de Souza que matou com vários golpes de faca a Bailarina Santana Pereira da Silva. O fato ocorreu na terça-feira, no interior da casa da Mariazinha (Vila Palmira) quando Otoclides em visível estado de embriagues, atingiu Santana várias vezes com uma pequena faca.

O Engraçado é que o foragido foi encontrado ainda na Vila Palmira, na cama de outra prostituta que o mantinha escondido. O indiciado já cumpriu 14 anos de reclusão na Penitenciária Estadual por diversos crimes que cometeu<sup>135</sup>.

Os jornais são elucidativos quando descrevem, sempre nas páginas policiais ou nas colunas de reclamações da comunidade, os diversos perigos que rondavam as imediações da prostituição centrada no universo da Vila Palmira. De acordo com o jornal Diário Catarinense, de 1973:

Valério Miranda, mais conhecido como Alemão, foi preso na noite de ontem por assalto e tentativa de assassinato na Vila Palmira. Em depoimento a vítima Renato Silvino relatou que o acusado perdeu muito dinheiro numa das mesas de carteador e em estado de embriaguez aparente agrediu com socos sua amante e roubou o dinheiro que ela possuía na bolsa. Ao tentar socorrer a mulher que gritava desesperadamente, a vítima foi esfaqueada e só conseguiu escapar devido à presença de uma viatura policial que passava no local e conseguiu socorrê-lo<sup>136</sup>.

<sup>135</sup> Na Vila Palmira foi preso o assassino da bailarina Santana. Ocorrências policiais. Diário Catarinense, Florianópolis, 23 de nov. de 1977, p. 5.

<sup>136</sup> Ronda Policial. Ocorrências policiais. Diário Catarinense, Florianópolis, 07 de fev. de 1973, p. 3.

Entre desejos e conflitos, viviam realmente quase todas as mulheres que na Vila Palmira residiam ou apenas trabalhavam. Era fato que o divertimento proporcionado pela propaganda de um mundo de prazer e encantos, ambicionado pelos freqüentadores, e as noites em que de tão desejadas as prostitutas obtinham uma boa quantia, fazia com que se sentissem felizes também. Afinal, era para satisfazer desejos sexuais masculinos em troca de dinheiro que elas ali estavam e muitas gostavam sim, e muito, do que faziam. Mas, este mundo de encanto também possuía seu lado podre, de humilhações, saudades de parentes distantes e torturas das quais algumas mulheres eram vítimas, principalmente no tocante às relações internas da referente zona.

Durante minha procura por informações sobre a Vila Palmira conheci várias histórias de mulheres que por lá passaram. Uma dessas histórias falava sobre a vida de Saionara. Menina pobre de Chapecó veio para Florianópolis, em 1970, procurar trabalho, depois de ser expulsa de casa pelo pai, que descobriu sua gravidez. Depois de muito procurar trabalho, sem sucesso, foi pedir abrigo na Vila Palmira e acabou tornando-se prostituta. Onde trabalhava, Saionara era bem tratada e recebia muitos conselhos da proprietária da casa, que acabou sendo sua amiga. Mesmo assim a garota não conseguia esquecer sua família e bebia muito, chorava constantemente e muitas vezes tentou o suicídio. De tanto tentar, um dia conseguiu. Em 1979, Saionara se jogou da ponte Hercílio Luz e morreu aos 27 anos de idade<sup>137</sup>.

---

<sup>137</sup> COELHO. Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. São José, 25 de maio de 2008.



Foto 4: Saionara de Andrade Silva, garota que aos 27 anos se matou jogando-se da ponte Hercílio Luz.  
Acervo particular da senhora Ana Maria Coelho (Ana Galega)

Outros eram os problemas enfrentados pelas mulheres da Vila Palmira. Enquanto umas tinham saudade de casa, outras eram agredidas. Os principais agressores contra a mulher prostituta estavam, na maioria das vezes, ao seu lado. Eram eles: o cafetão/cafetina e o gigolô - amante.

Sobre as agressões contra mulheres por seus amantes, naquela zona de prostituição, os jornais trazem algumas notícias. Conforme o Diário Catarinense, de 1973:

[...] Corina da Cunha, mais conhecida por Mariza, residente na Vila Palmira, apresentou queixa contra seu amante Waldemar Mauricio, dizendo que é maltratada cada vez que deixa de entregar dinheiro a ele. Corina disse na Delegacia que “Waldemar exigia todo seu dinheiro e na segunda-feira como ela não ganhou nenhum trocado, foi vítima de muitas bordoadas, tendo ainda seu filho menor sido

raptado por Waldemar”. Na Delegacia de Segurança Pessoal as coisas estão sendo esclarecidas devidamente<sup>138</sup>.

Atualmente, a violência também é algo muito discutido e ela está presente em diversos lares, independente de seus níveis sociais. A lei Maria da Penha, por exemplo, foi criada para tentar combater a violência doméstica cometida por homens que agredem suas parceiras como se tivessem o direito de fazer isso. Na Vila Palmira, o cafetão também se sentia no direito de agredir e humilhar a prostituta, que muitas vezes não tinha condições financeiras ou psicológicas para livrar-se deste tormento.

Conforme o dicionário da língua portuguesa, Aurélio, a palavra “cafetão” quer dizer intermediário por dinheiro em casos amorosos, e a palavra “gigolô” significa homem que vive à custa financeira de uma mulher. Neste sentido, para melhor elucidar a diferença prática entre estes termos, recorre-se ao depoimento de Antônio Emílio Morga, antigo morador da Vila Palmira:

Dentro de uma zona de prostituição cafetão e gigolô possuem significados diferentes. O cafetão agencia as mulheres, lhes dá moradia, ambiente de trabalho e ganha dinheiro com os clientes que visitam sua casa, consomem bebidas e pagam pelo aluguel dos quartos para cada programa. O gigolô é o amante, o protetor, aquele para quem a prostituta sente prazer em dar seu dinheiro no final do dia, mesmo quando por ele é agredida<sup>139</sup>.

Nota-se que, com estas palavras, o depoente conta algo particular de sua experiência como gigolô, pois não podemos acreditar que todas as mulheres sentissem prazer em dar seu dinheiro a um homem, ainda mais quando por ele era agredida.

A maioria das casas pertencentes à Vila Palmira exploravam a prostituição, mesmo que em seus alvarás de funcionamento este comércio não estivesse presente. Um documento da Prefeitura Municipal de São José, proveniente da Coordenadoria de Fiscalização, datado de

---

<sup>138</sup> Mais uma agressão na Vila Palmira. Diário Catarinense, Ocorrências Polícias. Florianópolis, 07 de fev. de 1973, p. 3.

<sup>139</sup> MORGa, Antonio Emílio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 22 de ago. de 2001. (45 anos, antigo gigolô e morador da Vila Palmira).

04/02/1970, traz intimações para alguns donos de estabelecimentos da Vila, os quais, durante uma das freqüentes vistorias pelas autoridades competentes, encontravam-se em desacordo entre as funções que suas casas prestavam e as que perante a Prefeitura estavam aptas a prestar<sup>140</sup>. Este relatório traz o nome de vários agenciadores do sexo, que se diziam apenas donos dos estabelecimentos ou locatários de quartos nos mesmos. Neste documento, pode-se constatar que, na verdade, essas pessoas eram “cafetões” que muitas vezes escondiam essa função para não serem pressionados pela polícia local, que vivia à caça de provedores da escravidão e da comercialização de mulheres para a prática da prostituição, muitas vezes até menores de idade.

Sobre este fato, o senhor Sidney Pacheco, antigo delegado de polícia e Secretário de Segurança Pública, no ano de 1991, disse que:

Tinham menores envolvidas nesta escravidão. Quantas vezes a gente via um movimento suspeito e descobríamos que eram duas ou quatro menores que estavam escondidas. Nós não admitíamos menores lá. Mas os donos de boate as usavam e escravizavam<sup>141</sup>.

A comentada casa de Maria Barbosa foi, de acordo com sua proprietária, um bom exemplo de estabelecimento regido por uma cafetina rígida, que exigia normas a serem cumpridas por suas "funcionárias". Não admitia menores de idade e em seu estabelecimento as garotas eram tratadas bem, na medida do possível.

Sobre a imagem dos cafetões e das cafetinas, estas foram analisadas por Magareth Rago, segundo a qual:

Benquistas ou malquistas, a cafetina era uma mulher bastante solicitada pelos homens interessados em suas "protegidas" e na discricção que seu estabelecimento garantia [...]. É claro que mantinha um alto grau de controle e exploração sobre as "meninas", a quem induzia nos códigos da mundanidade: ensinava como agradar o

---

<sup>140</sup> Pasta de Alvarás - Intimações da Coordenadoria Fiscal do município de São José para fiscalizar bares na Vila Palmira que se encontravam sem alvará de funcionamento e nome de estabelecimentos que são portadores do mesmo. Arquivo Público de São José, intimação número 3130/ Série B - Primeira via.

<sup>141</sup> A vila não é mais a mesma. Jornal de Barreiros, Especial. Ano 01 número 04. São José, setembro/1991, p. 07.



freguês, como se vestir atraentemente, como ter gestos e atitudes charmosas, e exigia que as prostitutas incentivassem os seus pares a consumir o máximo possível<sup>142</sup>.

Outra peculiaridade da casa da Maria Barbosa é que ela tinha como comandante externo um delegado de polícia, Trojílio Mello, que, objetivando poder político, garantia aos poderosos da cidade um discreto e luxuoso prazer, e para isso oferecia à cafetina dinheiro e proteção. Aldirio Simões, lembrando o quanto Trojílio Mello era autoritário ao extremo, expõe:

Era comparado ao próprio demônio e estar ao seu lado era permanecer em um inferno constante, tanto que se ainda estivesse no poder, todos os corruptos e bandidos que aparecem na televisão atualmente se ofuscariam com sua presença e ficariam horrorizados com seus atos<sup>143</sup>.

Durante anos, como delegado, Trojílio Mello dominou a prostituição na cidade, massacrando, ferindo e humilhando prostitutas diversas; possuía hábitos estranhos, e, sem razão, raspava as cabeças de prostitutas e lhes pintava a testa de vermelho quando estas se encontravam doentes ou transgrediam alguma de suas leis, colocando-as em caminhões abertos, circulando com elas pela cidade, para sua completa satisfação pessoal.

Como tantos outros, o ex-delegado Trojílio Melo foi um agenciador da prostituição cruel, que usava sua autoridade para estipular limite às prostitutas, ordenar-lhes ações e tomar-lhes dinheiro. Ele financiava a prostituição em algumas das boates mais requintadas de Florianópolis, e posteriormente também na Vila Palmira; garantia total descrição para que os abastados figurões da capital pudessem se divertir. O delegado reformava as casas, garantia a verba para que as mulheres pudessem se vestir de forma elegante e sensual e até fornecia bebidas requintadas aos locais, mas em troca exigia das prostitutas descrição sobre sua “ajuda” e total obediência. Também era fato que Trojílio Melo financiava casas de jogatina na

---

<sup>142</sup> RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 120.

<sup>143</sup> JESUS, Aldirio Simões. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 10 de mar. de 1999.

Vila Palmira e os endinheirados adeptos, tanto dos jogos quanto das casas de prostituição, eram gratos a ele e não lhe negavam favores diversos<sup>144</sup>.

Os gigolôs também foram personagens importantes no interior da Vila Palmira. Estes eram homens que se tornavam amantes das prostitutas e sobre elas exerciam poderoso domínio, passando a ter direitos sobre suas vidas, atitudes e lucros obtidos. “Verdadeiro escoadouro de dinheiro, o gigolô leva a mulher com quem se envolve à ruína em nome de uma paixão avassaladora”<sup>145</sup>.

Quando se tornavam "os homens" de uma mulher prostituta, os gigolôs adquiriam direitos que iam desde vendê-las para uma outra boate que lhes parecesse mais rentável, até espancá-las em nome do amor. Conforme depoimento de Antônio Emílio Morga, morador da Vila durante alguns anos e assumido “gigolô” de várias mulheres do local:

A prostituta procurava no seu gigolô a proteção e o respeito perante as outras, pois no interior de uma zona existem códigos e normas a serem seguidas. Mulher sem um homem do lado, na Vila Palmira era considerada vagabunda e gigolô que não impunha respeito na base da agressão física contra a mesma era considerado frouxo e digno de gozação perante os outros homens que na Vila moravam. As mulheres até esperavam serem dominadas com constantes surras por seus gigolôs. Isto era demonstração de força e cuidado<sup>146</sup>.

Neste depoimento, é possível perceber certa necessidade de afirmação da masculinidade do depoente, uma vez que este enfatiza ter sido, durante vários anos, morador da Vila Palmira e negociante das atividades sexuais de algumas garotas, com quem se envolveu sexualmente, exercendo o papel de gigolô, amante e até agressor daquelas que não se enquadravam naquilo que ele julgava ser o correto e que tomavam atitudes que não o agradavam.

<sup>144</sup> Sobre a ligação do delegado Trojílio Melo com a prostituição e casas de jogatina em Florianópolis e São José, encontramos fontes orais, como a depoente Paula Alves Padilha, ex-gerente de uma das casas de prostituição da Vila Palmira, e Aldirio Simões de Jesus, jornalista, já falecido, e antigo freqüentador de boates e casas destinadas à prostituição na capital. PADILHA, Paula Alves. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador do Jornal de Barreiros. Abril de 1991. JESUS, Aldirio Simões. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 10 de mar. de 1999.

<sup>145</sup>MORGA, Antonio Emílio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 22 de ago. de 2001.

<sup>146</sup> Idem.

Conforme vem sendo observado, a Vila Palmira era lugar de afirmação de masculinidade para os homens, que se sentiam machos e viris com as conquistas e as constantes imposições de força. Naquela época, eram freqüentes as apostas e tensões na disputa por mulheres, tanto entre clientes como entre gigolôs que ambicionavam a mulher alheia ou aquelas que lhes renderiam maior lucratividade e maior satisfação sexual. Por outro lado, também foram intensas as lutas femininas neste espaço de afirmações masculinas. Mônica Pereira esclarece que as mulheres que administravam suas próprias vidas e não se envolviam com gigolôs eram muitas vezes insultadas dentro do espaço onde moravam; eram chamadas de mulheres sem homem, vadias sozinhas e, por esta razão, eram molestadas, mesmo quando não estavam exercendo suas atividades profissionais, por vizinhos e outros “desocupados” que por lá durante o dia apareciam.

O depoimento de Mônica Pereira também leva a perceber que a construção da masculinidade se dá através de diferentes relações e não apenas nas relações binárias homem-mulher. Segundo seu relato:

Eu sempre tive namorados fixos, mesmo quando fazia programas na Vila Palmira. Era bom ter um homem com quem eu não precisava estar sempre inventando caras e bocas nem escutando reclamações das mulheres que os clientes deixavam em suas casas. Mas quando estes namorados inventavam de querer mandar em minha vida, me dizer o que deveria fazer, com quem eu deveria sair ou pedir meu dinheiro para cachaça ou jogatina eu pulava fora da relação. O chato era como eu era tratada até por algumas colegas que me não entendiam e achavam que eu não sabia segurar homem nenhum do meu lado<sup>147</sup>.

Ao contrario da depoente Mônica Pereira, muitas prostitutas da Vila Palmira tinham maridos fixos e estes, para deixarem suas mulheres livres para o trabalho noturno, saíam das casas para jogar sinuca, carteadado e beber nos bares da Vila, onde muitas brigas aconteciam por motivos diversos, muitas vezes relacionados ao poder que pretendiam demonstrar.

---

<sup>147</sup> PEREIRA, Mônica. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 01 de maio de 2007.

Enfim, a construção da masculinidade traz implícita a noção de que o organismo masculino é fisiologicamente portador da necessidade de realização do prazer pelo prazer. Ao homem é conferido um espaço mais amplo, localizado dentro dos limites do “natural”, para a satisfação de seus “instintos” sexuais<sup>148</sup>.

Assim, após ter traçado uma imagem do interior da Vila Palmira, e identificado alguns de seus códigos, lembrados através de alguns moradores, no próximo capítulo as representações elaboradas sobre a referida Vila serão analisadas através de discursos vindos da comunidade, percebendo os mecanismos utilizados para, já nos anos de 1980, iniciarem um processo de remoção do prostíbulo do bairro.

---

<sup>148</sup> ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 107.

### CAPÍTULO III

#### 3. Imagens que se apagam e marcas que ficam.

Em uma rua larga, com variadas casas de madeira, algumas modestas outras mais requintadas, todas pintadas com cores fortes e chamativas, estava situada a Vila Palmira, vila de prostituição analisada neste estudo. Durante o dia, relatam alguns depoentes<sup>149</sup>, este local se assemelhava a um cortiço<sup>150</sup>, onde mulheres das mais variadas idades sacudiam tapetes, lavavam roupas e se amontoavam nos quintais, enquanto estendiam lençóis nos varais e discutiam outros assuntos. Já as noites da Vila eram animadas. Mulheres pintadas e arrumadas de forma provocante andavam por entre as casas, rebolando ao som de dançantes músicas, que se misturavam ao ambiente e provocavam a imaginação dos homens que se encontravam nos bares, jogando cartas ou também perambulando em busca de prazer nos braços de alguma dama.

Narrando sobre a prostituição, Emmett Murphy, em sua obra *História dos grandes bordéis do mundo*, detalha as peculiaridades sobre o conflito estabelecido entre as normas sociais e a sexualidade organizada, visualizando o interior de variados bordéis e seus proprietários<sup>151</sup>. Destaco que esta obra auxiliou no entendimento de algumas relações encontradas na Vila Palmira. As relações a que me refiro são aquelas entre os moralistas da cidade, que desejavam certo distanciamento entre as pessoas consideradas “honestas”, e as prostitutas, compreendidas por eles como “marginais”, e também aquelas relações entre os

---

<sup>149</sup> Este parágrafo foi escrito com base nos depoimentos de freqüentadores e moradores da Vila Palmira, entre eles: SANTOS, Mario. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 10 de maio de 1999, (78 anos, aposentado). JESUS, Aldirio Simões. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 10 de mar. de 1999, (57 anos, ex-jornalista do jornal *AN Capital*). AMANTE, Francisco Hegídio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 20 de abr. de 1999, (66 anos, escritor).

<sup>150</sup> A visão de cortiço que aqui coloco é a visão literária, onde famílias amontoadas vivem em lugares minúsculos, com pouca privacidade e tendo que dividir, entre muitos, do tanque ao banheiro.

<sup>151</sup> MURPHY, Emmett. *História dos grandes bordéis do mundo*. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

próprios moradores da Vila Palmira, que, mesmo sendo habitantes de um único lugar, consideravam-se diferentes.

As proprietárias das boates na Vila eram respeitadas e até algumas delas admiradas pelas “pensionistas” e prostitutas que procuravam obedecer às regras estabelecidas e manter um clima cordial com suas superiores. Já as relações entre as prostitutas nem sempre eram cordiais. Como já dito, as mulheres das casas mais luxuosas normalmente mantinham um ar mais arrogante quando cruzavam o caminho das mulheres das casas mais humildes, aquelas destinadas aos que “alguma coisa” pudessem pagar. Conforme a senhora Ana Maria Coelho:

Eram normais brigas e insultos durante o dia na Vila Palmira. As fofocas eram constantes e quase sempre eram a causa dos conflitos que muitas vezes terminavam em tragédias. Eu lembro de uma mulher que morou e trabalhou aqui, na Vila Palmira, e foi parar no hospital quando se insinuou para o namorado de uma de suas colegas de trabalho. A briga foi feia e depois de muito apanhar ela sumiu da vila, onde estava sendo ignorada por todos os moradores<sup>152</sup>.

Analisando as palavras de Ana Maria, percebe-se que quando alguma mulher (prostituta) na Vila Palmira se recusava a cumprir alguma das regras de sobrevivências numa zona era ignorada e agredida pelas demais, que se juntavam em grupo para expulsar a “transgressora” do ambiente.

É importante perceber os princípios de diferenciação social que dividiam os moradores (as) da Vila Palmira e faziam com que os indivíduos e grupos de *status* mais elevado fossem representados como os melhores, enquanto aqueles (as) de *status* mais baixo, ou que não respeitavam os códigos estabelecidos, acabavam sendo estigmatizados, fazendo com que se sentissem inferiores.

De acordo com Norbert Elias, a rejeição entre os grupos era um elemento crucial na formação da identidade, pois um grupo é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e

---

<sup>152</sup> COELHO. Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. São José, 25 de maio de 2008.

utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante ao seu<sup>153</sup>.

Nas lembranças de vários moradores das cidades de Florianópolis e São José, a imagem da zona de prostituição Vila Palmira ainda é nítida. Permanece na memória dos saudosos, a lembrança de cada canto, de cada casa e de cada mulher que pela Vila passou e que, de certa forma, continua fazendo parte da história que muitas pessoas preferem não comentar, por ser tabu e terem pudores. Rememorar algumas destas histórias é transportar cada entrevistado a uma parte real de sua vida, parte esta que a moral social prefere desprezar, mas que persiste em renascer cada vez que se pergunta onde se localizava o divertimento dos homens nas décadas de 1960 até 1980. A maioria desses homens, sem distinção de classe, freqüentou o meretrício, principalmente nos seus primeiros 15 anos de funcionamento, e, portanto sabem detalhes curiosos e interessantes de seu interior, detalhes estes que trazem de volta histórias passadas.

O indivíduo que participa de uma entrevista, onde é evocada a memória de fatos que ocorreram em determinadas épocas, aciona as lembranças de maneira a selecionar, segundo a sua própria percepção, as ocorrências que para ele são relevantes. Logo, este indivíduo, através do uso da memória, tem a liberdade de escolher os fatos que irão construir a sua história. Corroborando com esta perspectiva, Ecléa Bosi comenta que a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Freqüentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão<sup>154</sup>.

Caracterizada na atualidade ainda como o “patinho feio” do conjunto de loteamentos que formam o Bairro Jardim Cidade de Florianópolis, em São José, a rua Célio Veiga (nome atual da rua em que foi instalada a Vila Palmira, na década de 1960), ainda hoje, mesmo sem

---

<sup>153</sup> ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, 224 p.

<sup>154</sup> BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 39.

mais existir a referida vila e contendo apenas algumas isoladas casas para o exercício da prostituição, é apelidada de “rua da zona” e das “putas”.



Foto 5: Imagem da Rua Célio Veiga, antiga Vila Palmira, sentido - Avenida das Torres → BR 101. (Agosto de 2008).  
Acervo: Maryana C Ferrari





Foto 6: Imagem da Rua Célio Veiga, antiga Vila Palmira, sentido – BR 101 → Avenida das Torres. (Agosto de 2008).  
Acervo: Maryana C Ferrari

Atualmente, algumas obras sanitárias já foram feitas nesta rua, onde prédios destinados à classe média foram construídos, embora seja possível afirmar que o estigma da prostituição continua ali presente. Ainda hoje, a rua é visualmente diferente das demais ruas vizinhas. Seu calçamento é mais modesto e necessita urgente de reformas e sua iluminação é precária. As casas e prédios que ali são construídos não conseguem ser vendidos pelo mesmo

valor que os prédios construídos nas ruas ao lado, mesmo que apresentem igual padrão de acabamento. Muitos galpões foram ali instalados e muitas casas mais modestas existem lá. Até uma pequena favela hoje se encontra no centro da Rua Célio Veiga, com remanescentes da antiga Vila de prostituição e novos moradores que não tiveram condições de adquirir imóveis melhores em outros lugares.



Foto 7: Nota-se que hoje, a rua Célio Veiga tem mais galpões instalados do que casas de famílias.  
Acervo: Maryana C Ferrari



Foto 8: No centro da rua Célio Veiga encontramos uma favela onde remanescentes da antiga Vila Palmira e pessoas com poucas condições financeiras moram.  
Acervo: Maryana C Ferrari



Foto 9: Casa onde mora atualmente, Ana Maria Coelho, mais conhecida como Ana Galega, antiga proprietária de boates e casas de prostituição na Vila Palmira.

OBS. Este terreno, localizado na Rua Célio Veiga, é o mesmo onde em 1960, Ana Galega instalou sua primeira boate.

Acervo: Maryana C Ferrari

A Rua Célio Veiga, mesmo estigmatizada, hoje se encontra em um local nobre de São José, perto de farmácias, supermercados, lojas diversas, etc. Eu mesmo acabo de adquirir um apartamento em uma rua paralela a antiga Vila Palmira e o interessante é que quando tento explicar onde estou morando para alguém que conhece as imediações o que mais escuto é: o teu apartamento fica perto da rua da zona?



Foto 10: Escadaria que separa a rua Célio Veiga da rua Domingos Pedro Hermes. Entre essas escadas, na década de 1960, localizava-se a boate do Orlando, à esquerda, e o restaurante do Idalino, à direita.

OBS. A casa da esquerda ainda hoje abriga mulheres que fazem da prostituição sua fonte de renda.  
Acervo: Maryana C Ferrari

Quem tem condições de escolher prefere não morar na rua Célio Veiga. Isto reafirma a representação da Vila Palmira como um lugar sujo e desprezível, onde múltiplos crimes aconteciam e milhares de homens se afundavam tanto no jogo quanto na luxúria exacerbada.

Segundo Paula Alves Padilha e Mônica Pereira, antigas moradoras da Vila, os órgãos responsáveis pelas obras públicas na região de São José não se interessavam em realizar melhorias no local e quando as beatas de Barreiros resolveram, juntamente com o padre local, reivindicar que a Vila Palmira fosse desativada, pois agredia os brios das “senhoras de bem”, os problemas relacionados a obras públicas pioraram consideravelmente.

No ano de 1976, o jornal Diário Catarinense trouxe uma reportagem sobre a prática da prostituição na cidade de Florianópolis, analisando a mentalidade e o comportamento de seus freqüentadores e de alguns vizinhos, num momento em que o bairro, para o qual a prostituição foi anteriormente destinada, encontrava-se em processo de urbanização e sua população já era muito grande.

#### **Prostituição ainda é problema na capital**

A prostituição legalizada, em Florianópolis, acha-se concentrada na chamada “Zona da Vila Palmira”, situada num dos bairros mais populosos da capital, Barreiros.

Há alguns anos atrás, as casas de tolerância estavam espalhadas por toda a cidade. Havia casas nos sacos dos limões, na Avenida Mauro Ramos (o famoso Portão de Ferro), em Capoeiras, no Mercado Público. Hoje, com a crescente urbanização e mais, por um problema de ordem moral, achou-se conveniente “esconder” as prostitutas. Entretanto, a prostituição em Florianópolis não se reduz somente à zona. Ela prolifera, tranqüilamente, nos bares, boates e gafeiras “familiares”, e mais do que nunca nas ruas centrais da cidade <sup>155</sup>.

Diante desta citação, fica clara a intenção do governo e de grande parte da sociedade em exterminar “parcialmente” a prostituição, em nome do progresso e do desenvolvimento econômico da cidade. Entretanto, este fato não ocorreu e as casas para divertimento, principalmente masculinos, não acabaram, visto que elas se espalharam pela cidade.

---

<sup>155</sup> Prostituição ainda é problema na capital. Diário Catarinense, DC Policial. Florianópolis, 13 de fev. de 1976, p. 5.

A notícia do jornal, citada acima, continua descrevendo a Vila Palmira,

A zona da Vila Palmira, por exemplo, hoje está em completa decadência, é freqüentada por operários e desocupados, a maioria marginais. A população de Barreiros tem razão quando exige sua desativação. Dirigida pelas “madames”, seguem ainda métodos antiquados e ditatoriais. As mulheres não podem largar o emprego enquanto não cumprirem, na íntegra, o contrato firmado entre a madame, a prostituta e o intermediário. Estigmatizadas e malvistas essas casas são horríveis. Por esse motivo, não é a toa que a prostituição tenta, atualmente, a uma posição mais livre e flexível. Pelo menos quanto aos métodos de trabalho e comércio já que os problemas inerentes à prostituição continuam os mesmos: uma chaga social, conseqüência da miserabilidade de que são vítimas as prostitutas. Nas ruas da cidade, elas na sua maioria adolescentes que buscam a equivalência dos valores intuídos pela classe média, transam livremente, à noite, em busca de um bom freguês que satisfaça seu estômago e vestidos novos. Geralmente, vivem agora em edifícios do centro da cidade, onde alugam apartamentos em regime de república.<sup>156</sup>

É bem verdade que a Vila Palmira entrou em decadência devido à mudança ocorrida na cidade, mas, sobretudo, pelas críticas agressivas (como a citada acima), que fomentavam ainda mais a já conturbada vida dos moradores da Vila e de seus clientes. No entanto, percebe-se que a prostituição não acabou; somente se espalhou, e até mesmo, ao considerar os dias atuais, ela se sofisticou.

---

<sup>156</sup> Idem.



Figura 11: Rua Célio Veiga (1991). Nesta rua, na década de 1960, localizava-se a Vila Palmira.

Nota-se que a rua ainda permanecia sem calçamento e com estrutura precária.

Estratégia do governo para expulsar as prostitutas da rua, pois elas agrediam a moral da vizinhança, que já era grande em São José.

Acervo do Jornal de Barreiros. (1999)

Com postes fincados no meio, antecipando a construção de uma avenida, a Vila depois da instalação das várias casas de prostituição, permaneceu abandonada pelo governo, que parecia querer livrar-se e esquecer desse problema social. Segundo Paula Alves Padilha, moradora da Vila desde sua instalação:

Apesar da total falta de atenção do governo no sentido de melhorar as condições de vida dos moradores da Vila Palmira, ruas esburacadas e freqüentes faltas de água,



luz e saneamento, seus dias eram agitados e suas noites eram intermináveis e cheias de visitantes<sup>157</sup>.

Já os códigos de moralidade, impostos pela sociedade de Florianópolis, eram de domínio geral, e conforme estudo historiográfico de Carla Bassanezi, sobre as mulheres nos anos dourados, décadas de 1950 e 1960, praticamente todos os integrantes da sociedade se sentiam aptos a julgar os comportamentos de rapazes e moças: os pais, os vizinhos os amigos, os educadores, os jornalistas, entre outros<sup>158</sup>. Estes exigiam atitudes preestabelecidas que deveriam ser cumpridas. Desta maneira, como já destacado, dos rapazes esperava-se que fossem viris; das moças eram cobradas virtudes expressas em recato moral, habilidades nas prendas domésticas, facilidade em se pronunciar com requinte e clareza e, principalmente, que permanecessem virgens até o casamento.

As mulheres que fugiam dos estereótipos de mulher recatada eram desprezadas, sendo as moradoras da Vila Palmira humilhadas e proibidas do convívio social diário. Dificilmente, depois de terem sido confinadas num isolado bairro de São José para serem impedidas de “sujar” o ideal de cidade limpa e higienizada, as prostitutas puderam livremente passear pela cidade, ir ao centro de Florianópolis ou fazer compras. Eram raras as que se atreviam a isso e com toda certeza passavam por alguns constrangimentos por esse motivo. Em outro trecho do depoimento de Paula Padilha, antiga prostituta da Vila Palmira, entende-se esse constrangimento:

Éramos ofendidas tanto no centro da cidade como nos arredores de nossas próprias casas. Quando foi inaugurada a igreja matriz de Barreiros, bem perto da vila, fomos expulsas de lá e quase agredidas pelos policiais. Para dizer a verdade, só éramos cumprimentadas e agradadas pelos homens dentro da Vila Palmira, pois fora dela fingiam não nos conhecer. É como se nosso território fosse lá. Fora da vila éramos evitadas e nos tratavam como se fôssemos portadores de algum tipo de doença contagiosa<sup>159</sup>.

---

<sup>157</sup> PADILHA, Paula Alves. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador do Jornal de Barreiros, abr. de 1991.

<sup>158</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

<sup>159</sup> PADILHA, Paula Alves. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, organizador do Jornal de Barreiros, abr. de 1991.

Uma mulher que se tornava prostituta era discriminada e evitada por quase todos os moradores da cidade. Ser encontrado ao lado de uma meretriz, em plena luz do dia e nos arredores sociais, fora de uma zona de meretrício, era inaceitável para aqueles que foram educados conforme costumes católicos e estritamente morais. Moças da sociedade deveriam permanecer longe das moças “perdidas” para que suas reputações não se ferissem e suas famílias não tivessem o nome manchado.

Mas os tempos foram passando, e o Brasil vivenciou, entre os anos de 1968 a 1974, o que podemos chamar de “milagre econômico” do século passado. O “milagre” provocou, pelas vias do investimento público e privado, um acentuado processo de crescimento em Florianópolis, trazendo consigo “grandes feitos” da engenharia. Desta forma, conforme Gláucia Dias da Costa:

Se na década de 1960 vemos emergir uma prática discursiva que desqualificava Florianópolis pelo seu “atraso” e “provincianismo”, nos anos de 1970, há uma inversão nesses discursos. Na medida em que a cidade começava a receber grandes obras como o aterro da Baía Sul, a ponte Colombo Salles, ligando a ilha ao Continente e a Avenida Beira Mar Norte, a capital catarinense passou a ser descrita por muitos cronistas como uma metrópole, chegando ao exagero de ser comparada com Nova York.<sup>160</sup>

Além das questões citadas pela autora acima, podemos citar, em Florianópolis a partir da década de 1960, a inauguração do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Trindade, que trouxe consigo um impressionante desenvolvimento urbano daquela área sendo estimulado pela construção civil e pelo comércio. Além disso, houve instalação da Eletrosul, no Bairro Pantanal, onde foram construídos alguns condomínios de classe média alta para atender aos funcionários que vinham transferidos de outras cidades, e a

---

<sup>160</sup> COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50,60 e 70 do século XX). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2004, p. 128.

construção da Via-expressa, fato que conseqüentemente criou, a partir de seus impactos espaciais, novos bairros ou reorganizaram os existentes.

Além desses impactos, determinados pela dinâmica dos investimentos públicos, Florianópolis também sentiu os efeitos da presença da indústria dos anos 1960 até final dos anos 1970, presença essa promovida principalmente através da ação de três grupos econômicos privados deste setor, sendo eles A.Gonzaga, Emedaux e Ceisa, que se julgam impulsionadores do progresso em Florianópolis<sup>161</sup>.

Já em 1980, viveu-se nacionalmente um período de recessão econômica, e, conseqüentemente, Florianópolis passou a sofrer seus efeitos. Um conjunto de favelas foram se espalhando pela cidade em decorrência da transferência da população rural, em busca de emprego, para os centros urbanos. O resultado do abandono do meio rural, juntamente com a multiplicação de pessoas que vinham de outros Estados investir em Florianópolis, ou para trabalhar, ou para morar, foi o crescimento populacional dos municípios vizinhos, que, tendo ainda bons terrenos á venda, ofereciam a possibilidade de viver perto da capital, pagando por isso um preço mais acessível.

Junto ao crescimento populacional de Florianópolis, a mentalidade das pessoas foi mudando também. Com a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o número de jovens que se transferiu para a cidade foi imenso e com eles formou uma mentalidade nova na cidade. Ainda conforme Gláucia Dias da Costa,

Outra mudança que ocorreu foi em relação aos divertimentos noturnos. A popularização de boates, aos moldes americanos, pressupunha uma nova experiência sensorial entre os jovens. Tal mudança reverberou, inclusive, no significado destes estabelecimentos, que deixaram de significar cabarés, ou zonas de prostituição. As boates da década de 1970, com suas luzes piscando, suas músicas em volumes altíssimos e suas bebidas estimulantes, tornaram-se atração na cidade e freqüentá-las passou a ser visto como status social. O primeiro estabelecimento deste tipo foi a “Scorpions”, inaugurada na década de 70 e a partir

---

<sup>161</sup> BOPRÉ, Afrânio Tadeu. **Expansão urbana em Florianópolis** – Conflito entre a cidade real e a cidade legal. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2003, p. 48.

daí muitos outros apareceram. Inclusive os clubes sociais Doze de Agosto e Lira também criaram suas boates.<sup>162</sup>

Não podemos esquecer que, no início da década de 1960, políticas internacionais voltadas à redução da população chegaram ao Brasil. A pílula anticoncepcional começou a ser comercializada no país em 1962, dois anos após ter sido aprovada nos Estados Unidos<sup>163</sup>, fazendo com que aos poucos as mulheres pudessem exercer sua sexualidade desvinculada da maternidade, além de poderem também escolher quando seria o momento certo para engravidar e até quantos filhos gostariam de ter. Conforme Joana Maria Pedro, a camada média urbana aderiu com rapidez ao mercado dos anticoncepcionais, o que gerou mudanças culturais significativas na sociedade.

A presença feminina cada vez mais forte no mercado de trabalho, nas políticas sindical e partidária, na exigência de cotas, na ocupação de cargos de destaque, tudo isso tem sido possível certamente graças as possibilidades, antes nunca alcançadas, de separar com mais segurança a sexualidade da reprodução. As mulheres tornaram-se independentes da vontade, ou da falta de destreza masculina no coitus interruptus, no uso do preservativo ou na abstinência. As pílulas sempre podem ser tomadas às escondidas, seja dos pais, do marido, do amante, seja até do líder da religião que estiverem seguindo.<sup>164</sup>

Então, com tantas mudanças ocorrendo, tanto na cidade quanto na vida dos brasileiros e brasileiras, Florianópolis também não deixou de sentir os efeitos culturais destas transformações. Sobre este aspecto, segundo a historiadora Roselane Neckel,

Nos anos de 1970, aumentou muito o número de publicações de revistas de “comportamento”, como se convencionou chamar aquelas que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal diante das mudanças advindas com a “revolução sexual” ou “liberação sexual”..<sup>165</sup>

<sup>162</sup> COSTA, G. D. da. Op. Cit, p.140.

<sup>163</sup> PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Humanistas Publicações, vol. 23, nº 45, 2003, p. 242.

<sup>164</sup> Idem, p. 253.

<sup>165</sup> NECKEL, Roselane. A ciência sexual moderna e a “verdade” sobre o sexo. In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Bornéo (org.). **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006, p. 161.

Também o movimento feminista, na década de 1970, levanta a bandeira do “nosso corpo nos pertence”, acalorando os questionamentos das mulheres em relação à sexualidade, à imposição de padrões estabelecidos sobre reprodução e incentivando a autonomia feminina sobre seus corpos e suas vidas. No que se refere a prostituição, o movimento feminista se opõe ao preconceito sofrido pelas mulheres, que esta profissão escolheram para suas vidas, pois, defende que as mulheres que prestam serviços sexuais não devem ser marginalizadas e devem ter direitos específicos. O movimento feminista ainda defende que devem ser criadas condições sociais e econômicas para quem quiser sair da prostituição.

Sendo assim, devido às várias transformações que estavam acontecendo na sociedade brasileira e também na capital catarinense, nos anos posteriores a 1970, as mulheres começam a se sentir prejudicadas com as constantes visitas de seus maridos à Vila Palmira. Nas famílias de baixa renda era comum que os homens gastassem todo o salário do mês com prostitutas e perdessem a noção do tempo nos braços daquelas que sempre estavam dispostas a serem gentis, bastando só pagar por isso. Vários depoimentos descrevem os “terríveis” momentos em que algumas mulheres permaneciam sozinhas, muitas vezes até semanas inteiras, esperando por notícias de seus maridos, que só voltavam ao convívio familiar quando sem dinheiro algum ficavam ou cansavam da total boemia em que estavam.

Conversando com dona Lola, uma senhora pobre e que praticamente sozinha criou cinco filhos, pois seu marido fazia da Vila Palmira literalmente sua residência, compreende-se quantas angústias também sentiam as mulheres que sabiam estar sendo traídas e que, muitas vezes com dificuldades, saldavam dívidas que seus maridos adquiriam em jogatinas e festas. Conforme o desabafo de dona Lola:

Tinha dias que eu estourava! Meu marido saía de casa na sexta-feira, todo perfumado, cheio de felicidade, e só voltava quando o salário do mês acabava e ele não tinha mais como sustentar as vagabundas da Vila Palmira. Uma vez ele chegou só de cuecas em casa, perdeu tudo no jogo e com mulher. Voltou cheio de razão, brigando com a gente, foi demais para mim. Antes que ele me agredisse,

joguei uma panela de caldo de camarão nele, que estava sentado no vaso sanitário, e falei que não queria ver nada sujo. Por incrível que pareça, ele limpou tudo<sup>166</sup>.

A história de dona Lola por certo não é a única. Através dela é possível perceber que as mulheres não eram tão submetidas assim ao domínio masculino e não aceitavam passivamente suas ausências. A história de dona Lola continua, quando ela conta que algumas vezes chegou ao extremo de sair de casa levando consigo seus cinco filhos para tentar viver sozinha. Por outro lado, a sociedade continuava lhe cobrando o papel de esposa, mãe e guardiã do lar, de modo que esta cobrança fez com que voltasse atrás em seus planos. Ainda hoje, ela e o marido estão juntos. “Agora eu cuido dele, está velho, doente e precisando de ajuda”, declara ela.

Tanto quanto dona Lola outras mulheres viam a prostituição como um empecilho para a tranquilidade de seus casamentos e, conseqüentemente, se manifestaram contra a permanência de lugares destinados a este ofício, principalmente quando estes se encontravam vizinhos a suas residências.

Sendo assim, chegou um momento em que a zona de prostituição, Vila Palmira, começou a incomodar os moradores de São José. Diferente de como era na década de 1960, quando foi instalado o prostíbulo, o município, em meados de 1970, crescia populacionalmente, sendo que nos anos de 1960 eram 31.192 habitantes; nos anos 1970 somavam 42.235; e em 1980 o número pulou para 87.817 habitantes<sup>167</sup>. Diante deste percentual, percebe-se que a Vila Palmira já não se encontrava mais num local desabitado e que sua vizinhança se incomodava com o que consideravam a bagunça e a desordem desta zona de prostituição.

---

<sup>166</sup> COELHO, Olaria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. São José, 01 de jun. de 1999. Na data da entrevista a depoente tinha 58 anos, (dona-de-casa)r.

<sup>167</sup> FARIAS, Vilson Francisco de. **São José**: 250 anos, natureza, história e cultura. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999, p. 113.

Paralelamente, estando localizada num lugar onde famílias circulavam, a discrição dos freqüentadores já se tornava impossível e esconder-se dos olhares curiosos e fofoqueiros era muito difícil. Os homens que não queriam ser apontados como boêmios e promíscuos deixaram de freqüentar a Vila e, conseqüentemente, o número de clientes que procuravam prazer nas noites do local foi diminuindo, contribuindo para sua total decadência.

Mecanismos utilizados para remover do bairro a indesejável Vila, passaram a ser freqüentes. Um grande e poderoso aliado dos descontentes com a localização da zona foi o padre local, que, durante muito tempo, sentiu como grande obstáculo para o desenvolvimento de Barreiros/São José a prostituição ali presente.

Padre Justino Corstjens era um sacerdote que, acima de tudo, trabalhava pela comunidade. A afirmação é de todos os fiéis que acompanharam seu empenho e sacrifícios. Segundo uma moradora de São José, que foi entrevistada pelo Jornal de Barreiros: “Dizem que se preocupava com as pessoas num todo, não só com a parte espiritual, por isso fazia constantes visitas a Vila Palmira no intuito de tentar "absolver" aquelas que eram julgadas pela comunidade como perdidas e sem alma”<sup>168</sup>.

A maior preocupação do padre Justino era de trazer a “paz” de volta aos lares das pessoas e para isso sua filosofia era levar a doutrina católica aos lares, embora antes desejasse que as pessoas tivessem melhores condições de vida. A construção da igreja matriz de Barreiros foi uma grande obra social, com repercussão em todo o Estado, e a campanha do padre Justino, vindo da Holanda, trazendo consigo recursos suficientes para finalizar construções na comunidade, fizeram toda a sociedade (e não apenas a referida moradora de São José) concordar com suas afirmações sobre a necessidade de acabar com a prostituição presente na Vila Palmira.

São palavras do padre Justino:

---

<sup>168</sup> Padre Justino - Minha vida está em Barreiros. Jornal de Barreiros. Especial. São José, ano 06 número 6 outubro/1996, p. 03.

Durante os vinte e cinco anos que trabalhei na comunidade de Barreiros/São José, grandes obstáculos cruzaram meu caminho e o maior de todos eles foi à zona de meretrício que ficava logo ali pertinho de mim. Era muita pobreza em todos os sentidos<sup>169</sup>.

No dia 11 de novembro de 1978, houve, na Vila Palmira, um grande entrevero entre senhoras da comunidade e prostitutas. Lideradas pelo padre Justino, as beatas, armadas de faixas e painéis, gritavam pela extinção da prostituição em sua comunidade. Segundo o jornal Diário Catarinense de novembro de 1978:

Briga entre senhoras da comunidade e garotas de programa acaba na delegacia com cinco feridos. A família precisa ser preservada e a prostituição na porta da casa de muitas senhoras traz consigo os desentendimentos. A prefeitura promete medidas para a transferência da zona.<sup>170</sup>

As prostitutas resistiram à tentativa de expulsão que sofreram no dia desse conflito, o que levou à prisão de cinco meretrizes por agredirem as senhoras com palavras e gestos repudiados pela moral ainda imposta. Conforme o mesmo jornal,

Fazendo gestos indecentes e usando palavras imorais as meretrizes da Vila Palmira ofenderam na manhã de ontem, senhoras fiéis à igreja e ocupadas com o lar e com a ordem social. Algumas moradoras do meretrício foram levadas à delegacia para depoimento e averiguação<sup>171</sup>.

No início da década de 1980, outros meios foram utilizados para o extermínio da referida Vila. A prefeitura do município de São José foi atuante e perseguiu os moradores e moradoras da Vila como nunca tinha feito antes. Na intenção de que aos poucos os bares e boates que ainda insistiam em explorar o ramo de prostituição no local fossem fechando, os órgãos responsáveis pela fiscalização dos alvarás de funcionamento abriram vários processos e determinaram o fechamento de diversas casas no local. Conforme Relatório da Coordenadoria de Fiscalização da Prefeitura de São José, em 19 de maio de 1980,

---

<sup>169</sup>Idem.

<sup>170</sup> Conflito entre beatas e prostitutas, acaba na delegacia. Diário Catarinense. DC Policial. Florianópolis: 12 de nov. de 1978, p. 07.

<sup>171</sup> Idem.



Caso da Vila Palmira: “Nos termos do Relatório do Senhor Professor Coordenador de Fiscalização, as primeiras providências já foram tomadas pela Prefeitura, suspendendo todo e qualquer Alvará para estabelecimentos comerciais da Vila Palmira até ulterior deliberação, bem como serão caçados os Alvarás dos estabelecimentos (bares) que fugiram das posturas municipais, transformando-se em antros de desocupados e viciados. Aguarda-se as decisões do Dr. Secretário do Bem Estar para outras providências conjugadas”<sup>172</sup>

Diferente de anos anteriores, quando a Vila Palmira estava situada em um lugar pouco habitado e longe dos olhares moralistas da sociedade, a prefeitura e os órgãos responsáveis pela fiscalização e cobrança de posturas não se importavam com os meios utilizados pelos moradores da zona para sua sobrevivência. Era comum a presença de médicos exigindo a realização de exames e de policiais procurando marginais que poderiam estar escondidos em alguma casa da Vila. Mas processos exigindo pagamento de multas porque as casas não tinham alvará da prefeitura para a exploração da prostituição era novidade no início da década de 1980. Foram encontrados diversos memorandos de fiscalização da prefeitura da São José, intimando e cobrando o fechamento de vários estabelecimentos, os quais as autoridades responsáveis julgavam transgressores da ordem que se pretendia estabelecer.

Em 09 de fevereiro de 1980, a senhora Dora Lúcia da Silva Padilha recebeu uma intimação para comparecer à prefeitura de São José e esclarecer as denúncias que haviam sido feitas sobre as mulheres que trabalhavam em seu bar. Segundo o Coordenador de Fiscalização que visitou o estabelecimento, o alvará de Dora Lúcia era apenas para a exploração de bar e as mulheres que permaneciam lá estavam apenas autorizadas a serem garçonetes, o que não estava acontecendo, pois os serviços das referidas moças se estendiam do bar aos quartos<sup>173</sup>.

Em 13 de maio de 1980, foi escrito um relatório, assinado pelo Coordenador de Fiscalização da Prefeitura de São José, o Prof. José Luiz Soblerajski, onde dizia ter realizado vistoria em alguns estabelecimentos da Rua Célio Veiga (Vila Palmira) e declarava ter

---

<sup>172</sup> SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de São José. Relatório de Aracídio de Freitas Barbosa. Secretário de Administração. 19/05/1980.

<sup>173</sup> SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de São José. Memorando nº 4/80. Alcides Farias. Coordenador de Fiscalização. 12/05/1980.

encontrado alguns deles funcionando com seus alvarás devidamente autorizados e outros persistindo em continuar transgredindo as ordens estabelecidas pelas autoridades municipais<sup>174</sup>.

Citando os nomes dos proprietários dos estabelecimentos, o relatório deixava claro quais seriam os bares que teriam suas portas lacradas rapidamente, pois provavelmente eram lugares que exploravam a prostituição e estavam sob os olhares insatisfeitos de quem queria exterminar a comercialização do sexo na Rua Célio Veiga, circundada por inúmeras casas de família que há muito já haviam se instalado no bairro.

Outro ponto importante a ser analisado é o fato de que para permanecerem com seus estabelecimentos abertos, depois de intimados pela Prefeitura por não terem seu alvará regulamentado pela municipalidade, as casas e bares precisavam pagar multas altíssimas, o que fazia com que a maioria dos estabelecimentos acabassem fechando suas portas ou continuassem agindo na clandestinidade. Esta, sem dúvida, foi outra estratégia da Prefeitura e das autoridades vigentes para acabar com a prostituição na Rua Célio Veiga e atender às exigências de uma comunidade que pedia o fim da decadente Vila Palmira.

Desejadas ou odiadas, as moradoras da Vila Palmira foram mulheres bastante solicitadas pelos homens, que só deixaram de freqüentar seus leitos quando já não se sentiam mais seguros, e temiam os comentários maldosos e olhares públicos quando estavam perto de prostitutas. Foi muito comum, depois da rápida urbanização de São José e da conseqüente construção de casas de família nos arredores da Vila Palmira, estourar comentários maldosos sobre esses ou aqueles homens, que, fazendo parte da “fina flor” da sociedade de Florianópolis, fossem surpreendidos em um bordel.

Palco de paixões, ilusões, desejos, violências, sofrimentos, exclusões, construções de gênero, a Vila Palmira é lembrada com saudade por todos os homens que na época viveram e

---

<sup>174</sup>SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de São José. Memorando nº 35/80. José Luiz Soblerajski. Coordenador de Fiscalização. 13/05/1980.

lá se divertiram. Fazendo parte de um mundo de divertimentos particularmente masculino, é muito instigante recuperar essa história de tantos conflitos, onde a luta da moral e dos bons costumes, pela integridade social da família, é associada à discriminação e a rejeição para com as prostitutas, quando estas se encontram fora de seu mundo, o meretrício.

Externamente odiadas e internamente solicitadas, as mulheres da Vila Palmira protagonizavam as noites das décadas de 1960 a 1980, na grande Florianópolis. Mesmo isoladas, estão presentes nas representações de todas as famílias deste período, seja por promoverem o divertimento de seus homens, seja por desprezarem a moral instituída pelos conservadores, seja nos conflitos conjugais que provocavam. De qualquer forma, a Vila Palmira foi importante na história da cidade e, se vista como benéfica à diversão masculina ou aterrorizante para as mulheres traídas, instruídas nos moldes morais da Igreja, construiu um imaginário que continua presente nas memórias masculinas, como também é lembrada como lugar de perdição. Durante aproximadamente 20 anos, na memória resignificada das pessoas, a Vila Palmira construiu imagens, provocou intrigas, permitiu paixões, e é referência de prostituição nas cidades de Florianópolis e São José.

Na metade da década de 1970, este local já se encontrava em processo de decadência, pois o centro das atenções dos boêmios da cidade não se vinculava mais à Vila, pelo fato de já existirem outros meios de lazer, como boates e bares noturnos que gradativamente conquistavam adeptos. Conseguir prazer nos braços de meretrizes já se tornava possível em vários lugares; a prostituição não se concentrava mais somente na Vila Palmira, e até a mentalidade das mulheres "honestas" começavam a mudar, permitindo certas intimidades com seus maridos e namorados e não mais admitindo, com tanta naturalidade, a incessante procura dos homens a prazeres secretos em zonas de prostituição. Afinal, a facilidade com que as mulheres urbanas podiam adquirir contraceptivos nas farmácias, os quais garantiam eficazmente a separação entre a sexualidade e a reprodução, fez com que o medo de

engravidar já não assombrasse tanto quanto antes as mulheres das camadas médias urbanas e também as mulheres das camadas populares, que poderiam adquirir gratuitamente contraceptivos em postos de saúde<sup>175</sup>.

Com a total falta de prestígio e repleta apenas de casas mais humildes, que não tinham condições de mudar suas instalações, a Vila Palmira sofria represálias de todos os lados, objetivando sua extinção. Notícias de jornais eram freqüentes, informando a insatisfação dos seus moradores vizinhos. Conforme o Diário Catarinense de outubro de 1978:

Mulheres honestas já não conseguem mais conviver ao lado do meretrício que expõe por todos os lados a imundice e a perversão sem limites de seus moradores. Para uma melhor educação de seus filhos e uma maior tranquilidade de seus lares, sendo que a vila é um lugar extremamente perigoso, onde bandidos procurados se escondem e drogas são vendidas à luz do dia, as senhoras pedem a prefeitura a mudança imediata da Vila Palmira e de suas moradoras<sup>176</sup>.

Outra notícia, de 17 de outubro de 1978, argumentava sobre o apoio que a Secretaria de Segurança Pública objetivava proporcionar à Prefeitura de São José, para o combate a libertinagem sem controle do meretrício e sua conseqüente mudança do Bairro:

A prostituição está incomodando e tirando a tranquilidade das pessoas de bem que nos arredores da Vila Palmira moram, desta forma aceitando que a família precisa ser preservada a prefeitura terá total ajuda no sentido de estabelecer à ordem, tirando do convívio familiar as meretrizes.<sup>177</sup>

Ainda sobre a decadência da Vila Palmira, segundo o depoente Aldirio Simões:

Aos poucos, então, a Vila Palmira foi acabando. As casas mais luxuosas já estavam sem recurso, devido à ausência dos poderosos freqüentadores e clientes, que agora tinham receio de serem descobertos na vila, como também devido às pressões da igreja e das famílias, apoiadas pela prefeitura, até as casas populares da vila se encontravam em estado de decadência<sup>178</sup>.

<sup>175</sup> PEDRO, Joana Maria. Mulheres. In: PINSKY, Jaime (org.). **O Brasil no contexto: 1987 – 2007**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 172.

<sup>176</sup> Movimento pede mudança do meretrício. Diário Catarinense. DC Policial. Florianópolis, 12 de out. de 1978, p.06.

<sup>177</sup> SSP, diz que apóia a prefeitura para mudança do meretrício. Diário Catarinense. DC policial. Florianópolis, 17 de out. de 1978, p.11.

<sup>178</sup> JESUS, Aldirio Simões. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari. Florianópolis, 10 de mar. 1999.

Algumas casas de prostituição ainda hoje se encontram na rua onde funcionou a Vila Palmira, embora o meretrício esteja em completa desativação. As prostitutas que lá moravam, em sua grande maioria, foram-se mudando para outros locais, umas instalaram-se em outras cidades, outras abriram casas menores e mais discretas, e muitas delas voltaram às ruas para exercer seu ofício, a prostituição, nos vários cantos da cidade.

Até hoje a Avenida Célio Oliveira da Veiga permanece com alguns pontos sem calçamento, enquanto ao seu redor todas as ruas já são pavimentadas. À sua volta o bairro cresceu, um condomínio de apartamentos foi construído em meio a belas residências e o comércio prosperou, são várias as igrejas que lá se instalaram, sendo que o contraste chega a chocar. Segundo funcionários da Prefeitura de São José, o prefeito Germano Vieira, em seu segundo mandato (1983–1988), desprezou o local, não permitindo a menor infra-estrutura, tentando, assim, expulsar as prostitutas e aqueles que viviam de sua exploração. Onde era a casa de Maria Barbosa, a casa mais luxuosa e famosa da Vila Palmira, hoje está instalada uma loja maçônica<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> As marcas não se apagam na Célio Veiga. Jornal de Barreiros. Especial. Ano 01, nº 04 setembro/1991, p. 07.



Foto 12: Loja Maçônica localizada na rua Célio Veiga. Na década de 1960 este era o local onde se localizava a casa de Maria Barbosa, a primeira casa de prostituição da Vila Palmira.  
Acervo: Maryana C Ferrari

Mesmo rememorando com saudades os tempos de auge da Vila Palmira, ou seja, décadas de 1960 e 1970, os seus antigos frequentadores admitem que, hoje, as opções de divertimento na Grande Florianópolis são mais diversificadas e oferecem vários outros atrativos de lazer. É importante perceber que mesmo não existindo mais o ambiente de prazeres e delícias descritos por muitos dos entrevistados, mesmo que a moral imposta pela sociedade tenha determinado sua extinção, com certeza os homens e também as mulheres continuarão buscando realizar suas fantasias em suas relações.

Diariamente, é só abrir as páginas dos jornais que se encontram “garotas e garotos bonitos (as) e inteligentes”, oferecendo serviços sexuais por dinheiro. Andando nas principais ruas do centro de Florianópolis, constata-se, sem dificuldade, a presença de meninas e meninos, às vezes até menores de idade, que se prostituem por alguns trocados.

A Vila Palmira ficou no passado e fez parte das tramas de Florianópolis e São José, de seus conflitos, de seus medos, de seus desejos. Atraiu a população masculina, despertou raiva na maioria das senhoras que se sentiam prejudicadas com sua existência, oportunizou construção de masculinidade e a fúria da Igreja. Investigar as tramas desta Vila, interpretar os conflitos, e conhecer um pouco de seu interior se faz necessário à medida que contribui para recuperar uma parte da história de Florianópolis e São José, história esta que os moralistas tentam colocar no esquecimento.

Este estudo é fruto das reflexões que a autora vem fazendo desde sua graduação em 1999, visto que se considera de extrema importância para o estudo das relações de gênero este tipo de pesquisa, onde o imaginário masculino sobre as prostitutas remonta a análises diversas. Trabalhar com história oral trouxe os caminhos para buscar a memória das pessoas, homens e mulheres, que tiveram algum envolvimento, direto ou indireto, com a Vila Palmira, percebendo seus modos de pensar, seus preconceitos e seus medos. As análises da Vila, as interpretações de seus fatos banais ou importantes e suas explicações foram indispensáveis para perceber papéis estipulados por uma sociedade centrada ainda no masculino. E cabe a esse tipo de história, a estas memórias, “destruir parâmetros muitas vezes considerados como naturais e eternos”<sup>180</sup>.

---

<sup>180</sup>DIAS, M. O. L. da S. Op. Cit. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1992. Neste texto a autora escreve sobre a importância do estudo do cotidiano para se conhecer o novo, o subjetivo. Para ela, os sujeitos são distintos, são específicos e particulares. Por este motivo, merecem que suas histórias sejam analisadas e estudadas com suas devidas distinções, independente da perspectiva de uma classe dominante.



Figura 13: Fábrica de uma famosa marca de batata palha de Florianópolis e São José, localizada na rua Célio Veiga.

Acervo: Maryana C Ferrari



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Andando no centro de Florianópolis, em uma tarde de segunda-feira, dia 07 de abril de 2008, fui abordada por um garoto, com idade aproximada de 18 anos, que me entregou um panfleto inesperado. Em letras grandes anunciava Vanessa, loira gostosa, cheirosa, corpo escultural e que se oferecia para atender, *sem preconceitos*<sup>181</sup>, eles, elas e casais. Naquele momento, fiquei surpresa, pois percebi que a prostituição na atualidade se mostra de uma maneira muito diferente daquela analisada neste estudo e também bem diferente da prostituição de bem poucos anos atrás. Hoje, a oferta livre da prostituição está escancarada no centro da cidade e em todos os lugares, onde garotas e garotos de programa oferecem seus serviços através de panfletos, jornais e por telefone, não somente para os homens, mas também para as mulheres que por elas e eles quiserem pagar.

Os anos passam e com eles algumas vertentes consagradas vão-se rompendo. O modelo determinado socialmente, que consagra as relações heterossexuais monogâmicas como normais e adequadas aos papéis masculinos e femininos, vão perdendo forças à medida que movimentos como o feminista ou o da diversidade (gay) conquistam mais adeptos e incentivam parte da população a aceitar todos os tipos de relacionamentos sexuais. Hoje é normal, embora ainda choque muitas pessoas que passam por lá, na Rua Trajano, (centro de Florianópolis) em frente à lanchonete Bobs, encontrar meninos e meninas do mesmo sexo aos beijos e não fazendo questão alguma de esconder suas opções sexuais e seus relacionamentos homossexuais. Também nesta rua, uma das mais movimentadas do centro da capital, é freqüente a oferta da prostituição masculina e feminina, que livremente ganha espaço entre os pedestres.

Entretanto, ainda no ano de 2008, estamos inseridos em uma sociedade impregnada por códigos e valores que limitam comportamentos, principalmente no campo da sexualidade. A

---

<sup>181</sup> Grifo meu.

prostituição ainda é considerada uma prática marginalizada e a mulher que dela se utiliza para ganhar seu sustento é tida como deformadora do papel feminino, dos ideais de boa mãe e dona-de-casa respeitável.

Atualmente, a prostituição não está mais concentrada em vilas ou em lugares destinados ao controle médico e policial; também não é mais considerada uma “prática necessária” para iniciar sexualmente rapazes que não podem desrespeitar as garotas “honestas” da sociedade. Com as mudanças advindas da “liberação sexual”, a partir das lutas e conquistas do movimento feminista, as mulheres são donas de sua própria sexualidade e sabem como-embora algumas ainda não consigam livrar-se de preconceitos religiosos ou moralistas-podem fazer de seu corpo objeto de prazer, sem a preocupação de uma gravidez indesejada ou do contágio de uma doença sexualmente transmissível.

Várias foram as mudanças ocorridas em Florianópolis desde as décadas de 1960 e 1970. Os reformadores sociais que almejavam transformar a capital catarinense em uma cidade turística e desenvolvida alcançaram seus objetivos, e hoje temos um grande número de pessoas de outros estados brasileiros ou mesmo alguns estrangeiros, que escolhem passar suas férias aqui, explorando as potencialidades naturais, culturais e arquitetônicas do lugar, sendo que alguns turistas gostam tanto do que encontram que resolvem investir na cidade e transformar Florianópolis em seus lares.

Desta forma, observa-se, desde a década de 1980, o grande crescimento do setor imobiliário em Florianópolis, trazendo conseqüências negativas bastante acentuadas. Com o grande número de pessoas vindas de outros lugares para fixar moradia na cidade, consolidou-se uma subdivisão que constituiu duas cidades em uma: a cidade dos ricos e a cidade dos pobres. Vários são os morros da capital que abrigam pessoas que não conseguiram emprego e diversos bairros pobres possuem um contingente de pessoas em moradias precárias e sem condição alguma de higiene.

Percebe-se que as intenções do governo em transformar Florianópolis em uma cidade turística e preparada para receber ilustres visitantes se concretizaram, embora também tenha arrastado boa parte da população pobre do local para lugares insalubres, condenando muitos velhos e novos moradores do local à marginalidade, pois, sem trabalho nem ajuda governamental, muitos acabam cometendo delitos. Esta nova cidade que vimos Florianópolis se transformar, apesar de linda, há muito já se mostra perigosa.

Nos jornais das décadas de 1960 e 1970, nota-se a vontade das autoridades e das elites locais em modernizar e limpar a cidade, e para isso precisavam excluir do centro aqueles que eram considerados inadequados e imorais, como mendigos, bêbados e principalmente as prostitutas. Hoje, os jornais não cansam de trazer notícias sobre o caos que tomou conta de Florianópolis, com todos os problemas que uma metrópole moderna tem: constantes assaltos, seqüestros relâmpagos, assassinatos e pobreza exacerbada.

A prostituição que se tentava esconder em vilas controladas e vigiadas espalhou-se por todos os cantos e a cidade turística que se objetivava fez crescer o número de garotas e também de garotos que aderiram ao ofício da prostituição os quais, muitas vezes se tornam também atração dentro do turismo sexual. O turismo, para Florianópolis, foi visto como a grande “Indústria do Futuro”, e começou a receber investimentos, sendo sempre citado como a solução para as crises financeiras além de ser um segmento econômico com grande perspectiva de crescimento, embora este crescimento tenha trazido consigo todos os problemas que as cidades desenvolvidas e muito visitadas por turistas têm: marginalização dos menos favorecidos e prostituição, até mesmo de adolescentes, só a título de exemplo.

Por causa das intenções turísticas, nas décadas de 1960 e 1970, em Florianópolis as prostitutas sofreram inúmeras perseguições e foram confinadas em uma vila, para onde foram levadas todas as casas destinadas à prostituição. A Vila Palmira, localizada no município de São José, foi formada para excluir do convívio social as mulheres que eram consideradas um

empecilho ao projeto de cidade “saudável” e desenvolvida a que se ambicionava. Analisando a formação e o interior desta Vila, podem ser observados alguns processos de construção de diferenças, tanto de classe como de gênero, e legitimações de desigualdades. Nessa sociedade, “mulheres honestas” se julgavam superiores às prostitutas e as próprias moradoras da Vila estabeleciam entre si relações de poder, sendo que as prostitutas das casas mais luxuosas inferiorizavam as outras das casas mais simples. Também os clientes eram estigmatizados por suas condições financeiras.

Diferentemente de outros estudos conhecidos sobre a prostituição, esta análise do interior de uma Vila destinada aos divertimentos masculinos, controlada e vigiada por órgãos competentes, possibilita desvendar relações humanas que estão sempre em processo, isto é, relações entre homens e mulheres que conviveram uns com os outros de modo conflituoso e que, durante as décadas de 1960 e 1980, em Florianópolis e São José, construíram relações de poder que ainda hoje se atualizam, enfraquecem ou se fortificam.

Nas boates e bares da Vila Palmira, eram inúmeros os homens que passavam horas e até dias jogando cartas, divertindo-se nos braços de prostitutas e assistindo aos *shows* que as casas proporcionavam, formando assim um espaço de sociabilidades masculinas. Muitas das mulheres que ficavam em casa enquanto seus maridos se divertiam nos salões da Vila Palmira não foram passivas nem indiferentes. Com as armas que possuíam, tentavam intimidá-los e impedi-los de gastar o dinheiro do mês na “farra”. Algumas usavam a chantagem emocional; outras eram mais agressivas, e algumas até inventavam doenças.

Já os homens, ludibriando ou não suas namoradas ou esposas, marcavam presença na Vila, principalmente aos finais de semana, quando lá as festas eram mais divertidas. Não importava a classe social a que pertencia o moço, na Vila Palmira existia opções para todos os bolsos. A casa de Maria Barbosa era a mais luxuosa, as garotas eram as mais arrumadas, as bebidas que eram servidas eram de melhor qualidade e a privacidade para os “figurões”, que

na casa quisessem se divertir, era garantida, embora o preço fosse sem dúvida maior que nas outras casas que ali existiam. Para aqueles que pouco dinheiro tinham também eram muitas as opções de divertimentos, desde bares com garçonetes semi-nuas até casas que não faziam distinção de clientes. Embora todas as classes sociais tenham freqüentado a Vila Palmira, as diferenças eram construídas e marcadas. Algumas casas recebiam todos; outras eram destinadas a poucos.

Também as próprias moradoras da Vila Palmira eram marcadas pela discriminação e por construções de diferenças. Primeiro, todas as prostitutas eram impedidas de freqüentar lugares públicos na cidade, onde pudessem constranger “senhoras honestas” e todos aqueles que não admitiam contato com elas. Sendo assim, eram discriminadas e excluídas socialmente. Segundo, dentro do próprio meretrício, as mulheres que moravam nas mais luxuosas casas e se vestiam melhor humilhavam e destrataavam aquelas que nas casas mais simples trabalhavam. Esse conjunto de representações formuladas em torno das mulheres que exercem a prostituição provocou diversas manifestações de violência.

Na década de 1980, passeatas e protestos diversos aconteceram para que a Vila Palmira de Barreiros/São José fosse desativada. Atitudes violentas também foram tomadas. Incentivadas pelo padre local, várias beatas da comunidade, onde o meretrício se encontrava, faziam passeatas e chamavam pessoas de “família” para juntos brigarem pela extinção do meretrício. Nessa época, quando a Vila já estava abandonada, e poucas casas continuavam exercendo o ofício da prostituição os jornais eram enfáticos em afirmar que não se podia mais admitir, junto a casas de pessoas descentes, uma vila de prostituição onde bandidos e delinquentes se escondiam da polícia. Mais uma vez era preciso limpar um local considerado impróprio e sujo, devido à prostituição.

Portanto, o que podemos tirar de todas as informações coletadas durante esta pesquisa é que, na década de 1960, a intenção dos poderosos - ou seja, eliminar da cidade aqueles que

eram julgados como impróprios para a existência de uma cidade desenvolvida e preparada para o turismo - surtiu resultados apenas temporariamente. A Vila Palmira foi criada e abrigou, durante duas décadas, a prostituição da cidade. Mas com o crescimento da população urbana, novas questões foram surgindo. A partir do momento em que as mulheres tomam conhecimento e se utilizam da pílula anticoncepcional começam a exercer de maneira mais livre sua sexualidade e com isso passaram a ser poucos os garotos que deveriam procurar casas de prostituição para suas experiências sexuais e sua comprovação de virilidade. Mesmo assim a prostituição não terminou. Muito pelo contrário, ela se espalhou. E hoje, pessoas interessadas podem pagar para obter prazer e não precisam procurar muito; panfletos lhes caem nas mãos. Não há mais Vilas Palmiras. Este tipo de serviço não está mais localizado num único lugar. Está difuso e sem localização certa.

## FONTES

### JORNAIS:

**DIÁRIO CATARINENSE.** Florianópolis, 1973, 1974, 1975, 1978.

**DIÁRIO CATARINENSE.** Florianópolis, Suplemento DC Documento, 29/03/1996.

**JORNAL DE BARREIROS.** São José, 09/1991, 10/1991, 04/1996.

**O ESTADO.** Florianópolis, 1961, 1962, 1963, 1965, 1977, 1978.

### ENTREVISTAS

1 – JESUS, Aldírio Simões de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de março de 1999. Na época o senhor Aldírio tinha 57 anos. Era morador de Florianópolis, ex-jornalista do jornal AN Capital. (Já falecido).

2 – MACEDO, Edinéia. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 15 de abril de 1999. Na época a senhora Edinéia tinha 40 anos. É moradora de Florianópolis.

3 – AMANTE, Francisco Hegídio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 20 de abril de 1999. Na época o senhor Francisco tinha 66 anos. É morador de Florianópolis, escritor.

4 – SILVA, Hamilton. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 30 de abril de 1999. Na época o senhor Hamilton tinha 70 anos. É morador de Florianópolis, taxista aposentado.

5 – SANTOS, Mário. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 13 de abril de 1999. Na época o senhor Mário tinha 78 anos. É morador de Florianópolis, taxista aposentado.

6 – ANDRADE, Norma Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 02 de junho de 1999. Na época a senhora Norma tinha 75 anos. É moradora de Florianópolis, dona-de-casa.

7 – COELHO, Olária. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 01 de junho de 1999. Na época a senhora Olaria tinha 58 anos. É moradora de São José, dona-de-casa.

8 – MORGA, Antônio Emílio. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 22 de agosto de 2001. Na época o senhor Antônio tinha 45 anos. É morador de Florianópolis, professor.

9 – ARAUJO, Orestes de. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 10 de maio de 2001. Na época o senhor Orestes tinha 65 anos. É morador de São José, organizador do Jornal de Barreiros.

10 – PADILHA, Paula Alves. Entrevista concedida a Orestes de Araújo, em abril de 1991. Na época a senhora Paula tinha 69 anos. É moradora de São José, ex-prostituta da casa de Maria Barbosa na Vila Palmira.

11 – PEREIRA, Maria de Lourdes. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 13 de abril de 2007. Na época a senhora Maria de Lourdes tinha 70 anos. É moradora de Florianópolis, dona-de-casa.

12 – PEREIRA, Mônica. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 01 de maio de 2007. Na época a senhora Mônica tinha 65 anos. É moradora de São José, proprietária de um salão de beleza.

13 – COELHO, Ana Maria. Entrevista concedida a Maryana C Ferrari, em 25 de maio de 2008. Na época, a senhora Ana Maria tinha 79 anos. É moradora de São José, ex-proprietária de boates na Vila Palmira e hoje aposentada.

### **FOTOS:**

Acervo particular da Senhora Ana Maria Coelho – 2008

Acervo do Jornal de Barreiros - 1999

Acervo particular Maryana C Ferrari - 2008



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS E ARTIGOS

ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, Djanira M. Martins de. **Hercílio Luz**: uma ponte integrando Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1981.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 1989. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1989.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BITENCOURT, João Batista. Cidades em Movimento. In: Brancher, Ana (org.). História de Santa Catarina: estudos Contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BOPRÉ, Afrânio Tadeu. **Expansão urbana em Florianópolis** – Conflito entre a cidade real e a cidade legal. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edeesp, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOSI, Ecléia. **Memórias e sociedade**: lembrança de velhos. 13. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRANCHER, Ana. (org.) **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. V. 1.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis**: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados. São Paulo: IEA - USP V 5, n. 11, janeiro/abril. 1991.

COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50,60 e 70 do século XX). 2004. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectivas históricas e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os estabelecimentos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FARIAS, Vilson Francisco de. **São José**: 250 anos, natureza, história e cultura. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

FERRARI, Maryana Cunha. **Vila dos prazeres**: prostituição e imaginário masculino em Florianópolis nas décadas de 60 e 70. 1999. Monografia (Graduação em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

FERREIRA, Sergio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998.

FLORES, Maria B. Ramos. A medicalização do sexo ou do amor perfeito. In: SILVA, Alcione Leite da. (org.) **Falas de gênero**. Florianópolis: Das mulheres, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra Filosofia, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LONH, Reinaldo. Pontes para o futuro. **Relação de poder e cultura urbana – Florianópolis 1950 a 1970**. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MACEDO, Ana G.; AMARAL, Ana L. (orgs). **Dicionário da crítica feminista**. Afrontamento, 2005. Coleção Dicionários.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MATOS, Maria Izilda S. **Nas fronteiras da História: a cidade iluminada**. In: Anais do XX Simpósio da ANPUH. São Paulo: Humanistas/FFLCH, 1999.

MINI-DICIONÁRIO Aurélio da língua portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

MURPHY, Emmett. **História dos grandes bordéis do mundo**. 2. ed. Porto Alegre: Editora:Artes e Ofício 1994.

NECKEL, Roselane. A ciência sexual moderna e a “verdade” sobre o sexo. In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Bornéo (org.). **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NONNENMACHER, Marilange. **Um lugar de memória: Rua Conselheiro Mafra no século XX**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n° 54, jul./dez., 2007.

\_\_\_\_\_. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. IN: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Humanistas Publicações, vol. 23, n° 45, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994.

\_\_\_\_\_. Mulheres. In: PINSKY, Jaime (organizador). **O Brasil no contexto: 1987 – 2007**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. Relações de gênero na pesquisa histórica. Revista Catarinense de História, n. 2, 1994.

PELUSO Jr, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 3° fase, n. 3.

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas: mulheres e cotidiano em Florianópolis (1900-1940)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 1996.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n: 10, 1992.

PRODANOV, Cleber C.; SCHEMES, Cláudia **Possibilidade do uso da história oral na pesquisa sobre memória e identidade de Novo Hamburgo**. São Paulo: Universidade São Paulo, s/a. p. 4. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Cleber%20Cristiano%20Prodanov;%20Claudia%20Schemes.pdf>. Acesso em: 25 de nov/2007.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostitutas e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANSONAWICZ, Onice. **De penteadeiras e outras histórias**: prostituição em Itajaí nas décadas de 40 a 70. Projeto de pesquisa: DAPE/FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 1999.

SCHPUN, Mônica R. (org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Enélio Alcides da. Violência sexual na cadeia: honra e masculinidade. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: UFSC, 1997.

SILVA, Tatiana R. R. **Prazer e Violência no âmbito da Prostituição Feminina em São Luiz**. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão. São Luis, 2005.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

VICENT, Gérard. A prostituição. In: ARIÉS, P.; DUBY, G. (org.). **História da Vida Privada**. V. 5. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

**ANEXOS**